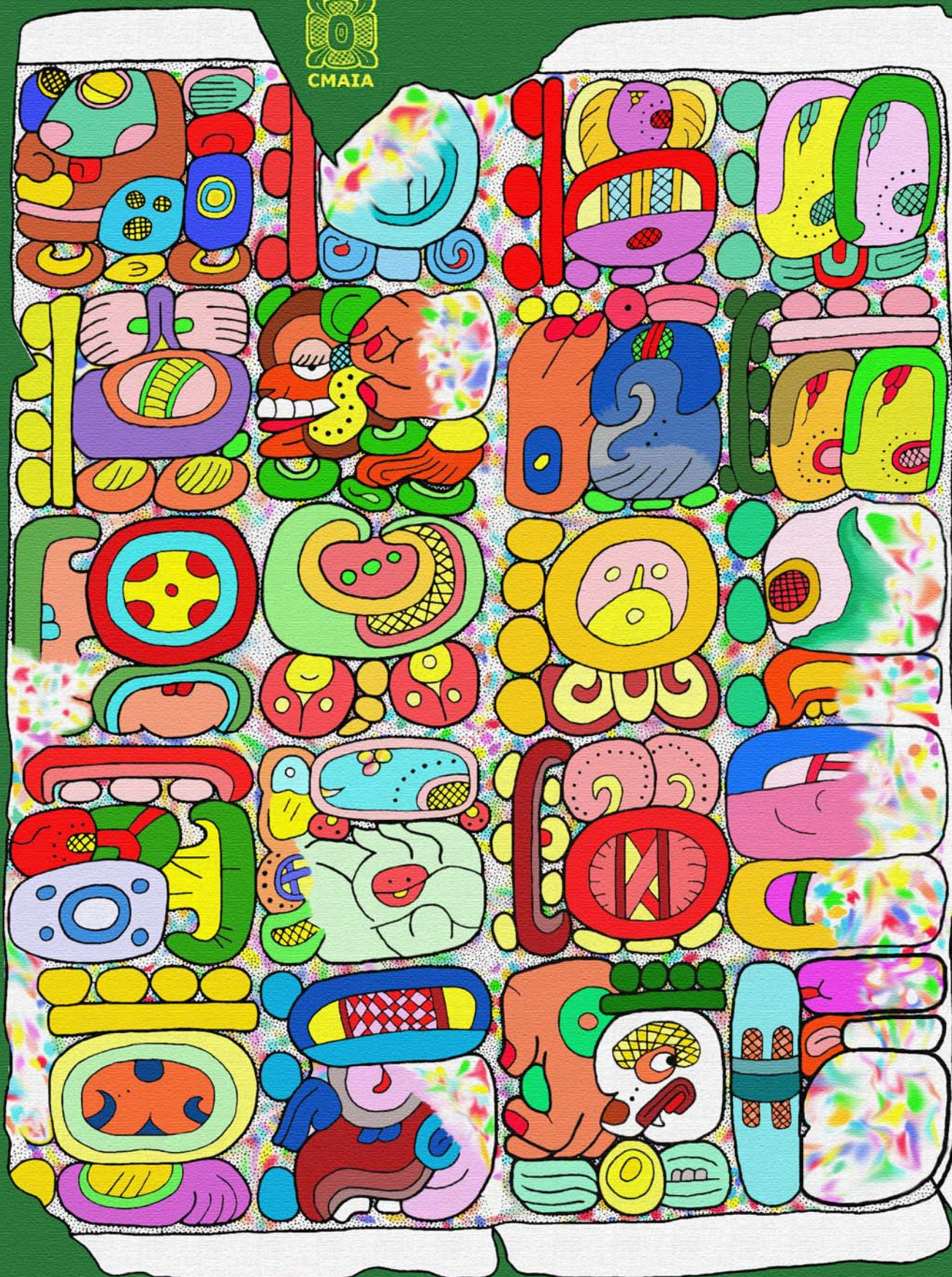


CALENDÁRIO MAIA, 2012 E NOVA ERA

PROJETO



CMAIA



ISBN 978-85-914051-0-7



9 788591 405107

Thiago José Bezerra Cavalcanti

CALENDÁRIO MAIA, 2012 E NOVA ERA



THIAGO JOSÉ BEZERRA CAVALCANTI

CALENDÁRIO MAIA, 2012 E NOVA ERA

1ª Edição

Niterói
Edição do Autor
2012

Copyright 2012 Thiago José Bezerra Cavalcanti
CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO!



Obra textual sob licença *Creative Commons*

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 3.0 Unported License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0> or send a letter to Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Atribuição CC BY

Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e construam sobre a sua obra, mesmo comercialmente, desde que lhe deem crédito pela criação original. Esta é a licença mais aberta dentre as oferecidas. Recomendado para ampla divulgação e utilização dos materiais licenciados.

NOTA

A licença é referente apenas aos textos de autoria de Thiago José Bezerra Cavalcanti. Os textos de autoria de terceiros não estão incluídos na licença, bem como as imagens utilizadas nas capas e ao longo do texto, que possuem direitos reservados a terceiros. O autor apenas obteve permissões especiais para um uso não-exclusivo e sem fins comerciais das imagens contidas neste livro. Cada imagem está acompanhada de seu devido *copyright* no corpo do livro.

Produção editorial e revisão:

Thiago José Bezerra Cavalcanti
Maristela Zancan

Imagens:

Maristela Zancan (capas)
Sven Gronemeyer (capas, coleção pessoal)
Mark Van Stone (capas, coleção pessoal)
FAMSI (coleções John Montgomery e Linda Schele)
Justin Kerr (catálogo *Maya Vase*)

CIP - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C376c Cavalcanti, Thiago José Bezerra
Calendário maia, 2012 e nova era. / Thiago José Bezerra
Cavalcanti – Niterói, 2012.
184 p.

ISBN 978-85-914051-0-7

1. Maias - História 2. Índios – América Latina - História 3.
Civilização Maia 4. História I. Título.

CDU 972.015

**Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Laura do Canto
Carvalho -CRB-10/1215**

Sumário

Sumário	7
PARTE 0 – <i>Majuk'utaj</i>	11
Agradecimentos	13
Prefácio	15
Capítulo 0 – Introdução	21
0.1 – Informações básicas	21
0.2 – Herança mesoamericana	23
0.3 – Fontes maias	25
PARTE 1 – CALENDÁRIO MAIA	27
Capítulo 1 – Matemática maia	29
1.1 – Matemática, escrita e história: a instituição da etnociência	29
1.2 – Base, representação e organização numérica	34
1.3 – Deuses-dígitos	36
Capítulo 2 – Sistema calendárico	39
2.1 – Série inicial	39
2.1.1 – <i>Choltun</i>	40
2.1.2 – <i>Tzolk'in</i>	45
2.1.3 – <i>Ja'ab'</i>	47
2.1.4 – <i>Junab'</i>	55
2.2 – Série suplementar ou complementar	58
2.2.1 – Senhores da noite ou <i>B'olon ti k'u</i>	59
2.2.2 – Série lunar	63

2.2.3 – Ciclo de 819 dias	64
2.2.4 – Ciclo de 7 dias	66
Capítulo 3 – Calendário de símbolos	69
3.1 – Mais que um calendário	69
3.2 – Significado dos glifos	70
3.2.1 – <i>Imix</i>	71
3.2.2 – <i>Ik'</i>	73
3.2.3 – <i>Akb'al</i>	75
3.2.4 – <i>K'an</i>	77
3.2.5 – <i>Chikchan</i>	79
3.2.6 – <i>Kimi</i>	81
3.2.7 – <i>Manik'</i>	83
3.2.8 – <i>Lamat</i>	84
3.2.9 – <i>Muluk</i>	86
3.2.10 – <i>Ok</i>	88
3.2.11 – <i>Chuwen</i>	90
3.2.12 – <i>Eb'</i>	92
3.2.13 – <i>B'en</i>	94
3.2.14 – <i>Ix</i>	96
3.2.15 – <i>Men</i>	98
3.2.16 – <i>Kib'</i>	100
3.2.17 – <i>Kab'an</i>	102
3.2.18 – <i>Etz'nab'</i>	104

3.2.19 – <i>Kawak</i>	106
3.2.20 – <i>Ajaw</i>	108
PARTE 2 – CICLO DE 2012	111
Capítulo 4 – 13 <i>Pik</i>	113
4.1 – Os registros antigos	113
4.2 – Os ritos de passagem calendáricos e <i>B'olon Yokte' Kuh</i>	121
PARTE 3 – NOVA ERA	127
Capítulo 5 – Maianismo – os “maias” da nova era	129
5.1 – O maianismo – uma ideologia “maia” no mundo globalizado	129
5.2 – O maianismo e os maianistas – problemas categóricos	135
PARTE 4 – APÊNDICES	137
Apêndice 1 – História do Projeto CMAIA	139
A1.1 – O início	139
A1.2 – Saindo do mundo virtual	141
A1.3 – O sítio virtual Calendário Sagrado . ORG	141
A1.4 – O futuro do Projeto CMAIA	142
Apêndice 2 – Os maias no Brasil e breves resenhas tardias	143
A2.1 – O brasileiro pioneiro e Mesoamérica na academia	143
A2.2 – O panorama brasileiro mais amplo em breves resenhas	144
A2.2.1 – “Calendário maia”, de Diana de Assis	144
A2.2.2 – “2012 – A Profecia Maya”, de Alberto F. Beuttenmüller	145
Apêndice 3 – Calendário da paz e música eletrônica no Brasil	149

A3.1 – Do caráter espacial e da origem da relação	149
A3.2 – Festivais de música eletrônica no Brasil	150
A3.3 – Da experiência etnográfica	153
Apêndice 4 – <i>Oxlajuj B'aq'tun</i> , Perspectiva de una construcción antigua con los cimientos intactos	157
Apêndice 5 – <i>Oxlajuj B'aq'tun</i> , Perspective of an ancient construction with the foundation intact	161
Apêndice 6 – Os 13 números entre os <i>K'iche'</i> hoje	165
Apêndice 7 – Por uma antropologia maianista (e indigenista) ao lado dos povos originários	167
Apêndice 8 – Tabela para converter datas para o <i>Tzolk'in</i>	175
Referências bibliográficas	179

Coração do Céu

Coração da Terra

Coração do Fogo

Coração da Água

Coração do Ar

Este livro é dedicado e consagrado

aos avôs e avós

criadores e formadores

maias de ontem e de hoje

ajqij'ab'

Agradecimentos

Nada seria possível sem a colaboração de dezenas de pessoas. Primeiramente agradeço à minha mãe, que segurou o lar nos momentos mais críticos e proporcionou um ambiente minimamente tranquilo para que pudesse escrever sem maiores preocupações, depois pai e irmão, que forneceram o sustento material sem o qual não teria tempo livre para pesquisar por 10 anos e terminar este livro antes do “ciclo de 2012”. Também a todos os familiares pela confiança, e ao meu avô Lenine, curiosamente nascido no dia do sincretismo católico de *Ri Laj Mam*.

Agradeço a Roberta Fernandes Maia, que viu meu maior interesse em Mesoamérica nascer e florescer e desde o começo sempre me apoiou e acreditou em mim, a Renata Machado “Aracy Tupinambá” Setti Rodrigues pelo incentivo inicial, a Luís “Aletryon” Gonçalves pelo eterno apoio ao Projeto CMAIA e as inúmeras descobertas em conjunto e a Lara Biasoli Moler, que traduziu parte daqueles textos que em 2006 inauguraram tudo isso.

Sou grato também a Silvia de Araújo Yamada e Maristela Zancan, que são as principais incentivadoras do Projeto CMAIA. Sem elas, este sonho não iria adiante. Agradeço a todos os amigos (anônimos ou não) do Projeto CMAIA, que independente de qualquer divergência ou polêmica acompanhou meu trabalho e tentou compreender o que havia por trás de tanto movimento em torno dos maias no Brasil.

À Fundação para o Avanço dos Estudos Mesoamericanos (FAMSI),¹ que apoiou esta obra e tornou-a mais bonita e pertinente ao permitir a utilização de diversas ilustrações de John Ellis Montgomery e Linda Schele, bem como aos diversos acadêmicos e professores que foram, em determinadas circunstâncias, meus orientadores, e me forneceram diversos materiais para estudo e permitiram-me fazer uso de seus trabalhos, como Sven Gronemeyer, Robert Sitler, Mark Van Stone, Erik Boot, John Hoopes, Lolmay Pedro García, entre outros. A lista teria de ser muito grande.

Finalmente, agradeço a todos que me receberam, acolheram e guiaram na América Central, pessoalmente ou à distância, como Apab'yan Tew, Ajkaj Warchaj, Julio David Menchú, Noé e América López, Isabel de Sanchez e tantos outros que cruzaram meus caminhos.

¹ Em inglês, Foundation for the Advancement of Mesoamerican Studies: www.famsi.org.

Prefácio

Essas linhas começam a ser escritas poucas horas depois do retorno de uma viagem de quatro semanas à Guatemala, no final de janeiro de 2012. Uma primeira viagem, de duração semelhante entre setembro e outubro de 2009, havia sido mais turística, com visitas a mais de uma dezena de sítios arqueológicos e alguma busca bibliográfica. Dessa vez, ao contrário, busquei na maior parte do tempo aquilo que costuma ser negligenciado pela maioria dos turistas. Ao longo da formação em antropologia, minha primeira experiência em campo foi naquele país, de língua diferente – ainda que “parecida”.

Como os leitores podem imaginar, meu interesse principal era e continua sendo os maias, e por isso busco não apenas o passado arqueológico mas também o presente antropológico, aqueles que vivem hoje na Guatemala encarnando ou representando de alguma maneira a ancestralidade e a identidade maia. O quadro atual naquele país é o do processo de institucionalização da espiritualidade maia, com o qual trabalhei diretamente em meu estudo etnográfico, visitando instituições maias e também o palácio do governo da Guatemala.

De volta para a casa onde vivi tanto tempo quanto havia passado na Guatemala, apenas um mês, enfrentei o inevitável estranhamento em meio à reorganização das coisas e – principalmente – dos pensamentos e dos sentimentos. Este livro não escaparia ileso do processo.

Idealizado e parcialmente escrito desde antes da primeira viagem, ainda em 2008, ou talvez ainda antes, supostamente “99% pronto” entre 2010 e 2011, em boa parte reformulado em 2012 por força da experiência etnográfica, finalizado 52 dias antes do tão falado 21 de dezembro de 2012.

Entretanto, não gostaria de transformar esta obra numa completa etnografia, menos ainda em uma monografia. Ainda que boa parte do livro seja bem embasada em uma série de referências importantes, permito-me não seguir à risca normas academicistas, escrevendo alguns capítulos quase como ensaios livres e que buscam um diálogo maior com o grande público sobre os maias e sua popular presença nos meios *new age*.

Considerando-me um graduando, permito-me sair da prisão teórico-metodológica que tentam impor no ambiente acadêmico. Como bem disseram os mais esclarecidos: quem faz a teoria e o método é o campo, e seu lugar no campo. Como eu tenho um pouco de campo e dez anos de experiências de alteridade e bibliografia de estudos mesoamericanos, cometo o abuso de publicar um livro que não quer assumir responsabilidade academicista mas ao mesmo tempo faz questão de ser constantemente melhorado para o futuro.

Um livro que quer instigar, inaugurar uma linha de pesquisa que não existe no Brasil, até onde me foi dado a conhecer, após dezenas de trabalhos e pesquisas: a etnologia mesoamericana, o ciclo de 260 dias enquanto fato social total mesoamericano, que é o que ele é, fazendo do estudo da religião, do tempo e dos ritos de passagem aquilo que ocorre a todo dia, a cada novo sol que nasce, a antropologia da mudança que nunca, nunca cessa.

Tratando-se do meu primeiro livro (de muitos, se assim o Tempo permitir), e o propósito fundamental deste projeto continua o mesmo desde seu primeiro esboço: trazer ao público brasileiro um pouco de conteúdo e esclarecimento sobre o calendário maia e o tão falado "ciclo de 2012", buscando uma linguagem acessível e distanciando-se do misticismo moderno e das interpretações *new age* que povoam o senso comum, especialmente no Brasil, quando o assunto é calendário maia e 2012.

Claro que, em se tratando de uma pesquisa que envolve uma série de categorias nativas (palavras maias), que causam estranhamento e demandam sua compreensão; nunca é fácil levar isso a público. Certamente fui falho e me equivoquei em algum momento e gostaria que todos pudessem trazer seus questionamentos para que juntos cheguemos a um entendimento comum, um assimilamento do que eu tentei dizer. Meu e-mail é tcavalcanti@id.uff.br e todos são incentivados a me escreverem.

O livro toma como referência importantes trabalhos acadêmicos, incluindo - mas não se restringindo a - etnografias, publicações maias contemporâneas e um pouco das minhas recentes observações em campo - que espero publicar integralmente no futuro, com mais tempo para organizar -, além de obras dos principais expoentes do chamado "maianismo".

Meu objetivo com este livro não é trazer novas descobertas e muito menos esgotar qualquer assunto. Quero apenas proporcionar ao público brasileiro uma boa obra de referência inicial, através da qual se possa compartilhar o conhecimento construído com a ajuda de muitos colegas maias e acadêmicos,

incluindo elementos que ajudem o público em geral a construir um senso crítico no que se refere à questão “2012”, tão popular e polêmica nos últimos anos. Um livro que seja uma espécie de “guia de estudos” até para mim mesmo e que, ainda sendo bastante limitado, seja capaz de suscitar uma série de debates e possa ser retomado para lidar com a própria antropologia maianista e aprofundar cada questão aqui introduzida. A ideia é justamente apresentar os debates, deixar as possibilidades de pesquisa em aberto. Sou apenas um graduando, aos olhos da hierarquia, mas com um posicionamento político bastante definido em relação à academia.

Enquanto pesquisador em antropologia e etnologia indígena e estudante de graduação, rompo com o academicismo eurocêntrico e o produtivismo acadêmico.² Este livro serve para reafirmar isso, pois é também uma publicação de rascunhos, ensaios livres que, por escolha política, não serão exatamente o que academicistas esperam de uma escrita supostamente científica; possivelmente não serviria para publicação em muitos lugares.

É também uma escrita coletiva na medida em que dialoga com uma série de personagens importantes para o próprio corpo deste livro, entre eles maias, pesquisadores e colegas, e há coisas que literalmente essas outras inúmeras pessoas anônimas escreveram ou me ajudaram a escrever de alguma maneira, graças ao espelho da alteridade, como pode ser visto nos apêndices.

² Meta quantitativa imposta pelo governo brasileiro aos pesquisadores acadêmicos, que piora em muito a qualidade das reflexões. As reproduções tomam o lugar das reflexões.

Eu escrevo sobre os maias e com os maias. Já o pesquisador conservador, relativiza tudo para manter a hierarquia e a opressão em nome de uma liberdade que é a “fazer o que os acadêmicos e a mídia querem”. Estou dizendo, aqui, o que não vi, sinceramente, nenhum acadêmico e nem mídia dizer franca e tão abertamente em língua portuguesa sobre esse assunto, e isso quer dizer que infelizmente não encontrei acadêmico no Brasil que pudesse suprir minhas necessidades de discussão enquanto etnólogo maianista; por isso, preciso falar e começar a compartilhar o tanto que aprendi, se necessário ajudar a construir um novo campo de estudos

O livro está dividido em quatro partes principais – “Calendário Maia”, “Ciclo de 2012”, “Nova Era” e “Apêndices” –, além de uma breve introdução. Na primeira parte, as bases matemáticas e o funcionamento dos principais calendários. Na segunda, as interpretações, tanto maias quanto acadêmicas, no que se refere ao “ciclo de 2012”. Na terceira, as controvérsias e incertezas que circundam o calendário maia e não raramente são ignoradas. Finalmente, na quarta, textos nossos (coletivos) elaborados a partir de uma série de reflexões.

Escolhemos, a exemplo de John Ellis Montgomery e a maioria dos pesquisadores maianistas nos dias de hoje, utilizar uma ortografia que segue regras definidas pela *Academia de Lenguas Mayas de Guatemala* (ALMG) para as palavras maias. A língua preferida no trato com o calendário é a *Yukateka*, entretanto o *Ch'ol*, língua mais próxima à leitura dos hieróglifos, e o *K'iche'*, língua mais próxima à etnohistória recente e à minha experiência etnográfica, também se fazem presentes.

Que os avôs e avós, criadores e formadores façam deste livro uma semente cujo fruto seja o do esclarecimento para muitas pessoas. A árvore do centro da casa que possa sempre crescer e multiplicar sua vida.

Thiago Cavalcanti

Capítulo 0

Introdução

0.1 – Informações básicas

Antropólogos, arqueólogos, historiadores e outros cientistas sociais usam o termo *Mesoamérica* para descrever o mundo conhecido pelos *mexicas* (astecas) em 1519 (época das primeiras invasões espanholas e portuguesas), que consiste numa área que vai desde o norte do México, passando por Guatemala, Belize, El Salvador, a parte oeste de Honduras e a costa do Pacífico de Nicarágua e Costa Rica. Mais do que uma região, trata-se de uma área cultural caracterizada por tradições como o uso de um calendário incomum de 260 dias e o jogo de bola, por exemplo.³

A história das primeiras ocupações na América permanece obscura. A historiografia mais consagrada defende que há cerca de 15 mil anos teria ocorrido uma onda de migração pelo estreito de Bering, durante períodos de maré baixa, e 5 mil anos depois pessoas estariam vivendo dentro dos limites do que entendemos atualmente por Mesoamérica. Na cronologia histórica mesoamericana, foi durante o chamado período arcaico, que vai do ano 8000 AEC até o século 20 AEC,⁴ período em que foram estabelecidas as primeiras aldeias permanentes, amparadas no desenvolvimento de uma cultura agrícola.⁵

³ MILLER; TAUBE, 1997: 9.

⁴ Prefiro utilizar “Antes da Era Comum” (AEC) e “Era Comum” (EC) como alternativa laica, respectivamente, a “Antes de Cristo” (a.C.) e “Depois de Cristo” (d.C.) quando menciono datas.

⁵ MILLER; TAUBE, 1997: 9.

Sistemas calendáricos⁶ começaram a ser desenvolvidos possivelmente apenas a partir do período formativo, que vai do começo do fim do período arcaico até o ano 100 AEC aproximadamente, e durante o qual surgem as culturas olmeca e zapoteca e toda a história da Mesoamérica hoje conhecida.

Período	Duração	Culturas, cidades e informações do período
Arcaico	?	?
Formativo inicial	~ 1.900 - 900 AEC	Olmeca, zapoteca Xochipala, San Lorenzo
Formativo médio	~ 900 - 350AEC	Monte Albán, La Venta; El Mirador (maia)
Formativo tardio	~ 350 - 50 AEC	Monte Albán, Colima
Proto-clássico	~ 50 AEC - 300 EC	Teotihuacán, Izapa, Kaminaljuyú
Clássico inicial	~ 300 - 600 EC	Maias Tikal, Uaxactún, El Tajín, Escuintla
Clássico tardio	~ 600 - 900 EC	Palenque, Yaxchilán, Cacaxtla
Clássico terminal ou Pós-clássico inicial	~ 900 - 1200 EC	Transição "maia-tolteca" Xochicalco, Mitla, Chichen Itzá
Pós-clássico tardio	~ 1200 - 1519 EC	<i>Mexicas</i> (astecas) Tenochtitlán, Tula, Tlaxcala, Mayapán
Pós-invasão	~ 1519 - Hoje	Queda das últimas cidades nativas (Tayasal) Início da invasão e da opressão europeia

Tabela 1. Tabela cronológica simplificada da Mesoamérica, baseada em MILLER; TAUBE, 1997. As durações não são, de maneira alguma, absolutas. Os processos de ocupação e transformação cultural merecem maior atenção, isto é, muitas análises podem e devem fugir à rigidez dos cortes temporais ou mesmo superá-los.

⁶ Parece que em português não existe a palavra "calendário", mas preferimos "sistema calendário" a "sistema calendário".

0.2 – Herança mesoamericana

A Mesoamérica revelou ao mundo uma série de culturas, que até hoje nenhum pesquisador conhece como gostaria; culturas capazes de grandes proezas na área de engenharia e arquitetura, dotados de uma arte admirável e olho incansável voltado para o céu. Observadores do Tempo, viam a história dos deuses se desenhando nas estrelas e passaram também a contar e registrar essa história. Uma história que nem eles sabem quando começou,⁷ e que se eternizou.

O que as culturas mesoamericanas tinham em comum, a despeito de tantas divergências e conflitos observados ao longo da história, era e ainda é especialmente a utilização do mesmo calendário ritual de 260 dias. Isto, junto a outras características culturais compartilhadas, tais como a ênfase na agricultura do milho, que surge no período arcaico e é mantida até hoje,⁸ o sacrifício como um dos fundamentos da tradição religiosa e a construção de pirâmides de pedra, fez com que Paul Kirchhoff, propositor do termo “Mesoamérica”, chegasse à conclusão de que tais sociedades eram essencialmente variações de um tema cultural afim, todas relacionadas a (ou mesmo derivadas de) uma cultura ancestral comum que remonta a um passado bastante antigo.⁹

⁷ Alusão a Teotihuacán, mítica cidade “onde os deuses pisaram a terra” que ainda guarda muitos mistérios.

⁸ MILLER; TAUBE, 1997: 9.

⁹ STUART, 2011: 32-33.

De fato, o ciclo de 260 dias está acima de qualquer ideia forjada de “alta cultura”, onde se manifesta uma lógica evolucionista¹⁰ contra a qual muitos acadêmicos se posicionam. Assim sendo, podemos considerar o uso do ciclo de 260 dias como algo que constitui a história social e a identidade¹¹ mesoamericanas, não se tratando de um uso restrito ou controlado por um grupo específico, mas, ao contrário, algo que disseminou-se entre as mais diferentes sociedades da Mesoamérica.

Ainda que os primeiros registros calendáricos mesoamericanos conhecidos sejam provenientes do Vale do Oaxaca, do Istmo de Tehuantepec e da parte central do estado de Chiapas (basicamente territórios Olmecas e Zapotecas, no México) e remontem aproximadamente ao meio do primeiro milênio AEC, a origem dessa base calendárica permanece como uma questão não solucionada.¹² Possivelmente há um hiato temporal considerável entre a idealização dos calendários e seus primeiros registros em pedra e outros materiais, e é notória a opinião de que muitos registros foram perdidos e tantos outros ainda serão descobertos e restaurados.

¹⁰ O mesmo evolucionismo de Darwin (popularmente conhecido como a teoria de que “o homem veio do macaco”) foi aplicado às estruturas sociais, como se o “homem” fosse o “europeu” e todas as outras culturas são os macacos, que chegariam necessariamente um dia à evolução europeia, dando assim origem a um eurocentrismo mais consciente, uma imposição do modo europeu no âmbito político no mundo colonialista, que àquela altura já existia e que visava justamente construir um mundo globalizado e inspirado nas diretrizes culturais europeias.

¹¹ A partir da emergência do processo de globalização marcante após a década de 1980, o debate em torno do conceito de identidade tornou-se latente. Os trabalhos do inglês Stuart Hall são referências que trouxeram grandes contribuições para o enriquecimento deste debate. Hall afirma que as identidades não são imutáveis e nem estáveis e que um mesmo indivíduo pode possuir diversas identidades, precisando sempre do *outro* para se estabelecer, pois as identidades são sempre relacionais (HALL, 2000: 109).

¹² MARCUS, 1992: 33, 95; STUART, 2011: 173.

Os maias, meu maior interesse neste livro, são portanto herdeiros em muitos aspectos das culturas que a precederam, e nessa herança está inclusa a base calendárica que atualmente lhes dá fama e é chamada de “calendário maia”, o que por vezes é reflexo de uma negligência à história da Mesoamérica. Dentre outros traços culturais, o sistema de representação numérica com ponto e barra, usado pelos maias e que será abordado no primeiro capítulo foi também herdado.

Diferente do que a maior parte do mundo globalizado costuma pensar, os maias ainda estão vivos na América Central, especialmente na Guatemala, onde estima-se que sejam a maioria da população. Ao menos em sangue, pois aqueles que carregam o conhecimento calendárico estão muitas vezes escondidos em meio a milhões um pouco mais esquecidos de sua origem. Já não há tantos realmente interessados em olhar para o céu e observar o Tempo, em preservar sua cultura, em contar os dias. Boa parte dos que falam línguas maias foram convertidos ao cristianismo – e têm ao seu alcance bíblias traduzidas para suas línguas nativas. Até mesmo supostos guardiões do calendário parecem ter se perdido pelo caminho junto com suas tradições.¹³

0.3 – Fontes maias

A invasão (também chamada, pelos eurocêtricos, de “conquista”) e a colonização protagonizada pelos espanhóis teve um efeito devastador sobre as culturas nativas mesoamericanas. Quase todos os documentos e registros

¹³ São muitas as acusações de que a ideologia *new age* cooptou muitos dos que hoje se apresentam pelo mundo como sendo maias.

cotidianos, religiosos e científicos pré-colombianos feitos em papel¹⁴ foram destruídos a mando de membros da Igreja, roubados e perdidos. Poucos deles resistiram até os dias de hoje: são os chamados *códices* (códigos).

Tratam-se de documentos que contêm as línguas pré-colombianas, escritas através de hieróglifos e símbolos representativos. São quatro os códices maias preservados até os dias de hoje: o Códice de Dresden (Dresdensis), o Códice de Paris (Peresianus), o Códice de Madrid (Tro-Cortesianus) e o Códice Grolier.

Além disso, existem importantes manuscritos que foram escritos em línguas nativas posteriormente à sua transcrição fonética para o alfabeto latino, durante o período pós-invasão. Os mais conhecidos do grande público são o *Popol Wuj*, considerado o livro sagrado maia (*K'iche'*), e os diversos manuscritos dos *Chilam Balam*, agrupados no *Libro de los libros de Chilam Balam*.

Felizmente, além dos escassos códices e manuscritos temos milhares de registros dos mais variados tipos, feitos em mural, pedra (incluindo pedras preciosas), madeira, objetos de arte como vasos, pratos, etc. Um rico acervo cultural que foi parcialmente preservado mas que os pesquisadores encontram constante dificuldade em decifrar por completo.¹⁵

¹⁴ Em língua maia, *huun* é a palavra que significa “papel”.

¹⁵ Boa parte dos códices mesoamericanos, bem como coleções de ilustrações feitas principalmente a partir de registros em pedras podem ser vistos no acervo mantido online pela FAMSI, em www.famsi.org.

PARTE 1

CALENDÁRIO MAIA

Capítulo 1

Matemática maia

1.1 – Matemática, escrita e história: a instituição da etnociência

A atividade matemática é uma atividade humana, (...) uma atividade cultural. Ideias e métodos matemáticos variam de cultura pra cultura, e a nossa compreensão do que é a matemática cresce na medida em que essas ideias e métodos se fertilizam mutuamente.¹⁶

A concepção dos calendários advém do estabelecimento da cultura matemática. Por conseguinte, as culturas mesoamericanas são também herdeiras dessa matemática, seja antes da instauração dos calendários ou concomitante à mesma. Essa cultura matemática é de base vigesimal, composta por vinte dígitos, sendo o número vinte fortemente associado ao corpo humano.¹⁷

Tendo em vista que as escritas são técnicas de concretização do pensamento ou da palavra,¹⁸ não é exagero dizer que a tradição matemática e calendária possivelmente tenha raízes bem mais antigas do que os primeiros registros escritos conhecidos. Não por acaso, no contexto mesoamericano a base vigesimal remete aos vinte dedos do corpo humano, sugerindo uma cultura que, num primeiro momento, independe da escrita. Por outro lado, é inegável que o trabalho matemático, especialmente se considerarmos o caso de que tanto falamos – a instituição dos calendários na Mesoamérica – depende mais do que

¹⁶ GERDES, 2007: 154.

¹⁷ STUART, 2011: 153.

outros de uma comunidade de especialistas, de tempo e de suporte da escrita¹⁹ para sua manutenção e desenvolvimento.

André Cauty situa a importância mesoamericana na história da América:

Na América antiga, somente os mesoamericanos desenvolveram tradições matemáticas escritas. Os primeiros rastros foram deixados pelos olmecas; e o desenvolvimento mais bem-sucedido da escritura e do cômputo é indubitavelmente o Clássico maia (séculos III-X). Os escribas maias foram os grandes mestres do cômputo e da escrita logossilábica. Melhor do que a escrita hoje extinta, a tradição do cômputo sobreviveu à implosão da civilização maia além do ano mil, especialmente nos astecas. Mais tarde, depois da Conquista, essa tradição foi combatida pelas autoridades coloniais espanholas que impuseram uma nova religião, uma nova justiça, uma nova administração, uma cultura de comércio e uma civilização escravagista. Para nosso propósito, ela extinguiu as numerações vigesimais e impôs a numeração decimal em algarismos arábicos assim como a escritura alfabética. As respostas indígenas foram múltiplas e dependem interativamente das épocas e situações. No início da colonização, alguns mesoamericanos adotaram o alfabeto. O que permitiu, por exemplo, aos astecas (ou à rainha Mathilde) inserir comentários (em nahuatl, espanhol, latim, etc) em obras pintadas/escritas retiradas da pictografia.²⁰

Torna-se clara, portanto, a importância da tradição da escrita mesoamericana e sua função fundamental no que se refere à manutenção do conhecimento matemático na Mesoamérica. Graças às formas de escrita

¹⁸ CAUTY, 2009: 29.

¹⁹ CAUTY, 2009: 29.

²⁰ CAUTY, 2009: 30.

desenvolvidas nessa região, temos milhares de documentos históricos mesoamericanos, das primeiras estelas aos códices, que abarcam para além de aspectos sociais e culturais, relacionando-se ainda à cultura matemática e calendária, cujo registro não raramente remete à sua origem mitológica, e situa ciclos em que seus primeiros ancestrais deixaram suas pegadas, ancestrais que não por acaso foram reivindicados como criadores da tradição calendária.

Dessa maneira, as sociedades mesoamericanas não apenas estabeleceram sua etnociência histórica, mas também instituíram o registro e a manutenção de sua matemática e de seus calendários, bem como sua religião, seu conhecimento na astronomia e em outras áreas do saber.

Nos dias de hoje, os acadêmicos chamam de “etnociência” todo aquele conhecimento de outras culturas (indígenas e africanas, por exemplo) que é passível de ser chamado de ciência mas não tem espaço no meio acadêmico, ainda hoje marcadamente eurocêntrico.

A etnociência é, para mim, uma excelente ferramenta de educação. Graças à etnohistória, podemos mostrar a “visão dos ‘vencidos’”; mais do que isso, permite-nos romper com o ensino de história em que os velhos heróis europeus são louvados e a invasão espanhola é bem quista, assim como a invasão do Brasil. Dessa maneira, os estudantes, desde muito cedo, podem ser incentivados a pensar a ciência para além do que a escola tradicional ou a grande mídia chama de ciência.

1.2 – Base, representação e organização numérica

Todas as culturas mesoamericanas utilizaram um sistema matemático de base vigesimal, aplicado também à contagem de tempo.²¹ Para melhor compreensão de seu funcionamento dentro do proposto, faremos uso do sistema maia, composto por vinte dígitos, de zero a dezenove. Os maias representavam a unidade com um ponto e cinco unidades com uma barra. O número quatro, por exemplo, era representado como quatro pontos, enquanto o número sete era representado como dois pontos e uma barra (aritmeticamente, dois mais cinco). O zero é um caso especial: geralmente representado por uma concha, simboliza a ausência de valor numérico, mas sua função de “ocupação dos lugares” é o que possibilita a notação de números de “ordem superior” na contagem maia,²² ou seja, numerais acima do dezenove.

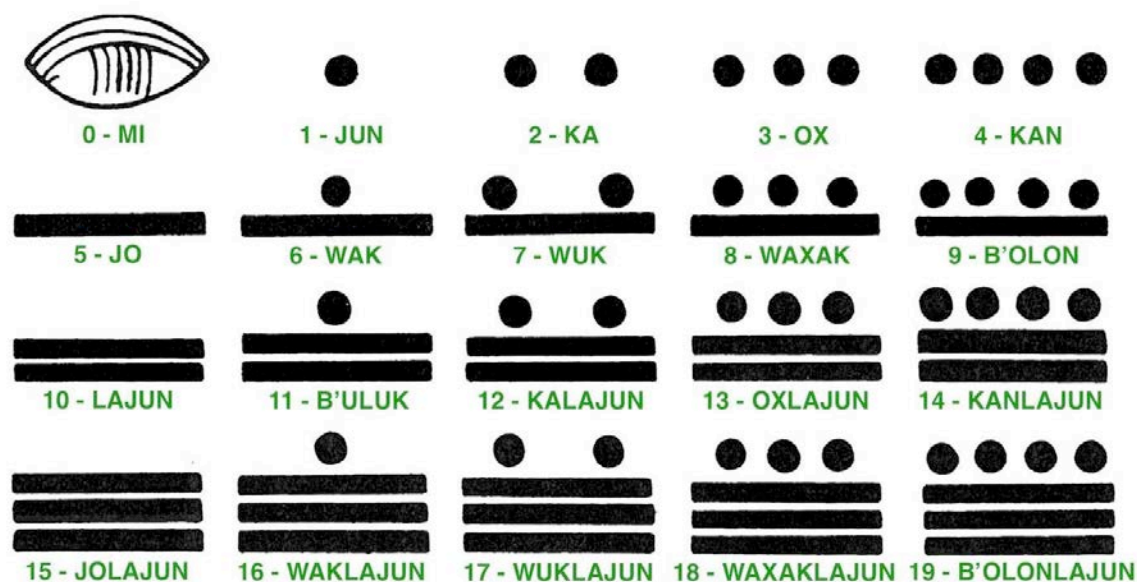


Figura 1. Os vinte dígitos maias e seus nomes em língua *Yukateka*.

(© John Montgomery/FAMSI)

²¹ STUART, 2011: 107.

²² MONTGOMERY, 2003: 9.

Havendo apenas a possibilidade dos vinte dígitos, de zero a dezenove, concluímos que o valor máximo em cada ordem ou nível é dezenove. A representação do número vinte inaugura o sistema de ordens de conversão, nos quais as unidades, que na base tem seu valor original, passam a ter seu valor padrão modificado de acordo com o seu posicionamento. Na passagem do dezenove para o vinte cria-se um nível superior ou uma ordem de conversão em que um ponto, em vez de equivaler ao número um, deve ser multiplicado por vinte. Dessa maneira, vinte na aritmética maia equivale ao que representaríamos como $(1 \times 20) + (0 \times 1)$. Na primeira ordem de conversão, dois pontos equivalem a 40 e três barras equivalem a 300.

Da mesma maneira, quanto maior for um número, mais ordens ou níveis ele terá de preencher, na medida em que cada ordem possui valor de partida vinte vezes superior ao anterior: se na base cada dígito representará seu valor unitário, acima dela representará seu valor multiplicado por vinte, na próxima representará seu valor multiplicado por 400 (20×20) e assim por diante.

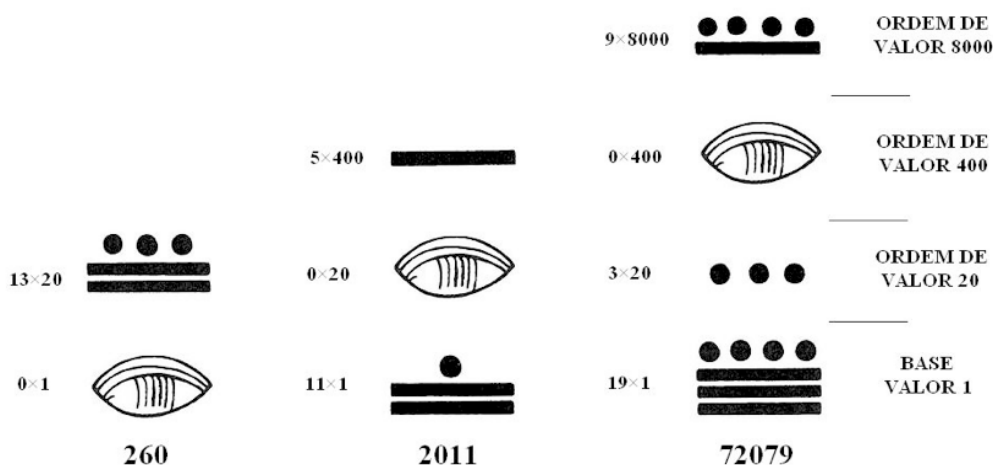


Figura 2. Exemplos de representação e construção aritmética de numerais maiores que 19.

(© John Montgomery/FAMSI)

Nos exemplos da figura 2, vemos ilustrada a representação maia dos números 260, 2.011 e 72.079, com comentários sobre sua construção aritmética. O número 260 é representado com apenas duas posições, com o 13 numa posição acima do zero, ou seja, o número 260 é aritmeticamente considerado como $(13 \times 20) + (0 \times 1)$. O número 2.011 é representado como $(5 \times 400) + (0 \times 20) + (11 \times 1)$, e o número 72.079 como $(9 \times 8.000) + (0 \times 400) + (3 \times 20) + (19 \times 1)$. Dessa maneira, podemos representar qualquer número.

Considerando que cada ordem ou nível superior representa um valor vinte vezes maior que o anterior, acima da ordem de valor 8.000 surgirá a ordem de valor 160.000, e depois dela as ordens de 3.200.000, 64.000.000 e assim por diante, numa progressão infinita, onde o topo é ocupado pela maior ordem e a base é sempre representada pelo dígito que estiver posicionado na parte mais inferior de um registro matemático.

1.3 - Deuses-dígitos

Os vinte dígitos possuem também representações antropomorfas, associadas a divindades. Essas divindades eram basicamente alguns dos principais deuses, facilmente reconhecidos nos códices e que quando simbolizavam os números eram geralmente representados apenas pelas suas cabeças.²³

Segundo John Ellis Montgomery,²⁴ esses são os significados atrelados às cabeças que representam os números:

²³ MONTGOMERY, 2003: 11-16.

²⁴ Ibidem.

0 – Um deus com o “olho da morte” frente à sua sobrancelha e uma mão humana sobre o maxilar inferior, representando “morte” ou “expiração”, possivelmente associado a sacrifícios rituais em que as vítimas tinham seu maxilar inferior arrancado.

1 – Representa uma jovem divindade feminina, possivelmente a deusa da Lua. Sua principal característica é ter uma única mecha de cabelo flanqueando sua face à frente de sua orelha e ondulando em seu queixo.

2 – Representado pela cabeça de um homem de idade indefinida com uma mão sobre sua cabeça.

3 – Um homem jovem com um ornamento de cabeça distinto e que por vezes tem um disco à frente. A fita na cabeça faz lembrar o glifo para “telhado de palha”, e o deus pode também trazer o infixo do sinal “vento” em sua bochecha ou ornamento de orelha.

4 – O deus-Sol, ou *Jun Ajaw*, identificado pelo contorno quadrado no olho e uma pupilada quadrada, normalmente traz também o símbolo da “flor” *k'in* de quatro pétalas na testa ou na parte de trás da cabeça. Geralmente a figura inclui um dente frontal em formato de “T” invertido e uma barbatana na lateral da boca. A barbatana pode referir-se aos heróis gêmeos do *Popol Wuj*, que renasceram como bagres após serem derrotados pelos deuses da morte.

5 – Um “deus velho” que veste o glifo *tun*, o sinal maia para “ano”, sobre sua cabeça.

6 - Identificado por um contorno abaixo dos olhos do deus e um machado infixado no lugar da pupila. Geralmente inclui um laço ou cacho na cabeça e um dente frontal em formato de “T” invertido.

7 - Uma forma “humanizada” ou antropomórfica do deus jaguar do submundo. Tem um contorno sob seu olho que eventualmente se enrola no canal do nariz para formar uma “rosca”. Às vezes também tem um gancho dentro do olho e o dente frontal em forma de “T”.

8 - Universalmente reconhecido como o deus do milho, o arquetípico senhor maia jovem. O cacho que cai de sua testa representa o broto de milho. A parte de trás de sua cabeça por vezes se transforma em elementos folheados ou traz folhagem decorando sua bochecha.

9 - Representa um homem bastante barbudo, algo incomum entre nativos americanos. Geralmente tem manchas de jaguar na bochecha e o símbolo *yax*, que significa “primeiro”, “azul” ou “azul esverdeado”, na frente da testa.

10 - A caveira do deus da morte, identificada por uma proeminente mandíbula descarnada.

11 - A cabeça da deusa da terra infixada com o sinal *kab'an*²⁵ - uma área tracejada com um contorno ao lado que faz lembrar um sinal de interrogação.

12 - Um deus jovem que tem o glifo “céu” em sua cabeça e sua face.

13 a 19 - Todos os números de treze em diante combinam os deuses de 3 a 9 com a caveira (caso do número 15) ou a mandíbula descarnada do deus da morte, do número 10 ($3 + 10 = 13$, $4 + 10 = 14$, e assim por diante).

²⁵ Ver glifo calendárico homônimo.

Desta forma, fica claro que, no contexto maia, é impossível separar a matemática da religião, uma vez que os números confundem-se com as divindades e estão de alguma forma relacionados aos seus ritos. É particularmente interessante notar que é a partir do número 13 que as representações começam a se repetir (adaptadas, é bem verdade), tendo em vista que tal número é definitivamente fundamental no sistema calendário maia, como observaremos no próximo capítulo.

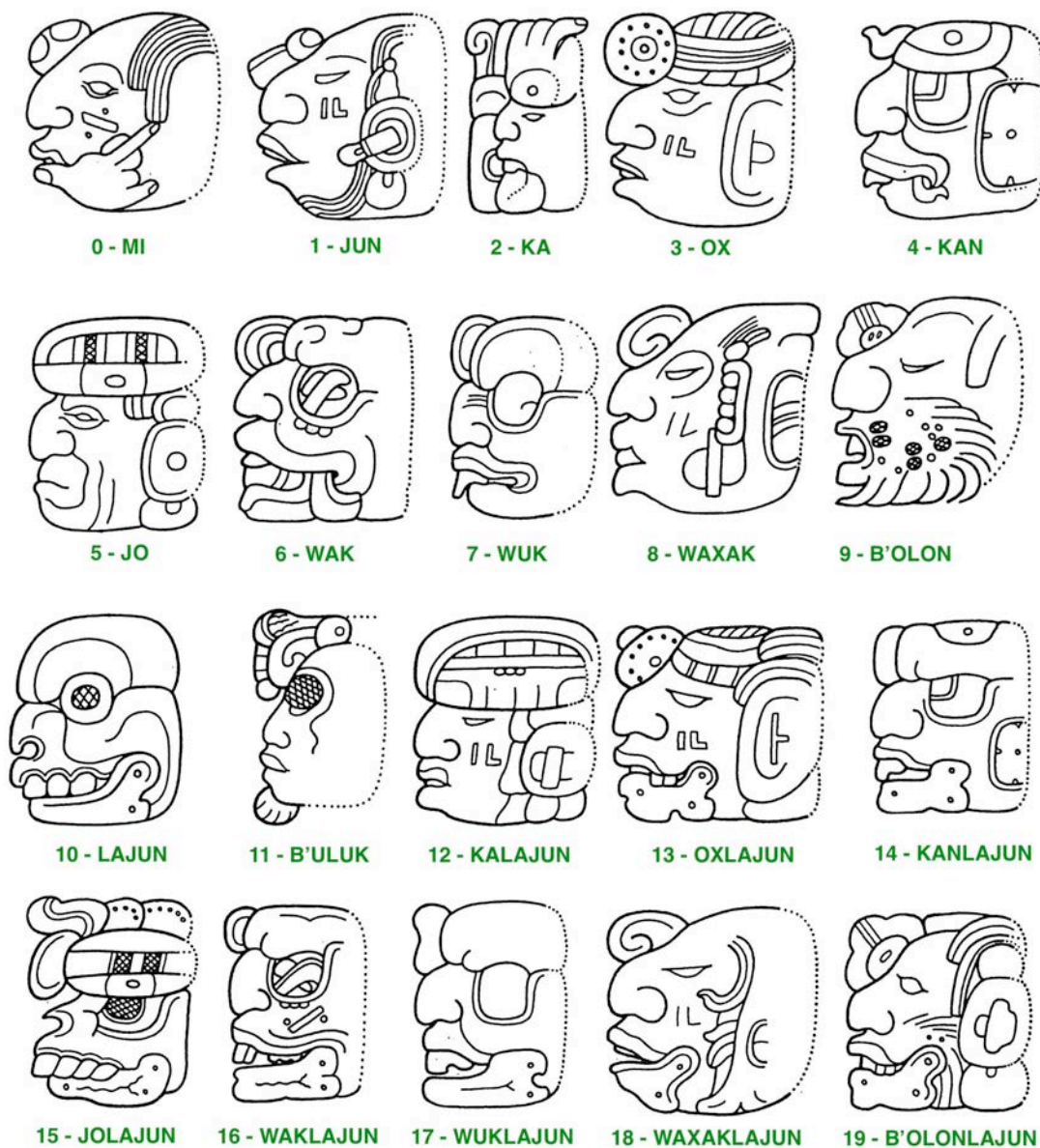


Figura 3. Os 20 números em suas variantes antropomorfas.

(© John Montgomery/FAMSI)

Capítulo 2

Sistema calendárico

Ainda que o chamemos de “calendário maia” por comodidade, nunca é demais destacar que o que existe, na verdade, é um sistema composto por vários calendários, vários ciclos – infinitos e cuja origem remonta a sociedades anteriores (até onde se sabe, possivelmente olmecas e zapotecas). Apresentamos aqui todos os ciclos mais relevantes, da maneira como costumam ser divididos.

A chamada série inicial traz os ciclos mais registrados pelos maias, de fato muito corriqueiros nos mais variados tipos de suporte, desde a pedra mais dura até a cerâmica mais frágil. Por essa razão, temos muito mais conhecimento acerca desses ciclos, o que não significa que isto seja suficiente para dominarmos por completo seus mecanismos.

Já a série complementar levanta uma série de incógnitas; com registros menos comuns, todos os ciclos que a compõem carecem de uma maior compreensão para que possamos compreender melhor seu funcionamento, simbolismo e significado.

2.1 – Série inicial

A série inicial, num registro calendárico maia, é um grupo de hieróglifos que trazem informações sobre aqueles que são considerados os três principais ou fundamentais calendários maias: o *Choltun*, o *Tzolk'in* e o *Ja'ab'*. Os dois

últimos juntos formam, ainda, um outro ciclo, o *Junab'*²⁶ ou roda calendária de 52 anos.

Esta série é iniciada por um hieróglifo introdutório que significa “conta dos anos” e inclui o patrono do mês corrente no *Ja'ab'*, servindo na prática como uma indicação prévia do mês que compõe a data que se segue.²⁷

2.1.1 - *Choltun*

Uma vez conhecedores do funcionamento básico do sistema matemático maia, abordado no primeiro capítulo, compreendemos facilmente também o funcionamento do *Choltun*, tendo em vista ser empiricamente observável que trata-se de uma adaptação do sistema matemático à contagem de tempo.

Observamos isto graças a alguns aspectos aqui descritos, mas especialmente partir do momento em que percebemos que a estruturação de seus ciclos é, assim como no sistema matemático, igualmente dividida em ordens de conversão regidas pela base vigesimal. A adaptação à contagem de tempo, entretanto, ocorre logo na primeira ordem de conversão, onde cada unidade tem valor de 20: em vez de termos os dígitos de zero a dezenove, como no sistema matemático, temos apenas os dígitos de zero a dezessete, o que faz com que a ordem de conversão seguinte, que seria de valor 400, passe a ter um valor de 360 (18×20), o múltiplo de 20 mais próximo à duração do ano, que em número real equivale a 365 dias. O fato de essa adaptação ocorrer apenas na primeira ordem de conversão nos mostra que tratou-se de uma intervenção que serviu para adaptar o sistema matemático à contagem de tempo.

²⁶ RICE, 2004: 60.

²⁷ MONTGOMERY, 2003: 46-52.

Ainda que nas outras ordens de conversão o padrão de vinte dígitos seja reestabelecido, todas as conversões partem deste valor modificado, o que significa que, em vez de 8.000 (400×20), temos 7.200 (360×20), em vez de 160.000 (8.000×20) temos 144.000 (7.200×20) e assim por diante, sempre com a ordem de conversão equivalendo a vinte vezes o valor da anterior, mas sem escapar à adaptação ocorrida na primeira ordem de conversão, que marca sua influência em todas as que vêm em seguida.

Portanto, temos um sistema matemático paralelo, podemos dizer assim, que se refere exclusivamente à contagem de tempo, que entre os acadêmicos é conhecido como conta longa²⁸ e atualmente é chamado de *Choltun* na Guatemala. Os menores ciclos, mais próximos ao cotidiano e aos ciclos de vida e normalmente contabilizados em registros de conta longa são:

- *K'in* – 1 dia
- *Winal* – 20 dias
- *Tun* – 360 dias
- *K'atun* – 7.200 dias
- *Pik (B'aktun)* – 144.000 dias

²⁸ Em inglês, *long count* e em espanhol *cuenta larga*.

Cada um dos ciclos têm um hieróglifo correspondente que, acompanhados por coeficientes numéricos, propiciam a leitura de uma determinada data.²⁹ Atualmente, é comum escrevermos uma data do *Choltun* com números arábicos separados por pontos, traços ou simplesmente espaços. A data 9.15.10.0.0 seria equivalente a 9 *pik*, 15 *k'atun*, 10 *tun*, 0 *winal* e 0 *k'in*, sendo a maneira moderna de escrever e ler a data mostrada na figura 8.³⁰

Para obtermos uma conta linear dos dias, podemos decompôr a data do *Choltun* de modo a conhecer a quantidade de dias que tal data representa. Utilizando o exemplo utilizado, teríamos:

$$9 \times 144.000 = 1.296.000$$

$$15 \times 7.200 = 108.000$$

$$10 \times 360 = 3.600$$

$$0 \times 20 = 0$$

$$0 \times 1 = 0$$

$$1.296.000 + 108.000 + 3.600 + 0 + 0 = 1.407.600$$

Logo, 9.15.10.0.0 equivale a 1.407.600 dias transcorridos desde o marco inicial do *Choltun*, que abordaremos no capítulo X e é também o marco inicial para o ciclo de “2012”, que consiste, matematicamente falando, em um grande ciclo composto por 13 ciclos *pik*, ou seja, 1.872.000 dias.

²⁹ Apesar disso, também é possível representar datas apenas com números ordenados, como na matemática.

Entretanto, ao contrário do que se possa imaginar, existem ciclos acima do *pik*,³¹ dentre os quais podemos destacar:

- *Piktun* – 2.880.000 dias
- *Kalab'tun* – 57.600.000 dias
- *K'inchiltun* – 1.152.000.000 dias
- *Alawtun* – 23.040.000.000 dias
- *Hablatun* – 460.800.000.000 dias

Para além de todos estes ciclos, assim como ocorre no sistema matemático, o número de ordens de conversão é infinito, o que significa que, na conta longa, simplesmente não existe algo que possamos mensurar como “maior ciclo”, podendo este ser considerado, para efeitos filosóficos, como a própria idade do tempo.

As datas acima do *pik*, diga-se de passagem, costumam ser usadas em contextos míticos, que marcam um tempo imemorial, de fundação das linhagens espirituais, ou de um futuro distante em que as tradições serão lembradas. O principal exemplo disto é a estela 1 de Cobá,³² que marca na conta longa a data: 13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.13.0.0.0.0.

³⁰ Em todos os casos, o último número, que está mais à direita, sempre equivale ao ciclo *k'in*.

³¹ Os nomes dos ciclos acima de *pik* foram cunhados por conveniência acadêmica, bem como *b'aktun*, nome que se popularizou antes da tradução do hieróglifo *pik* e acaba sendo utilizado como “sinônimo” do mesmo.

³² Sítio arqueológico maia, localizado no México.

Isto é, claro, matematicamente absurdo. Uma quantidade de tempo maior que a vida estimada do universo e que ilustra a natureza do tempo maia: infinito, imensurável, ritual, político, identitário, sagrado, vivido a cada dia nos calendários.

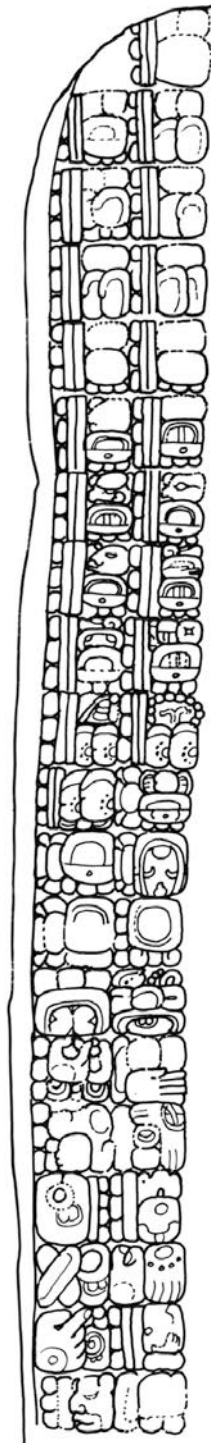


Figura 4. Detalhe da estela 1 de Cobá com a data grandiosa da conta longa.

(© Linda Schele/FAMSI)

2.1.2 – *Tzolk'in*

Por vezes chamado de “almanaque sagrado”, o *Tzok'in*,³³ cuja palavra significa “conta dos dias” ou “ordenamento dos dias”, trata-se de um ciclo de 260 dias que é uma espécie de “calendário folclórico”³⁴ relacionado ao cotidiano ritual e religioso. Este ciclo é composto, na verdade, por dois ciclos menores. O ciclo de 20 dias, que são os glifos ou signos dos dias, combina-se diariamente com o ciclo de 13 dias, os números de 1 a 13, de maneira que os dois ciclos correm paralelamente. Cada dia do *Tzolk'in* é, portanto, uma combinação entre esses dois ciclos, e até que todos os 20 dias sejam numerados de um a treze são necessários 260 dias, o mínimo múltiplo comum aos números 13 e 20.

Os treze números são nomeados³⁵ e escritos assim como na matemática, podendo ser representados também tanto no sistema de ponto e barra quanto no de figuras antropomorfas. Quanto maior o número, mais intensidade é conferida ao dia, potencializando o símbolo proveniente do ciclo de vinte dias.

Os vinte dias, por outro lado, têm representações específicas, que geralmente aparecem dentro de uma espécie de moldura ou suporte com duas bases volutas. Por conta da duração, este ciclo possui uma relação fixa com o ciclo *k'in* que compõe o *Choltun*, de maneira que observando o coeficiente do

³³ O termo *Tzolk'in* foi, na verdade, inventado. Como relata Barbara Tedlock (1992: 254), William Gates leva os créditos pelo cunho da palavra, tendo sido um termo inspirado na palavra *Cholq'ij*, oriunda da língua maia *K'iche'* e utilizada para designar o ciclo de 260 dias na Guatemala até os dias de hoje.

³⁴ MONTGOMERY, 2003: 20. O termo “folclórico” não é usado como depreciativo aqui.

³⁵ Isto é, *Jun* (1), *Ka* (2), *Ox* (3), *Kan* (4), *Jo* (5), *Wak* (6), *Wuk* (7), *Waxak* (8), *B'olon* (9), *Lajun* (10), *B'uluk* ou *Junlajun* (11), *Kalajun* (12) e *Oxlajun* (13).

ciclo *k'in* podemos inferir qual dos vinte dias do *Tzolk'in* acompanha aquela data. São eles, acompanhados de seu coeficiente e significado³⁶ básico:

- 0 – *Ajaw* (Senhor)
- 1 – *Imix* (Serpente aquática)
- 2 – *Ik'* (Vento)
- 3 – *Akb'al* (Ecuridão)
- 4 – *K'an* (Grão de milho)
- 5 – *Chikchan* (Serpente)
- 6 – *Kimi* (Morte)
- 7 – *Manik'* (Veados)
- 8 – *Lamat* (Vênus)
- 9 – *Muluk* (Jade)
- 10 – *Ok* (Cachorro)
- 11 – *Chuwen* (Macaco)
- 12 – *Eb'* (Caveira)
- 13 – *B'en* (Junco)
- 14 – *Ix* (Jaguar)
- 15 – *Men* (Pássaro)
- 16 – *Kib'* (Ancestrais)

³⁶ MONTGOMERY, 2003: 21-26 e STUART, 2011: 139-143.

17 – *Kab'an* (Terra)

18 – *Etz'nab'* (Faca de obsidiana)

19 – *Kawak* (Raio)

O dia *Ajaw*, por equivaler ao coeficiente zero, é considerado um dia que marca o início e/ou o fim de todos os ciclos, tendo em vista que os coeficientes dos ciclos acima do ciclo *k'in* são modificados apenas nessa ocasião. Entretanto, no que se refere ao *Tzolk'in*, *Ajaw* é geralmente considerado o vigésimo dos vinte dias,³⁷ e, como vimos no capítulo 1, o número vinte está intimamente relacionado ao zero, por ser o número que inaugura as ordens de conversão.

Sendo assim, com *Imix* como o primeiro dia, podemos exemplificar como se dá a sequência dos dias no *Tzolk'in*: 1 *Imix*, 2 *Ik'*, 3 *Akb'al*, 4 *K'an*, 5 *Chikchan*, 6 *Kimi*, 7 *Manik'*, 8 *Lamat*, 9 *Muluk*, 10 *Ok*, 11 *Chuwen*, 12 *Eb'*, 13 *B'en*, 1 *Ix*, 2 *Men*, 3 *Kib'*, 4 *Kab'an*, 5 *Etz'nab'*, 6 *Kawak*, 7 *Ajaw*, 8 *Imix*... Quando um dos ciclos (de 13 ou 20 dias) termina, sua contagem é reiniciada, não importando a posição em que o outro ciclo se encontra, como podemos observar no quadro X, onde ambos correm concomitantemente e combinando-se até o dia 13 *Ajaw*, o último dos 260 dias e que precede o retorno a 1 *Imix*.³⁸

Como vimos, a explicação matemática para a duração do *Tzolk'in* é simples: $13 \times 20 = 260$. Entretanto, a motivação para um ciclo de duração tão incomum, de 260 dias, ainda é motivo para debate. Sua proximidade ao período

³⁷ STUART, 2011: 133.

³⁸ Não há um consenso acerca de um dia que inicie universalmente o ciclo de 260 dias, apesar de a ordem que inicia em 1 *Imix* ser a mais costumeiramente utilizada entre os acadêmicos. Na verdade, não há mesmo sequer necessariamente um dia que seja o primeiro dos 260.

de gestação humana sugeriu uma correspondência ao tempo de gravidez, proposta pela primeira vez por Charles Bowditch. Relacionada a essa teoria, está a que dá conta de que 260 dias equivalem a nove lunações.³⁹ Outros investigadores, como Zelia Nuttall, acreditam numa origem astronômica, associada por exemplo ao nascimento heliacal das Plêiades ou o trânsito de ida e volta do Sol da área maia para o Trópico de Capricórnio, como visto da latitude do sítio pré-clássico de Izapa.⁴⁰ Apesar de etnografias darem conta de que os próprios maias contemporâneos reforçam a teoria de Bowditch,⁴¹ o debate acerca da origem do *Tzolk'in* dificilmente se resolverá tão cedo. A riqueza simbólica do *Tzolk'in* faz dele objeto do capítulo 3 deste livro.



Figura 5. Os 20 glifos do *Tzolk'in*.

(© John Montgomery/FAMSI)

³⁹ STUART, 2011: 153 e TEDLOCK, 1992: 93.

⁴⁰ MONTGOMERY, 2003: 20 e STUART, 2011: 154.

2.1.3 - *Ja'ab'*

O calendário solar, civil ou agrário, conhecido como *Ja'ab'*, palavra que significa “ano”,⁴² é o ciclo maia mais culturalmente familiar, tendo em vista que sua duração é de 365 dias; estes são divididos em 18 meses de 20 dias, respeitando a base vigesimal maia, o que resulta em 360 dias. Os 5 dias restantes conformam um curto período⁴³ que serve de transição entre os anos.



Figura 6. Meses do *Ja'ab'*.

(© John Montgomery/FAMSI)

⁴¹ STUART, 2011: 154.

⁴² MONTGOMERY, 2003: 30.

Sendo assim, o *Ja'ab'* tem 19 meses, sendo o último um mês atípico, que foge à base vigesimal para adicionar os 5 dias que faltam para completar 365 dias. Os vinte dias de cada mês são contados de 0 a 19 (ou de 0 a 4, no caso do último mês), sendo o primeiro dia de cada mês acompanhado pelo número 0.⁴⁴ O primeiro dia do ano é “0 *Pop*”, sendo *Pop* o primeiro mês do *Ja'ab'*, e o último dia do ano é “4 *Wayeb'*”, sendo *Wayeb'* o nome do último mês do *Ja'ab'*.

A lista completa dos 19 meses do *Ja'ab'*, com seus nomes em língua *Yukateka* e seus hieróglifos correspondentes podem ser observados na figura 6. Montgomery nos fornece uma interpretação sobre cada um dos hieróglifos, com o nome dos meses e entre parênteses leituras de seus possíveis nomes originais, feitas a partir dos hieróglifos e escritas em língua *Ch'ol*.

Pop (*K'ANJALAB'*) – seu signo principal tem dois segmentos entrelaçados representando uma esteira ou *pop* feito de folhas de palmeira trançadas, sobreposta por uma cruz *K'an* que simboliza o amarelo.⁴⁵

Wo (*EK' K'AT*) – *Wo* e *Sip* têm signos principais idênticos – duas faixas em forma de cruz que podem ter o valor *K'AT*, que forma parte do nome desse mês no dialeto maia chamado *Ch'olan*. Os elementos que distinguem *Wo* e *Sip* são os glifos das cores. A cor de *Wo* é preta ou *EK'*, junto com um de diversos sufixos que provavelmente se lê *-ta*, fornecendo tanto a palavra inicial quanto o som final para o nome do mês. Como a palavra para o mês *Wo* em *Ch'ol* é *Ik' K'at* ou “cruz preta”, parece provável que *Wo* tivesse este valor durante o período clássico, ou *Ek' K'at*.

⁴³ MONTGOMERY, 2003: 27.

⁴⁴ Na Mesoamérica, também existem tradições que contam os dias de 1 a 20.

Sip – Tem o mesmo sinal de faixas cruzadas de *Wo*, mas é associada a uma cor diferente, *CHAK* (vermelha), possivelmente lê-se *Chak K'at* ou “cruz vermelha”. Também como *Wo*, o hieróglifo algumas vezes inclui o sufixo *-ta*, possivelmente dando o som final de “t” à palavra.

Sotz' (*SOTZ'*) – A cabeça de um morcego com folha nasal.

Sek (*KATSEW*) – A leitura fonética do hieróglifo é *ka-se-wa*, mas o significado do termo permanece desconhecido.

Xul (*TZ'IK'IN*) – Representa um cachorro. O complemento fonético da base, similar a uma cauda e decifrado como *-ni*, propicia o som final de “n” ao nome *Ch'ol*, *Tz'ik'in*.

Yaxk'in (*YAX K'IN*) – Linguisticamente emparelhado com o signo do mês *K'ank'in*, tem como seu glifo principal a flor solar *k'in*, símbolo do deus Sol, e o prefixo decifrado como *YAX*, que significa “primeiro”, “azul” ou “azul esverdeado”. Consequentemente, *Yaxk'in* possivelmente significa “primeiro Sol”. O elemento similar a uma cauda, que se lê *-ni*, funciona como o complemento fonético que propicia a consonante final “n” em *k'in*.

Mol (*MOL*) – Círculos concêntricos com o glifo *Muluk* sobreposto em posição vertical. Inclui o que é possivelmente o símbolo abstrato para jade.

Ch'en (*EK JA'AB'*) – Primeiro da série de quatro meses que têm *Kawak* como seus signos principais (o “cacho de uvas” que possivelmente representa um céu chuvoso e o dia *Kawak*) e são associados a cores. No caso de *Ch'en*, a cor é *Ek'*, preta. Como o hieróglifo traz o prefixo com o valor *ji-*, e por faltar o sinal

⁴⁵ Não confundir com o dia *K'an* do *Tzolk'in*.

fonético *-ni*, o símbolo *Kawak* se lê *ja'ab'*, “ano”, e *Ek' Ja'ab'* é lido como “ano preto”. Uma versão personificada de Tikal tem o tracejado que representa “preto” sobreposto sobre a metade da frente da face.

Yax (YAX JA'AB') – O segundo mês “*Kawak*” traz o prefixo *Yax*, que significa “primeiro”, “azul” ou “azul esverdeado”. Portanto, *Yax Ja'ab'* – o nome hieroglífico do mês – significa “primeiro ano”, “ano azul” ou “ano azul esverdeado”.

Sak (SAK JA'AB') – O terceiro mês “*Kawak*” relaciona-se a *Sak*, “branco”. O todo é possivelmente lido como “ano branco”.

Kej (CHAK JA'AB') – O quarto mês “*Kawak*” é associado a *Chak*, vermelho, e significaria “ano vermelho”.

Mak (MAK) – O signo principal de *Mak* pode ser uma variante de *Imix* com uma variação de *Ajaw* inserida, que se lê foneticamente como *ma-*. A maioria das versões se lê *Mak*, como em *ma-ja-ka* e *ma-ka-[ka]*. Numa versão alternativa, o glifo principal é substituído por um casco de tartaruga, que tem o valor fonético *AK*, lendo-se *ma-AK*.

K'ank'in (UNEW) – A forma simbólica representa o que parece uma árvore ladeada por uma área tracejada, onde o complemento fonético *-wa* é referente à versão *Ch'ol* do nome (*unew*). Versões personificadas representam um animal similar a um canino que ainda não foi identificado.

Muwan (MUWAN) – Assim como em outros exemplos que terminam com “n”, o hieróglifo *Muwan* recebe o complemento fonético *-ni*. Conhecido apenas

em sua forma encefálica, a criatura retratada representa o pássaro mitológico *Muwan*, uma coruja combinada com alguma outra forma aviária.

Pax (PAX) – Incorpora o glifo *tun* com um elemento bifurcado que brota do topo. Na forma personificada o mesmo elemento brota da cabeça de uma criatura zoomorfa sáuria com dentes chanfrados, possivelmente um sapo ou iguana combinado com atributos do jaguar.

K'ayab' (K'ANASI) – A cabeça de um papagaio ou arara com a cruz *K'an* inserida dentro do olho, posicionada sobre a sequência *si-ya*. Esse arranjo resulta em *K'AN-aj-si-ya* ou *k'anasi*, grafando claramente a versão *Ch'ol* do nome.

Kumk'u (KUMK'U) – Combina o glifo do dia *K'an* com um sobreposto de significado desconhecido. Parece resultar em algo diferente de *Kumk'u*, o nome pós-clássico associado ao mês pelo sacerdote espanhol Diego de Landa. A versão de Landa fornece os prefixos *ku-* and *k'u* como complementos fonéticos, uma indicação de que a versão clássica usada nas inscrições tinha um significado diferente da sua forma *Yukateka*.

Wayeb' (WAYEB') – O período desafortunado final de 5 dias ou “mês curto”. É composto pelo glifo *tun* sobreposto pelo glifo para “buraco” – que se pensa significar o “buraco negro” no centro do céu escuro do entardecer da criação. O termo *way* tem a conotação de “visão”, “espírito” e “sonho”, mas com implicações do verbo “dormir”. O *Wayeb'* pode ser o “período adormecido” do ano, antes do ciclo começar novamente do início.

Não há nenhum indício no sentido de que os maias do período clássico tenham elaborado algum tipo de correção similar ao ano bissexto para manter o *Ja'ab'* sincronizado ao ano solar real ou ano tropical,⁴⁶ cuja duração aproximada é de 365,2422 dias.⁴⁷ Por outro lado, há indícios, a partir de registros calendáricos de Palenque,⁴⁸ de um ciclo de 1.508 *Ja'ab'*, bastante popular entre os acadêmicos e que equivale a 29 ciclos do *Junab'* (que veremos a seguir) ou 1.507 anos tropicais.⁴⁹

Trata-se de uma questão muito interessante, pois aponta uma outra possibilidade para os maias do período clássico, a de uma “sincronização natural”, por assim dizer, uma “correção” feita pelo próprio tempo, que, sem a adição de dias, é muito mais precisa a longo prazo do que o sistema empregado pelo calendário gregoriano, utilizado no mundo globalizado.

$$1.508 \times 365 = 550.420 \text{ dias}$$

$$550.420 \div 1.507 = 365,242203 \text{ dias por ano tropical}$$

Como observou Luís “*Alektryon*” Gonçalves,⁵⁰ colaborador do Projeto CMAIA, o resultado de 365,242203 dias por ano tropical representaria um erro anual de apenas 37 centésimos de segundo em relação à duração do ano tropical, enquanto o calendário gregoriano apresenta um erro anual de

⁴⁶ MONTGOMERY, 2003: 26.

⁴⁷ Ver http://ntrs.nasa.gov/archive/nasa/casi.ntrs.nasa.gov/19970015100_1997021684.pdf.

⁴⁸ Um dos principais sítios arqueológicos maias, localizado no estado de Chiapas, México.

⁴⁹ SPINDEN, 1922: 108, LOUNSBURY, 1978 e KELLEY; KERR, 1973: 193.

⁵⁰ Amigo português, pesquisador independente e colaborador do Projeto CMAIA.

aproximadamente 26 segundos e, portanto, este sistema maia, que na verdade não é um sistema de correção, mas sim de observação, seria 70 vezes mais preciso que o sistema de correção instituído pelo calendário gregoriano, que por sua vez é uma versão aprimorada do sistema empregado anteriormente pelo calendário juliano, do qual é herdeiro.⁵¹

2.1.4 - *Junab'*

Como observamos, a série inicial é composta por três calendários que têm objetivos diferentes. O *Choltun*, a grosso modo, é usado para registro linear dos dias. O *Tzolk'in*, por sua vez, serve a propósitos rituais. O *Ja'ab'*, finalmente, serve como calendário civil e agrário. Estão são as funções práticas principais de cada um, mas que na verdade não são exclusivas. Ciclos do *Choltun*, como o fim/começo de um *k'atun*, em que se fazia oferenda de sangue,⁵² foram ocasiões rituais importantes, por exemplo.

Uma outra ocasião ritual fundamental no contexto maia e também mesoamericano está relacionada a um ciclo em que a combinação dos três calendários que compõem a série inicial se torna fundamental: o *Junab'*, mais conhecido como a roda calendárica de 52 anos. Ela consiste em 18.980 dias e sua origem se dá através da combinação entre *Tzolk'in* e *Ja'ab'*, de maneira similar ao que observamos entre os ciclos de 13 e 20 dias na composição do calendário de 260 dias.

Dessa maneira, o ciclo de 52 anos tem como função sincronizar os ciclos de 260 e 365 dias. Entretanto, precisamos compreender de que maneira isso ocorre

⁵¹ Comunicação pessoal, 2006.

⁵² TAUBE, 1988: 189-192.

e qual é o significado deste ciclo, e para isso vamos adentrar aspectos da relação entre os dois calendários.

O primeiro dia de cada ano no *Ja'ab'*, como todos os calendários correm concomitantes uns aos outros, equivale a um dia específico no *Tzolk'in*. Mais do que apenas um dia que acompanha a data, torna-se um dia que marca sua influência sobre todo o ano. É o dia do *Tzolk'in* correspondente ao dia 0 *Pop* no *Ja'ab'* que literalmente rege o ano, lhe dando nome e fornecendo suas características, tendências e prognósticos. Os dias que marcam o início do *Ja'ab'* são conhecidos no meio acadêmico como marcadores ou portadores dos anos,⁵³ enquanto que na Guatemala contemporânea são conhecidos como *Mam*,⁵⁴ termo que tanto na escrita hieroglífica quanto nas línguas atuais significa “ancestral” ou “avô”,⁵⁵ ilustrando a importância desses dias.

Porém, não são todos os dias do *Tzolk'in* que coincidem com 0 *Pop*. Isto se explica graças à diferença entre 260 e 365, de 105 dias, que no sistema matemático maia equivale a cinco ciclos de 20 dias com mais 5 dias. São exatamente esses 5 dias restantes que fazem com que o grupo de marcadores de ano seja restrito a quatro dos vinte glifos do *Tzolk'in*, tendo em vista que 5 é a quarta parte de 20.

Para os maias do período clássico, o grupo de marcadores de ano era composto pelos dias *Ik'*, *Manik'*, *Eb'* e *Kab'an*,⁵⁶ havendo uma distância de cinco dias entre cada um dos glifos, com o retorno a *Ik'* após um ano *Kab'an*. A diferença de 105 dias entre *Tzolk'in* e *Ja'ab'* faz com que o número que

⁵³ Em inglês, *year bearers*, e em espanhol também pode ser *cargadores del año*.

⁵⁴ TEDLOCK, 1992: 89.

acompanha o glifo do *Tzolk'in* avance de um em um, enquanto o glifo avança de cinco em cinco.

Se estivermos, por exemplo, num ano 13 *Eb'*, os próximos anos serão 1 *Kab'an*, 2 *Ik'*, 3 *Manik'*, 4 *Eb'*, 5 *Kab'an*, 6 *Ik'*, 7 *Manik'*, 8 *Eb'*, 9 *Kab'an*, 10 *Ik'*, 11 *Manik'*, 12 *Eb'*, 13 *Kab'an*, 1 *Ik'*, etc. Seriam necessários 52 anos até que voltássemos a um mesmo ano 13 *Eb'*, pois o grupo de marcadores é formado por 4 glifos que giram pelos 13 números que compõem o *Tzolk'in*, o que resulta em $4 \times 13 = 52$, significando que existem 52 marcadores únicos. Este é o sentido matemático da roda calendárica de 52 anos.

Para que este ciclo se complete, passam-se 52 ciclos do *Ja'ab'* ou 73 ciclos do *Tzolk'in*, totalizando 18.980 dias, o mínimo múltiplo comum aos ciclos de 365 e 260 dias, ou seja, existem 18.980 combinações únicas entre os dois ciclos. O marco inicial da roda calendárica é 1 *Kab'an 0 Pop*,⁵⁷ ao menos no chamado sistema de Tikal, que é geralmente utilizado pelos acadêmicos como sistema maia do período clássico.⁵⁸

A relação do *Choltun* com a roda calendárica, para além da já comentada função do coeficiente zero do ciclo *k'in* associado ao glifo *Ajaw* do *Tzolk'in*, é importante no sentido de especificar a roda calendárica, posicionando-a em um tempo único. Uma data como 1 *Kab'an 0 Pop*, por exemplo, é demasiado vaga, pois tal data se repete a cada 52 anos, entretanto uma data como 9.16.13.16.17, 1 *Kab'an 0 Pop* é uma data única, pois posiciona uma roda calendárica dentro de

⁵⁵ MONTGOMERY, 2002: 168 e SITLER, 2010: 181.

⁵⁶ MONTGOMERY, 2003: 35 e TEDLOCK, 1992: 91.

⁵⁷ EDMONSON, 1988: 147.

uma cronologia histórica, uma conta linear, sem margem para dúvidas acerca do marco temporal do qual se fala.

Não sabemos tanto quanto gostaríamos a respeito de como os maias celebravam esse ciclo mas, por tratar-se de um ciclo grande o suficiente para ocorrer apenas uma vez na vida da maioria absoluta das pessoas, era visto como um evento de renovação, muito celebrado, e as celebrações incluíam a consagração de templos novos ou reformados e o acendimento de novo fogo,⁵⁹ algo que possivelmente compartilha aspectos com a mais documentada cerimônia *Xiuhmolpilli*,⁶⁰ também conhecida como “cerimônia do Fogo Novo”, que era a celebração *mexica* do ciclo de 52 anos.⁶¹

Na Guatemala contemporânea, completar 52 anos de vida significa, para o cidadão maia, estar credenciado a fazer parte do conselho de anciãos. Justamente pelo significado do ciclo, acredito tratar-se do rito de passagem mais importante em vida, no qual o ser vivente se aproxima ainda mais de seus ancestrais ou seus avós, como diriam os maias; se torna um ancestral.

2.2 – Série suplementar ou complementar

Como o próprio nome indica, a série suplementar traz ciclos que complementam a informação inicial composta pelos calendários mais usados, *Choltun*, *Tzolk'in* e *Ja'ab'*, mas cuja utilização e registro não é tão comum quanto a série inicial.

⁵⁸ Na verdade, por toda Mesoamérica, em diferentes lugares e épocas as variadas etnias fizeram e fazem uso de diferentes grupos de marcadores, diferentes datas de ano novo, consequentemente diferentes marcos iniciais. Isto se aplica também às diferentes etnias maias.

⁵⁹ RICE, 2004: 60.

⁶⁰ PHARO, 2010: 448.

⁶¹ A sociedade que hoje é mais conhecida como asteca chamava a si mesma de *mexica*, o que deu origem ao nome do México. Mais sobre o *Xiuhmolpilli* em PHARO, 2010.

A série complementar é composta por quatro calendários: o ciclo dos senhores da noite, a série lunar, o ciclo de 819 dias e o ciclo de 7 dias,⁶² entretanto sabemos muito menos a respeito deles do que gostaríamos, o que faz da série complementar um enigma para os acadêmicos e um campo vasto para interpretações e especulações.

2.2.1 – Senhores da noite ou *B'olon ti k'u*

O ciclo dos senhores da noite ou *B'olon ti k'u*⁶³ é composto por nove divindades ou governantes do mundo inferior ou mundo dos mortos. Eles se revezam como regentes noturnos, um por noite, o que significa que a influência de um mesmo senhor se repete a cada nove dias.⁶⁴ Os nove senhores são representados pelos glifos “G” e numerados de 1 a 9, como na imagem X.

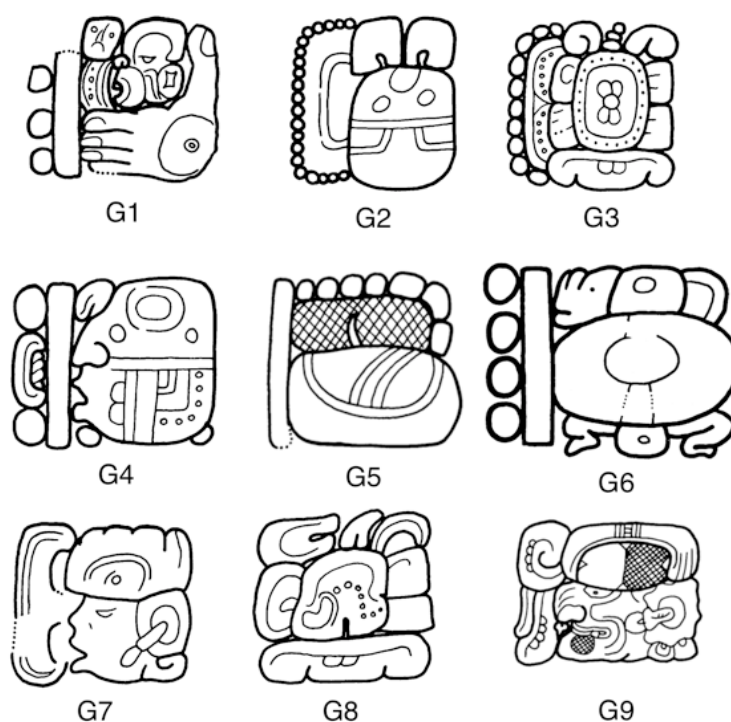


Figura 7. Variantes para cada um dos nove glifos “G”.

(© Sven Gronemeyer)

⁶² MONTGOMERY, 2003: 53.

Os significados dos nove senhores no contexto maia ainda permanecem bastante obscuros.⁶⁵ Montgomery nos fornece sua leitura:⁶⁶

G1 – Uma mão segurando a divindade referida como deus “C”⁶⁷ e um dos glifos do “grupo de sangue”, que retrata gotas de sangue.⁶⁸ G1 sempre é acompanhado por um coeficiente que consiste de uma barra e quatro pontos, ou “nove” – não confundir com G9, o último hieróglifo na sequência dos senhores da noite.

G2 – Consiste normalmente de um glifo que lembra o hieróglifo *tun* do *Choltun*, com o “segmento de centopeia” como prefixo. G2 parece nunca ser acompanhado por um coeficiente. Alternativamente, por conta da má preservação dos exemplos existentes desse hieróglifo, é possível que G2 seja acompanhado pelo número 2 ou 3.

G3 – Todos os exemplos conhecidos são combinados com o glifo “F”. Consiste em um “escudo” ou o assim chamado “glifo propulsor” sobreposto dentro do glifo “F”. Por vezes uma cabeça zoomorfa similar à de um pássaro substitui o “propulsor” como a variante personificada.

G4 – A forma personificada lembra a variante encefálica do hieróglifo do dia K’an, enquanto a forma simbólica pode ter o mesmo glifo principal que G2

⁶³ Termo que significa “nove divindades”.

⁶⁴ MONTGOMERY, 2003: 53.

⁶⁵ Entre os *mexicas*, por outro lado, os próprios códices auxiliaram numa identificação muito menos problemática das divindades: *Xiuhtecuhltli* (G1), *Itztli* (G2), *Piltzintecuhltli* (G3), *Centeotl* (G4), *Mictlantecuhltli* (G5), *Chalchiuhtlicue* (G6), *Tlazolteotl* (G7), *Tepeyollotl* (G8) e *Tlaloc* (G9).

⁶⁶ MONTGOMERY, 2003: 56-58.

⁶⁷ Nota de Montgomery: nomes de deuses designados por letras do alfabeto referem-se ao sistema desenvolvido próximo ao fim do século 19 por Paul Schellhas a partir de estudos dos códices.

⁶⁸ Nota de Montgomery: os anexos do “grupo de sangue” incorporam pontos geralmente interpretados como sangue, água, grãos, sementes ou bolas de incenso. Os epigrafistas

ou um elemento similar ao glifo “Lua”. O hieróglifo G4 sempre é acompanhado pelo coeficiente numérico representado por uma barra e dois pontos, ou “sete”.

G5 - O glifo principal retrata uma lanceta ou um espelho de obsidiana,⁶⁹ que é delineado com círculos ou colocado dentro de um glifo do “grupo de sangue” ou dentro de um elemento que lembra o glifo presente no mês *Mol*. As faixas arqueadas no “espelho” evidentemente denotam o brilho da pedra polida.⁷⁰ Por vezes G5 é sobreposto pelo “segmento de centopeia”, enquanto que a forma personificada lembra o deus “C”. O hieróglifo G5 sempre é composto por uma barra simples, representando o coeficiente “cinco”.

G6 - Com raros exemplos nas inscrições, G6 incorpora uma concha univalve de perfil.

G7 - Relativamente raro, o hieróglifo G7 parece ter como única característica um afixo em forma de colchete, que se lê *NA-* ou “primeiro”, mas o glifo principal algumas vezes incorpora uma fusão de *SAK* ou “branco” com *SAB’AT*, que significa “pintura” ou “tinta”, daí a possível tradução “tinta branca”. Se a cabeça de “homem jovem” presente na variação encefálica representa uma variante verdadeira ou uma fusão com o glifo “F” ainda é uma questão em debate, mas outra variante incorpora a cabeça associada ao número dois - um perfil masculino com uma mão no topo. Como *na-* significa “primeiro”, o “colchete” pode funcionar como o coeficiente numérico de G7.

costumam identificar o glifo como sangue, ainda que outros, incluindo certos historiadores da arte, discordem.

⁶⁹ A obsidiana é um vidro vulcânico, também usado como faca e outras armas graças a seu fio de corte bastante preciso.

⁷⁰ Nota de Montgomery: tais faixas evidentemente simbolizam “refletividade” ou uma superfície polida.

G8 - Representa a seção transversal de uma concha univalve estilizada, normalmente com uma área tracejada na esquerda ou na direita. Possivelmente o mesmo elemento usado no hieróglifo do mês *Kumk'u*. Conchas simbolizam o interior da terra e por extensão o mundo inferior. Nunca traz coeficiente numérico.

G9 - O mais comum de todos os hieróglifos, da série dos senhores da noite, pois sempre acompanha datas do *Choltun* que combinam um coeficiente zero no *k'in* e no *winal*, o mais comum em inscrições de datas maias. Incorpora uma flor *K'IN* que representa o deus Sol, mas frequentemente “escurecido” com tracejados. O prefixo pode representar três *tamales*,⁷¹ e *K'IN* algumas vezes recebe o glifo em forma de cauda que se lê *ni-* como um complemento fonético. A variante encefálica retrata um homem velho que traz a flor *K'IN* em sua cabeça e provavelmente representa o deus Sol “idoso”. G9 nunca recebe um coeficiente numérico.

Além disso, Michel Davoust sugeriu traduções⁷² para os nove hieróglifos:⁷³

G1 - *Bolon Ch'ul* (“Nove divindades”)

G2 - *Hoy Abac* (“Espalhador” ou “jorrador de tinta”)

G3 - *Hanab Ch'ahon* (“Flor de milho”)

G4 - *Wuk Ah* (“Sete pés” ou “Sete caules de milho”)

G5 - *Ho' Nen* (“Cinco espelhos”)

⁷¹ Uma comida pré-colombiana parecida com a “pamonha”.

⁷² Os nomes maias estão com a grafia de Davoust.

⁷³ DAVOUST, 1995: 75-76.

G6 – *Nal* (“Espiga de milho”)

G7 – *Nah* (desconhecido), *Nach* (“prender”, “agarrar” ou “segurar entre os dentes”) ou *Ah Zac* (“Lorde branco” ou “Lorde brilhante”)

G8 – *Ol* (“Coração”)

G9 – *Chah Kin* (“Sol noturno”, “Sol escurecido” ou “Sol da escuridão”)

Observamos que as leituras de Montgomery e Davoust se encontram em alguns aspectos, especialmente em suas interpretações sobre G5 e G9, o que nos dá alguma segurança, entretanto permanecem muitas dúvidas a respeito dos senhores da noite. Sven Gronemeyer, por exemplo, identificou os glifos “G” como aspectos distintos do deus do milho,⁷⁴ o que não aparece tão explicitamente em nossas outras referências e merece maior atenção.

2.2.2 – Série lunar

Uma coleção separada de glifos, composta por três ciclos, é coletivamente citada como a “série lunar”. O primeiro ciclo refere-se aos dias transcorridos na lunação atual desde o fim da fase em que a Lua está obscurecida, o segundo traz o nome da lunação ou mês lunar e o terceiro trata-se de um registro que especifica se a lunação é de 29 ou 30 dias.⁷⁵

Os decifradores referem-se ao hieróglifo que registra a idade da Lua como glifo “D”, utilizado quando a lunação tem menos de vinte dias. Em caso de

⁷⁴ GRONEMEYER, 2006.

⁷⁵ MONTGOMERY, 2003: 59-60. Como cada lunação dura aproximadamente 29,5 dias, os maias intercalavam ciclos de 29 e 30 dias para efeito de compensação matemática.

idade lunar superior a dezenove, o glifo “D” é acompanhado pelo glifo “E”, que complementa o coeficiente numérico.⁷⁶

A segunda parte da série lunar é composta, basicamente, pelo glifo “C”, que determina em qual dos seis meses lunares uma data está, pelo glifo “X”, que traz o nome do mês, e o glifo “B”, que serve para reafirmar que o glifo “X” traz o nome da luação.⁷⁷

A série lunar é concluída pela terceira parte, composta pelo glifo “A”, que consiste numa combinação entre um glifo lunar que incorpora dentro de seus lóbulos um círculo que indica o valor “vinte” e um coeficiente numérico que pode ser 9 ou 10 e sempre aparece como um sufixo, indicando se a luação terá duração de 29 ou 30 dias.⁷⁸

2.2.3 – Ciclo de 819 dias

Um ciclo relativamente raro que se baseia na permutação de três números muito importantes entre os maias e mesoamericanos e considerados sagrados: 7 (número que simboliza a terra ou o número de níveis do plano terreno), 9 (número de níveis do mundo inferior ao terreno) e 13 (número de níveis superiores ao humano). Os três, multiplicados, resultam no número 819.⁷⁹

Nenhuma explicação satisfatória para sua função mais ampla existe até hoje,⁸⁰ e não há qualquer relação entre o ciclo e eventos astronômicos que tenha

⁷⁶ MONTGOMERY, 2003: 60.

⁷⁷ MONTGOMERY, 2003: 61-62.

⁷⁸ MONTGOMERY, 2003: 62.

⁷⁹ MONTGOMERY, 2003: 63, SCHELE; FREIDEL, 1990: 78, THOMPSON, 1950: 214.

⁸⁰ MONTGOMERY, 2003: 63.

sido observada, o que nos leva a presumir que seja um ciclo baseado em numerologia.⁸¹

O que se entende é que o ciclo de 819 dias relaciona a data do *Choltun* a uma divisão específica do tempo ou da progressão do tempo, relacionada às quatro direções cardeais. O ciclo divide o mundo em quadrantes físicos, cada um associado a uma direção e cor. A direção leste corresponde ao vermelho, oeste ao preto, norte ao branco e sul ao amarelo.⁸²

Nas inscrições que registram esse ciclo, o deus “K”, também conhecido como *K’awil*,⁸³ é mencionado como regente do período de 819 dias. Ele é caracterizado por uma face de nariz grande, um espelho na testa do qual sai fumaça e frequentemente um pé ou uma perna que assume forma de serpente.⁸⁴ Existe uma variação do deus para cada um dos quatro ciclos, cujo diferencial é a associação a uma das cores: o *K’awil* vermelho do leste, o *K’awil* branco do norte, o *K’awil* preto do oeste e o *K’awil* amarelo do sul.⁸⁵

Cada ciclo de 819 dias é conhecido como uma “estação”⁸⁶ ou “posição de *K’awil*”, e direção e cor associados a ele têm relação com o dia do *Tzolk’in* que marca o primeiro dia do ciclo de 819 dias. Como o número 819 é um múltiplo de 13 e tem um resto 19 em relação à base vigesimal e 39 em relação ao ciclo de 260 dias, a progressão dos dias do *Tzolk’in* que marcam os inícios desse ciclo é interessante: são sempre acompanhados pelo número 1, mas os vinte glifos se

⁸¹ SCHELE; FREIDEL, 1990: 429.

⁸² MONTGOMERY, 2003:63-64 e SCHELE; FREIDEL, 1990: 78.

⁸³ Divindade cuja função assemelha-se ao Tojil do período pós-clássico e ao Tezcatlipoca mexicana, isto é, diretamente associado ao fogo, à obsidiana e ao espelho fumegante.

⁸⁴ MONTGOMERY, 2003: 64 e SCHELE; FREIDEL, 1990: 78.

⁸⁵ SCHELE; FREIDEL, 1990: 78.

⁸⁶ Em inglês, *station*.

revezam numa sequência inversa à normal, ou seja, um ciclo 1 *Lamat* é seguido pelo ciclo 1 *Manik'*, 1 *Kimi*, 1 *Chikchan*, 1 *K'an*, e assim por diante. Um ciclo completo pelas quatro direções, ou seja, quatro ciclos de 819 dias, é composto de 3.276 dias.⁸⁷ Entretanto, para que o começo de um ciclo de 819 dias volte a coincidir com o mesmo dia do *Tzolk'in* são necessários 16.380 dias.

Linda Schele e David Freidel nos brindam com uma informação preciosa a respeito do ciclo de 819 dias: o primeiro desses ciclos foi iniciado em 6.15.0, mais exatamente 2.460 dias antes do marco zero da conta longa, sendo um marco associado ao nascimento da mãe dos deuses no texto do templo da cruz em Palenque.⁸⁸ Finalmente, vale ressaltar que a mãe mencionada é a deusa que deu origem à chamada tríade de Palenque, que por sua vez são os deuses patronos da antiga cidade.⁸⁹ O segundo dos três é identificado como *K'awil*.⁹⁰

2.2.4 – Ciclo de 7 dias

O mais raro da série complementar, sendo também o mais enigmático. Relacionado aos glifos “Y” e “Z”, cujos significados e propósitos ainda carecem de maior investigação.⁹¹ Este ciclo seria similar ao dos senhores da noite, porém relativo aos senhores da terra e numerados de um a sete, sendo um ciclo passível de ser nomeado como *Wuk ti k'u*, “sete divindades”, da mesma forma que nomeamos *Oxlajun ti k'u* (“treze divindades”) e *B'olon ti k'u* (“nove divindades”).⁹²

⁸⁷ MONTGOMERY, 2003: 64.

⁸⁸ SCHELE; FREIDEL, 1990: 429.

⁸⁹ SCHELE; MATHEWS, 1998: 414.

⁹⁰ MILLER; TAUBE, 1997: 130.

⁹¹ MONTGOMERY, 2003: 64-65.

⁹² YASUGI; SAITO, 1991: 11.

SÉRIE INICIAL E SÉRIE COMPLEMENTAR

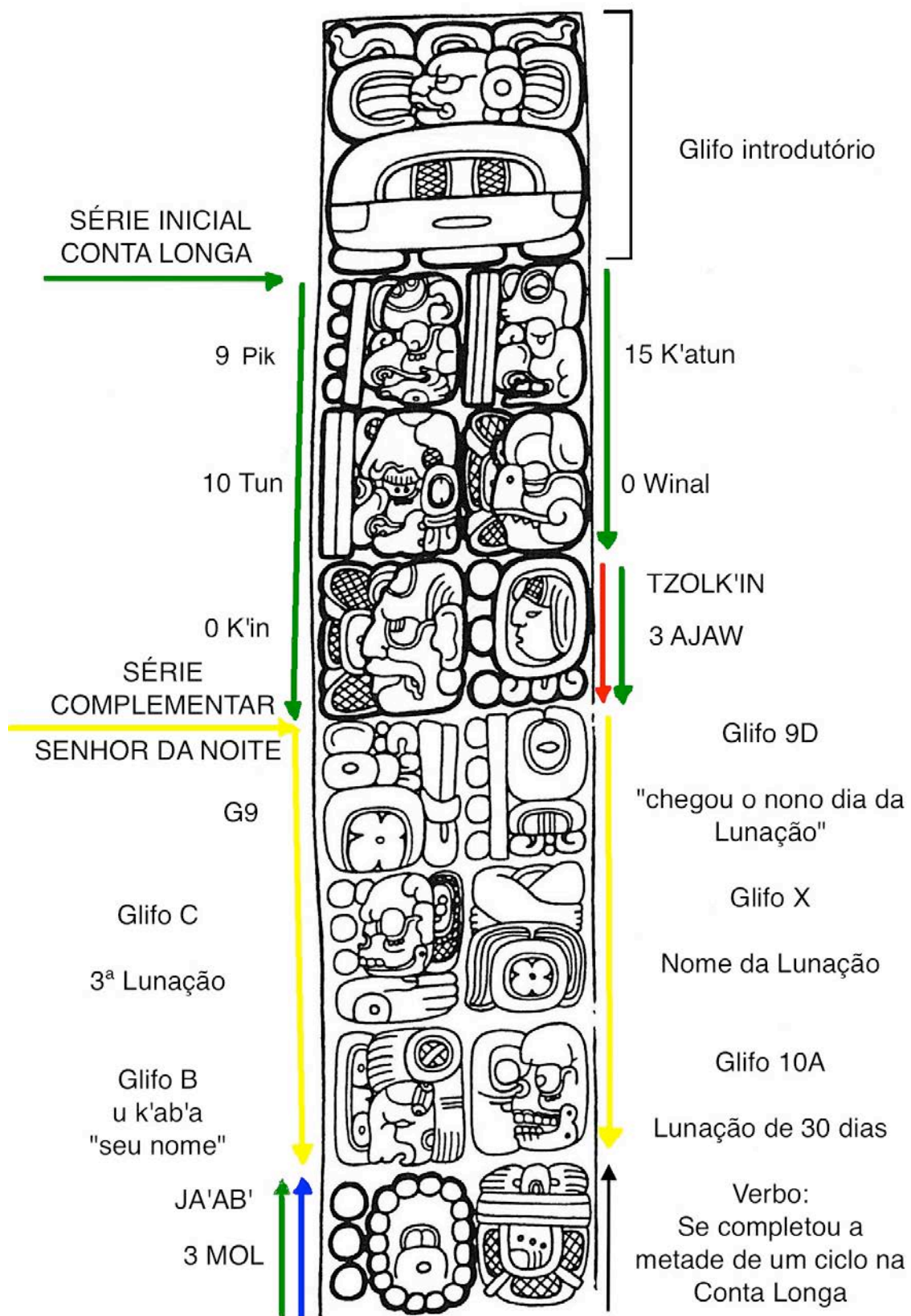


Figura 8. Estela 10 de Piedras Negras.

(© John Montgomery/FAMSI)



Figura 9. Estela D de Copán (Honduras). Um dos poucos registros em que os hieróglifos e os deuses-dígito aparecem de "corpo inteiro", ilustrando a beleza da arte maia clássica.

(© John Montgomery/FAMSI)

Capítulo 3

Calendário de símbolos

3.1 – Mais que um calendário

Como diz o título de um livro publicado na Guatemala, *El Tzolk'in... Es más que un calendario*.⁹³ Isto não apenas é verdade como também algo que se torna evidente em qualquer investigação sobre o ciclo de 260 dias, ainda que pouco aprofundada.

Mais do que qualquer outro calendário na Mesoamérica (quicá no mundo), o *Tzolk'in* condensa, em cada um de seus 260 dias, aspectos cotidianos, religiosos e, principalmente, identitários. Como destacou Barbara Tedlock, cada dia tem sua própria face.

Cada um dos vinte glifos (ou, ainda mais especificamente, cada um dos 260 dias) é atualmente chamado de *nawal* ou mesmo “signo”, como prefere Timoteo Martínez Gonon, um dos líderes da *Asociación de Sacerdotes Mayas de Guatemala* (ASMG), cujo discurso,⁹⁴ contudo, expôs um desejo político de “unificação do calendário”.

Particularmente, nos posicionamos a favor da diversidade calendárica, das tradições/linhagens familiares dos *ajq'ijab'* que, por sua manutenção no âmbito

⁹³ ALVARADO, 1995.

⁹⁴ Tal preferência pela categoria “signo” se deve muito ao fato de *nawal* ser um termo oriundo da língua *náhuatl*, cujos mais conhecidos nativos são os *mexicas* (astecas). Entretanto, não podemos comparar tais “signos” com aqueles oriundos da astrologia ocidental moderna; ao mesmo tempo em que o método de definição de cada “signo” é absolutamente diferente. No período em que dura a influência de cada signo astrológico, a roda dos vinte signos mesoamericanos gira uma vez e meia; no contexto maia seus “signos” estão muito mais enraizados e menos banalizados do que os signos astrológicos no contexto ocidental.

familiar, são diversas até dentro de uma mesma comunidade. Isto significa uma posição contra a imposição de uma homogenização, aquela que interessa tanto ao Estado quanto à burguesia indígena, que quer disseminar uma alienação política, enquanto o Estado da Guatemala legitima como se fossem “líderes” maias autoridades que não têm qualquer reconhecimento da base maia, e que misturam elementos *new age* e estão sempre rondando o uso turístico e deturpador que se faz da identidade maia.

Por isso, preferimos categorias mais nativas, como *uwach q'ij* (“rosto do seu dia” em *K'iche'*), que enriquece o entendimento acerca da identidade calendárica, que é ao mesmo tempo ritual e política, e tem o rosto do dia de cada um, que cada um expressa em sua vida social. Isto significa nos aproximarmos mais da resistência cultural, espiritual e política maia nos dias de hoje, da qual não se fala tanto quanto deveria.

3.2 – Significado dos glifos

Ao longo deste capítulo, cada um dos vinte glifos será descrito com base em quatro referências diferentes:⁹⁵ duas acadêmicas, de epigrafistas que analisaram os símbolos deixados pelos antigos maias, e duas contemporâneas, elaboradas por sacerdotes maias nos dias de hoje e publicadas por instituições da Guatemala. Cada interpretação será precedida pelas iniciais dos autores, começando pelos dois acadêmicos, John Montgomery (JM) e David Stuart (DS),

⁹⁵ MONTGOMERY, 2003; STUART, 2011; KITZE; e TICUN, 2010.

e terminando pelas duas referências maias contemporâneas, identificadas como KITZE⁹⁶ e NT (Nicolas Lucas Ticun).⁹⁷

3.2.1 – *Imix*



Figura 10. Variantes do glifo *Imix*.⁹⁸

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Representa um nenúfar⁹⁹ estilizado. Inclui um círculo que se encontra com o topo e cujo interior é frequentemente tracejado, e abaixo disso existem pequenos círculos formando um arco e várias linhas verticais curvas e paralelas junto à base. A forma personificada do dia representa o monstro nenúfar.

DS – Uma serpente aquática. *Imix*, ou seu nome alternativo *Imox*, refere-se à uma criatura aquosa mítica que chamamos de Serpente Aquática, um importante espírito animado associado a rios, lagos e piscinas. A cabeça dessa criatura fantástica pode aparecer como glifo do dia, mas uma forma mais comum de *Imix* é um glifo que em outros contextos significa *ba'*, “água” na escrita maia. Essa forma abstrata, que mostra um círculo interno sobre uma

⁹⁶ Escolhemos identificar esta referência como KITZE. Trata-se de um livro obtido na ASMG, *Los primeros abuelos Mayas: Balom Kitze – Caj Ja Paluma*, que foi escrito coletivamente há alguns anos por vários *ajq'ijab'* de diferentes lugares.

⁹⁷ Nicolas Lucas Ticun é o ancião principal da Oxlajuj Ajpop, associação que centraliza distintos grupos de sacerdotes maias. Ele segue a tradição do ano novo fixo em 21 de Dezembro, entretanto afirmou em comunicação pessoal que o ciclo de 13 *Pik* terminou em 2010. Merece maior atenção dentro do contexto político da diversidade calendárica, assim como a ASMG.

⁹⁸ A exemplo desta, todas as imagens deste capítulo mostram três variantes para cada um dos vinte glifos do *Tzolk'in*, sempre da seguinte maneira: à esquerda, a de Diego de Landa, ao centro um exemplo visto em códices e à direita uma variante esculpida em monumentos em pedra, as estelas.

série de curtas listras verticais, uma representação cuja origem remete a um nenúfar florido. Em qualquer lugar da Mesoamérica, o primeiro dia tem significados similares.

KITZE – É o *nawal* da criação, criatividade, terra e fertilidade. *Nawal* do sustento, é a multiplicação da fertilidade humana, a colheita. *Nawal* da chuva, do mar, do lago, dos rios e todos os animais aquáticos, ou seja, o *nawal* da água. *Nawal* da loucura, dia do perigo, que nos indica que devemos buscar o equilíbrio universal.

É o espírito da chuva, e é representado por serpentes de luz no céu. *Nawal* do lagarto, crocodilo, tubarão, tartaruga, peixe e cobra branca. As pessoas nascidas neste signo são engrendradas no signo *B'en*, e seu signo de destino é *Muluk*.¹⁰⁰

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são inteligentes, protetores de seus filhos, enérgicos, práticos e criativos. Têm iniciativa, são produtivos e líderes poderosos. Trabalhadores, têm forças naturais invisíveis.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: duvidosos, indecisos, dominadores, agem pela emoção, são críticos e exigentes, não trabalham para os outros, se isolam.

Boas profissões para os nascidos neste signo: psicólogos, sociólogos, poetas, escritores, médicos espirituais, juízes.

⁹⁹ Nome genérico para várias plantas aquáticas que têm flor, como a vitória-régia.

¹⁰⁰ Trata-se de uma relação matemática fixa entre os *nawales*, que será mencionada para todos os outros 20 glifos é significada mesmo dessa maneira: *nawal* de origem e *nawal* de destino. Note a relação matemática, fixa para as relações de origem e destino de todos os glifos: na trezena (ciclo de treze dias) iniciada(o) em 1 *Imix*, temos o dia 9 *Muluk* e o dia 13 *B'en*. Na trezena 1 *Muluk*, temos 5 *B'en* e 13 *Imix*. Na trezena 1 *B'en*, temos 9 *Imix*.

NT – *Nawal* da chuva, da água. Quando necessitamos fazer cerimônias para pedir chuva, é propício realizá-la neste dia, é neste *nawal* que se pede a moderação e o equilíbrio da chuva, nem muito nem pouco, apenas o necessário. A pessoa que nasce neste *nawal*, se não é guiada ou encaminhada num processo adequado, enlouquece, se torna agressiva e enfrenta dificuldades, mas quando é encaminhada e aconselhada adequadamente será um grande guia, em seu lado esquerdo coloca as cerimônias pois é assim que funciona melhor para ela. É representado por um peixe longo, parecido com um serra-espanhola.¹⁰¹

3.2.2 – *Ik'*

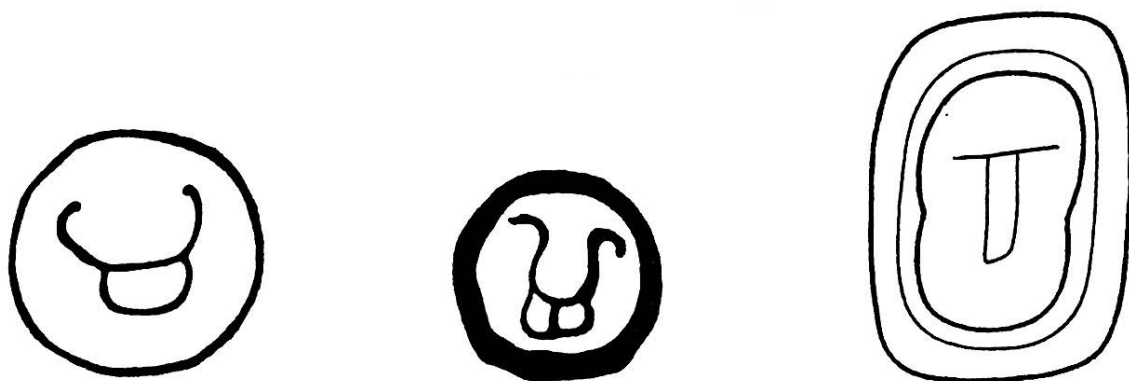


Figura 11. Variantes do glifo *Ik'*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Tem um elemento em forma de “T” sobreposto sobre um fundo simples. Simboliza o vento. A variante personificada representa um homem jovem com o símbolo “T” inserido na bochecha ou num ornamento de orelha.

DS – Vento, respiração (ou sopro, alento). O nome do segundo dia é comum nas línguas maias como *Ik'* ou *Iq'*, significando “vento” ou “respiração”. O hieróglifo em forma de “T” na escrita maia geralmente significa esta mesma palavra, como na pronúncia do “deus vento” maia do período clássico, *Ik' Kuh*.

¹⁰¹ Ou *serrucho*, no texto original.

Visualmente o “T” dentro de um círculo tem sua origem como uma representação de um chocalho de cabaça que tinha no centro uma pequena e sonora abertura em forma de “T”. Esses instrumentos similares às maracás eram frequentemente mostrados sendo segurados pela divindade maia associada à música e às flores, talvez equivalente ao “Príncipe das Flores” *mexica*, *Xochipilli*. Essa conexão entre vento e respiração à música e som pode ter sua origem na crença mesoamericana em uma conexão intrínseca entre vento, o movimento do ar, e a condução do som. Possivelmente por essa razão a deidade patrona da música era o símbolo do dia “vento”.

KITZE – É o construtor e destrutor da vida. Ar, vento, alento sagrado da vida. *Nawal* da chuva, do fogo, onde nasce a palavra do ser humano. É a força e a presença do *Ajaw*. Representa a limpeza e a pureza do cristal. *Nawal* do gavião e do colibri. Espírito que nos dá força na vida. As pessoas nascidas nesse signo são fecundadas no signo *Ix* e seu destino é representado pelo signo *Ok*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são inteligentes, muito poderosos, gostam do comércio e da dança. Mente ativa, são comunicativos e versáteis. São astutos quando se trata de poder, se interessam pelo aprendizado, a fala, a leitura e outras formas de comunicação mental. Sonham voar, são pensativos, músicos.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: incompreensíveis, irresponsáveis, contraditórios, negligentes, indecisos, têm contato com espíritos maus.

Boas profissões para os nascidos neste signo: filósofos, matemáticos, cantores, músicos, artistas, arquitetos, investigadores.

NT - É autoridade, pensante e dirigente. *Nawal* do ar. “Minha mãe dizia que quando morresse não lhe mandássemos agulha e linha para que não a mandassem costurar a roupa do ar, porque o ar passa rasgando sua roupa sobre ou em meio aos galhos das árvores”. Anteriormente, para nossos antepassados, se oferendava agulha e linha aos mortos, no caso das mulheres; aos homens se oferendava outros tipos de materiais, dependendo do trabalho que exerciam.

Segundo a antiga escritura, este dia está representado por um pássaro com asas grandes, assim deixaram plasmados em pedras que se encontram no México nossos antepassados.

Portanto *Iq'* é um grande *nawal*, ideólogo, dirigente e líder, pensante, que aconselha e desata os nós e o mal que as pessoas lhes fizeram.

3.2.3 - *Akb'al*



Figura 12. Variantes do glifo *Akb'al*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM - Representa o segmento do corpo de uma serpente. Duas curvas opostas se encontram no topo, algumas vezes com o interior tracejado, representando as marcas do corpo da serpente. Os segmentos inferiores ondulados retratam as escalas da parte inferior da serpente. Simboliza “escuridão”, “período noturno” e “obscuridade”.

DS – Noite. Seu significado é “noite” ou “escuridão” em todas as línguas maias. A forma do glifo do dia é difícil de interpretar e entender, mas pode derivar de uma convenção artística na representação de coisas escuras ou sem brilho. Na arte e iconografia maia do período clássico, glifos *Akb'al* decoravam os corpos de certas divindades do mundo inferior, incluindo o aspecto noturno do deus Sol. Em culturas do período pós-clássico, o significado era muito diferente, “casa”, embora talvez isso derive da ideia do mundo inferior como um escuro espaço arquitetônico interior.

KITZE – Persegue a escuridão. Representa o amanhecer, a luz, a obscuridade, o Sol do dia, a Lua e as estrelas da noite. O desenvolvimento dos dias e do tempo. Iluminação das coisas ocultas. *Nawal* da natureza. Coração da montanha, o jaguar que domina montes altos. Seu animal é o coelho e o jaguar. As pessoas nascidas nesse signo são engendradas no signo *Men* e seu signo de destino é *Chuwen*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: muito pontuais, cumprem sua palavra, são organizados e demonstram muita paciência. Capazes de resolver problemas difíceis, são inteligentes e pensativos. Segurança mental e física, são pacíficos, lógicos, curandeiros.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: têm rancor, raiva, são nervosos, traiçoeiros, muito reservados, isolados, inflexíveis, egoístas, perseguidos pelo fracasso e pela doença.

Boas profissões para os nascidos neste signo: conselheiros, literatos, artistas, comerciantes, arquitetos, investigadores, líderes.

NT – Representado pela pirâmide. Significa amanhecer ou madrugada, e a pessoa que nasce neste *nawal* é madrugadora, e além disso analisa e visualiza o movimento da terra, da Lua, das estrelas e do Sol.

Ajq'ij, astrônomo, diagnostica, prognostica e prediz as mudanças na natureza, o que está por vir, se o tempo futuro traz consigo ar, chuva ou seca, visualizando com antecedência; tem visões a longo prazo. Pensa suas ações antes de agir e sempre está em constante análise e reflexão.

Se simpatiza a muitos lugares sagrados que não são apenas para realizar cerimônias mas também são observatórios deixados pelos nossos antepassados para controlar o tempo.

3.2.4 – *K'an*



Figura 13. Variantes do glifo *K'an*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Provavelmente representa um grão de milho. Incorpora uma forma oval que tem uma curva inferior ou uma faixa que parece um colchete com linhas verticais dentro, e uma forma oval adicional que se encontra na parte superior. Nos códices, jovens plantas de milho brotam do glifo *K'an* como se fosse uma semente de milho. A palavra *K'an* significa, entre outras coisas, “amarelo” – a cor do milho – e tem a conotação de “maduro”. A forma

personificada faz lembrar muito o glifo do dia *B'en*, e lembra uma versão do glifo *Kib'* de cabeça para baixo.

DS – Milho maduro? A forma geométrica do hieróglifo do dia é o glifo para “milho”, e sua forma animada é a do jovem deus do milho, por vezes mostrando a folhagem do milho emergindo da parte de trás de sua cabeça. O nome *K'an* significa “amarelo”, mas também, por extensão, indica a cor do milho maduro. Em outras línguas maias o nome desse dia é *K'at*, possivelmente significado “rede”. Em geral, o quarto dia é muito difícil de interpretar por conta de seus nomes inconsistentes, mas visualmente esse glifo maia é derivado de uma representação do milho.

KITZE – Significa matriz, a mãe que nos deu a vida. *Nawal* dos cárceres visíveis e invisíveis e de todo tipo de castigo e tortura. Desenvolvimento e investigação da ciência maia. Representa o homem de milho, é o enrolar e o desenrolar da vida. Seu animal é a lagartixa, e os nascidos nesse dia são fecundados no dia *Kib'* e seu signo de destino é *Eb'*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: possui poder e sabedoria, gosta da atuação ou representação, são grandes pensadores, têm vida criativa e produtiva, sonha com o que vai acontecer. São ativos, influentes, comprometidos com a arte, dançarinos, guias espirituais.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: agressivos, respondões, inflexíveis, destroi seus semelhantes. Adúlteros, devedores, individualistas, são exigentes.

Boas profissões para os nascidos neste signo: médicos, administradores, agricultores, artistas, planejadores.

NT – Representado por uma lagartixa, não é uma lagartixa comum, mas parecida a um escorpião, é venenosa e a pessoa mordida por este animal morre instantaneamente.

Os que nascem nesse *nawal* são fortes e agressivos, podem chegar a ser autoridades, dirigentes, líderes e guias espirituais. Quando há confrontos, problemas ou dificuldades, é propício que no *nawal K'at* se peça perdão e se faça os respectivos arranjos ou oferendas, pois se invoca esse *nawal* para acalmar ou apaziguar os males. Os nascidos em cinco, sete, nove, onze e treze *K'at* são agressivos.

3.2.5 – *Chikchan*



Figura 14. Variantes do glifo *Chikchan*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Simplesmente duas barras diagonais paralelas, bem curtas e brucas, sobrepostas em um fundo simples. Faz lembrar o topo do glifo *Yax*. A forma personificada retrata uma cobra, que é chamada *chan* em *Ch'ol* ou *kan* em *Yukateko* (nesse caso, *kan* sem a parada glotal).

DS – Cobra. O significado do quinto dia é “cobra” em quase todas as línguas mesoamericanas, incluindo as maias. Sua representação comum é uma cabeça, de perfil, representando uma cobra, por vezes mostrando afiadas presas frontais.

KITZE – Dia dos sete poderes de construção e formação do mundo e dos seres vivos. *Nawal* da água, da montanha, do tigre, da águia, do sangue que representa os restos do casal criador. Formador do céu e da terra. Dia da justiça, da riqueza, da multiplicação das coisas. Simboliza ciclos de mudança. As pessoas nascidas nesse signo são engendradas no dia *Kab'an* e seu signo de destino é *B'en*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: muito inteligentes, têm sabedoria, são bem informados, fortes fisicamente e mentalmente. Construtivos, criativos, tranquilos e estáveis. Praticam a justiça e a sinceridade, são humildes e trabalhadores.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: agressivos, mulherengos, alcoólatras, capazes de prejudicar uma pessoa mental ou materialmente. Mensageiros de más influências, viciados em sexo até a morte, extremistas.

Boas profissões para os nascidos neste signo: astrônomos, obstetras, artistas, políticos, planejadores

NT – É um dia importante para nossos ancestrais, o representaram como uma cobra. Esta representação se encontra em várias partes, como Teotihuacán, México.

A pessoa que nasce neste dia pode ser guia espiritual, médico, juiz e dirigente. Se sobressai em cura e é especializado na sagrada cerimônia e nas plantas medicinais, com as quais satura para curar as enfermidades.

3.2.6 – *Kimi*

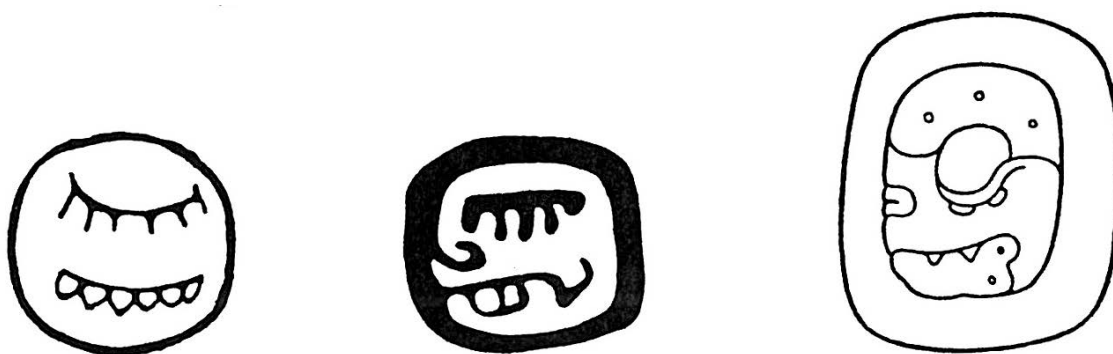


Figura 15. Variantes do glifo *Kimi*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM – A forma simbólica lembra o símbolo de “porcentagem” – uma linha ondulante entre dois pontos – e significa “morte”. A cabeça do deus da morte serve como sua variante personificada.

DS – Morte. Um glifo de caveira era usado para indicar o sexto dia em todas as escritas mesoamericanas, e seu nome significa “morte” em quase todas as línguas mesoamericanas.

KITZE – Significa o juiz supremo das coisas, o escárnio e o suplício. *Nawal* da doença e da morte. Prognostica o bom e o ruim. *Nawal* da coruja, da jaritataka, do gato montês. Pode tirar a força de uma pessoa ou fortalecê-la. *Nawal* da Lua e da concha, dos quatro caminhos.

Símbolo do nascimento, *nawal* onde se desenvolve a energia da noite e da luz do dia como canal entre os seres vivos e mortos. Simboliza a morte, a

harmonia e o renascimento. As pessoas que nascem nesse dia são concebidas em um dia *Etz'nab'* e seu signo de destino é *Ix*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: capazes de curar, protetores das sacerdotisas maias, têm consciência política acentuada, são cooperadores e se interessam pela espiritualidade.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: vingativos, violentos, destrutores, suicidas, isolados, solitários, não sabem que caminho seguir na vida.¹⁰²

NT – Significa morte e é representado por uma caveira. Os olhos fechados significam que está morto, assim está plasmado nos códices. É o dia de nossos antepassados, ancestrais e avós mortos.

Os nascidos nesse dia são guias espirituais, encarregados de oferendas aos avós, seu trabalho é frutífero, devem oferecer sempre para que não se desviem.

Há algumas perguntas que sempre fazem os de outras crenças, como “para onde vai o maia quando morre?”, “existe inferno ou céu?”, “para onde vai o maia depois de sua morte, quer tenha feito o bem ou o mal?”.

Para nós não existe inferno nem céu, nossos antepassados, avós e avôs mortos estão conosco, estão próximos, no espaço e na energia é onde estão.

3.2.7 - *Manik'*Figura 16. Variantes do glifo *Manik'*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM - Uma mão com dois círculos no pulso, um interior e outro exterior. Nenhuma variante encefálica conhecida.

DS - Veado. O significado “veado” é transmitido pela representação visual usada por toda a Mesoamérica, incluindo algumas formas maias. O nome maia Yukateko, *Manik'*, tem origem obscura, mas pode ter sido inspirado em tempos antigos pela palavra zapoteca *mani'*, “animal”. No período clássico, esse glifo normalmente retrata uma mão curvada, que em outros contextos é utilizado para representar o som *chi*. Isto veio a ser usado como glifo do dia pois a palavra para “veado” era *chij*.

KITZE - Dia da vara de poder das sacerdotisas maias. *Nawal* das autoridades, dos animais e das plantas. Pessoas que nascem nesse signo são engendradas no dia *Kawak* e seu signo de destino é *Men*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: gostam de viajar, são sorridentes, pacíficos, sábios, inspiram confiança, são generosos, honestos, preocupados com a família e a integridade social.

¹⁰² Parece um erro na referência, pois Kimi não tem profissões associadas a seu dia.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: propensos a doenças e a calúnias, muito dominadores com seus parceiros, vingativos, muito sensíveis, conservadores, pecadores, desorganizados

Boas profissões para os nascidos neste signo: são bons em ciências sociais, podem ser juízes, psicólogos, matemáticos, comerciantes, ginastas, artistas.

NT – É o veado. Para nossos ancestrais, o veado é seu cavalo, no veado montam nossos ancestrais mortos. O nascido nesse dia é pensador e líder, tem características similares a Akb'al, são astrônomos e conhecedores das coisas celestes.

Essa pessoa tem uma grande missão, sua trajetória será grande, é escritor, pensador, intelectual, diagnóstica e tem visões.

3.2.8 - *Lamat*

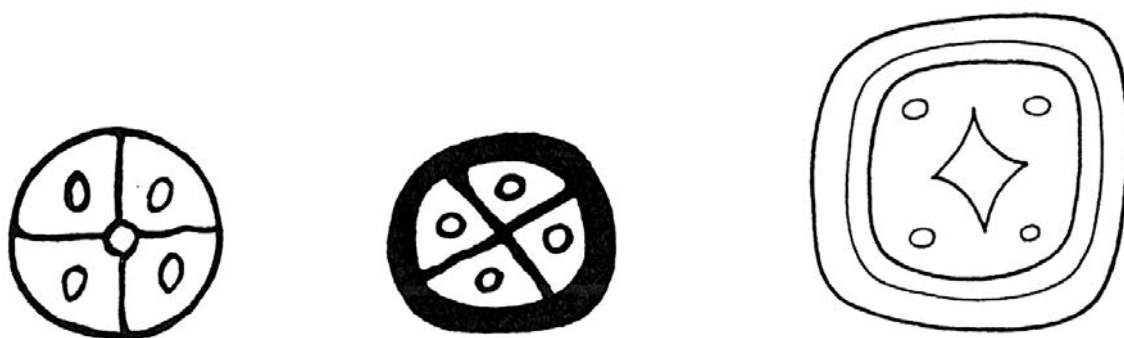


Figura 17. Variantes do glifo *Lamat*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM – O glifo “Vênus” ou “estrela”. Sua forma simbólica representa uma área esquadrejada por linhas curvas, com cada uma das quatro partes contendo um pequeno círculo. A forma personificada representa um animal não identificado que tem metade da “estrela” gravada na parte de trás da cabeça ou em qualquer outro lugar. Em uma variante encefálica a “estrela” representa um

par de olhos, sobre os quais pende uma franja de “cabelo” ou um elemento que lembra *Imix*.

DS – Estrela? A origem visual do oitavo dia é uma representação de uma estrela, com sua forma pontiaguda mais claramente indicada em representações mais antigas. Os nomes desse dia causam uma boa confusão, entretanto. O significado *mexica* desse dia é “coelho”, mas nenhuma língua maia sugere o mesmo significado. Ao invés disso, encontramos os nomes *Lamat* ou *Lambat*, que fazem pouco sentido etimologicamente. Em algumas línguas maias esse dia é chamado *Q'anil*, e é interessante que nas línguas de Chiapas é semelhante a *k'anal* ou *q'anal* é a palavra para “estrela”.

KITZE – Significa a energia divina do milho. *Nawal* da semente. Sêmen, germinação de todos os seres vivos. Dia da construção dos primeiros avós de milho. Simboliza as quatro estações do ano, os quatro tipos de milho que estão relacionados aos quatro tipos de homens, ambos relacionados às cores amarelo, preto, branco e vermelho.

Seu animal é o coelho, é o planeta Vênus, seu *nawal* é o maguey. As pessoas nascidas nesse dia são fecundadas num dia *Ajaw* e seu destino é simbolizado pelo dia *Kib'*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são bem afortunados em plantações ou criações de animais. Muito férteis, são bons comerciantes e têm energia intensa. São extremamente inteligentes e intuitivos, têm força espiritual, possuem riquezas, são astutos, criativos e bem sucedidos. Gostam de falar, debater, ler e escrever. Mente complexa, se interessam por detalhes.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: sofrem de dor de cabeça, resfriados. Destroem seu próprio lugar, são incrédulos, acreditam na sua imaginação, são nervosos, covardes, autodestrutivos, evitam grandes responsabilidade. Viciados em álcool e drogas, são obsessivos, compulsivos, intrometidos, orgulhosos, egoístas.

Boas profissões para os nascidos neste signo: agricultores, filósofos, matemáticos, médicos, ginecologistas, artistas.

NT - *Nawal* do milho, do que comemos diariamente, milho amarelo, branco, preto, vermelho, feijões e tudo o que semeamos na terra. As sementeiras se fazem neste dia, e quando pedimos que sejam abundantes as colheitas e que os animais não as comam, há de oferecer e pedir ao *nawal Q'anil*, de preferência num dia par.

As pessoas que nascem nesse *nawal* são um pouco agressivas, mas são as pessoas que podem pedir pela sementeira, administrarem a sementeira, a colheita, distribuição, uso e armazenamento. Têm naturalmente uma abundância material.

3.2.9 - *Muluk*

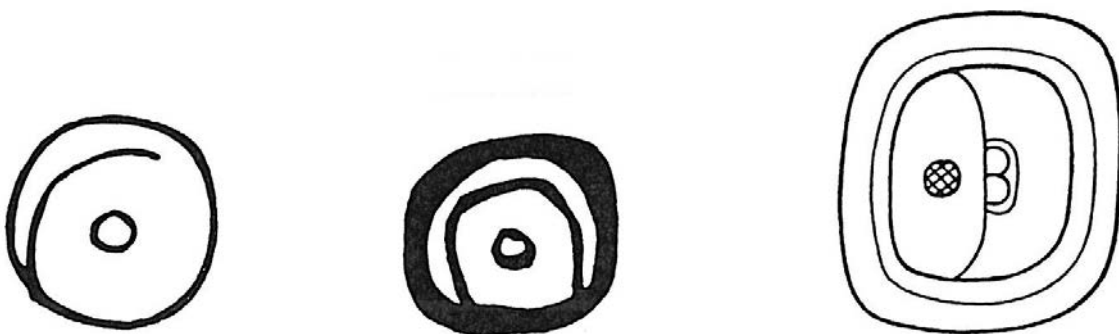


Figura 18. Variantes do glifo *Muluk*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Possivelmente uma imagem abstrata de jade. Incorpora o fundo simples dividido por uma linha vertical curva com dois pequenos círculos paralelos na direita e um círculo na metade esquerda que às vezes é tracejado. A forma personificada simplesmente inclui uma boca na parte inferior esquerda, de maneira que o glifo lembre um peixe. Outra variante ainda inclui um fundo simples sobreposto por um círculo único e uma variante encefálica similar a um roedor.¹⁰³

DS – Jarro de água? O nono dia é representado na escrita maia por um jarro de água feito de cerâmica e adornado por uma linha diagonal ou curva escorrendo de seu centro. Isto aponta para o significado “água”, que encontramos em diversos outros grupos mesoamericanos, embora curiosamente não em línguas maias. *Muluk* ou *Mulu'* são de significado obscuro, mas é interessante que a palavra *mul* signifique “jarro de água” em uma língua maia, a Huasteca. O significado original deveria ser suficientemente claro como “água”, embora talvez no sentido original de “jarro de água”.

KITZE – Significa o agradecimento ao *Ajaw*. *Nawal* do fogo e da água. Oferenda, multa ou pagamento. É o fogo do espírito do *Ajaw*. Representa a chuva, o trono. Seu animal é o escorpião. É a cabeça do peixe e a jade. Pessoas nascidas nesse dia são fecundadas em *Imix* e seu signo de destino é *Kab'an*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: cumprem suas promessas, são visionários, perseverantes, independentes, de mente forte. Possuem força, luz espiritual, são respeitosos, autodidatas e têm autocontrole.

¹⁰³ Montgomery se referia possivelmente à família de nome científico *Geomyidae*.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: muito ambiciosos, infiéis, instáveis, intransigentes, gostam de política com interesses pessoais, preocupam-se com reconhecimento público, são dominadores. Têm dificuldade para aceitar responsabilidades, são orgulhosos, vaidosos, preocupados com dinheiro.

Boas profissões para os nascidos neste signo: matemáticos, cientistas sociais, investigadores, médicos, advogados, líderes, políticos.

NT – Significa que se faz necessária a oferenda ou o pagamento, oferecer por nosso dia e nossa missão. Também significa enfermidade, sofrimento, por isso quando há um enfermo se deve oferecer num dia *Toj* para que seja libertado das enfermidades e punições que possam estar ocorrendo.

É representado pelo fogo ou a chama sagrada. Assim está no calendário maia. Os nascidos em *Toj* que não fazem oferendas são um tanto loucos, e além disso se morrem levam consigo seu cônjuge e às vezes seus filhos, por isso devem oferecer e ajudar-se mutuamente.

3.2.10 – *Ok*

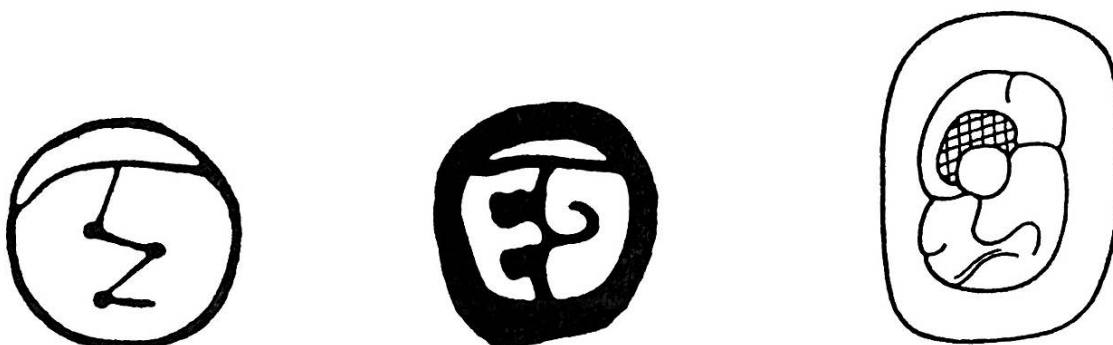


Figura 19. Variantes do glifo *Ok*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM – A cabeça de um cachorro. Restrita aos códices, a rara forma simbólica tem uma área dividida por duas curvas horizontais com um ponto anexado a cada uma.

DS – Cachorro. O décimo dia significa “cachorro” em boa parte da Mesoamérica, e o glifo maia parece carregar o mesmo significado. Não está claro como o nome *Yukateko*, *Ok*, se relaciona a “cachorro”, tendo em vista que essa palavra normalmente significa “pé” ou “perna” na escrita maia. *Tz’i’*, “cachorro”, é o nome do dia em algumas línguas maias das terras altas da Guatemala. Nas terras baixas, durante o período clássico, o nome era provavelmente pronunciado *Ok* ou *Ook*, embora conservando o senso visual de “cachorro”.

KITZE – Significa o diálogo, a autoridade, a justiça. O cachorro, o coioote. Guardião da lei espiritual e material. Representa a fidelidade, a ordem e a exatidão, a palavra sagrada. *Nawal* de todas as justiças, defensor de seu povo, é nosso guia para entrar no reino dos mortos com sua tocha de fogo. A pessoa nascida nesse dia foi fecundada num dia *Ik’* e seu signo de destino é *Etz’nab’*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: amáveis, inteligentes, líderes, criativos, artistas, bons patrulhadores, leais à comunidade, buscam sempre a superação, são equilibrados.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: gostam de álcool e drogas, são rebeldes, podem abusar de sua autoridade, fomentam a inimizade e a discórdia entre as pessoas. Infiéis, ladrões, vingativos.

Boas profissões para os nascidos neste signo: matemáticos, pedagogos, advogados, secretários, auditores.

NT – Traz consigo grande sabedoria, é dirigente, líder, autoridade e escritor; é um dos que escreveu em pedras, estelas e vasos. A pessoa não deve desviar-se, por isso é necessário que conheça a energia de seu dia. Quando se desvia, tem tendência ao adultério ou à poligamia, padece de sofrimento. Mas quando é guiado e encaminhado segundo sua missão é uma grande pessoa, desempenha grandes funções.

O cachorro sente e cheira de longe. Esta qualidade de percepção é natural e pode ser desenvolvida na pessoa que nasce nesse dia. Todas as pessoas podem pedir a essa energia e também aos primeiros ancestrais nascidos sob sua influência, aos primeiros pensadores e escritores para que tenham bem estar, um bom caminho, um bom viver, para não cair nos vícios e em outros males.

3.2.11 – *Chuwen*



Figura 20. Variantes do glifo *Chuwen*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Uma forma abstrata não identificada, similar ao glifo *winal* usado no *Choltun*. Inclui duas linhas curvas que partem de lados opostos e se aproximam uma da outra até que se curvam para baixo até alcançar a base. Formas

personificadas provavelmente representam um macaco, e a palavra *Chuwen* aparece no nome de um dos gêmeos que são deuses-macaco no *Popol Wuj*. Os deuses-macaco eram notáveis escribas e artistas.

DS – Macaco. “Macaco” é o significado do décimo primeiro dia em todas as línguas mesoamericanas. Na maioria das línguas maias, seu nome é *Batz’*, “macaco-uivador”. O glifo maia do dia mostra um macaco-uivador, que também era um símbolo mitológico associado com as artes manuais e a criatividade. O nome *Chuwen*, também significando “artista”, faz referência a essa conexão.

KITZE – Significa o laço matrimonial e seu *nawal* é o macaco, o fio, o amarrador. É o tempo desenrolado da evolução humana, que nos dá vida. *Nawal* do contador do tempo e de toda classe de tecidos. É um dia bom para receber o título de sacerdote maia. *Chuwen* se traduz como artesão, orador, escultor, entalhador, artista, música, esporte e semeadura.

É o signo da alegria, das flores, das artes, da dança, bailarinos e copistas. Também representa o cordão umbilical e os 260 dias que o ser humano permanece no ventre materno. As pessoas nascidas neste signo são fecundadas no dia *Akb'al* e seu signo de destino é *Kawak*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são inteligentes, astutos, amáveis, reservados, bons imitadores e opinadores, ricos, mestres de todas as artes. São guias espirituais, gozam plenamente de sua vida física, mental e espiritual, têm caráter forte, bom discernimento, são organizados e têm força espiritual.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: são inseguros, vadios, agressivos, invejosos, caluniadores, incrédulos, ambiciosos, de pouca vontade, oportunistas, prepotentes, idealistas e orgulhosos.

Boas profissões para os nascidos neste signo: artistas, dançarinos, médicos, fisioterapeutas, quiropráticos, ecologistas, ginecólogos ou obstetras, administradores, oradores, agricultores, políticos

NT – Alguns o chamam de “fio”, mas não é bem assim, é o dia em que a pessoa tece com sua energia criadora, se articula com a energia do dia de seu nascimento, que a encaminha para que reconheça suas qualidades e suas capacidades para que cumpra com sua missão.

3.2.12 – *Eb'*



Figura 21. Variantes do glifo *Eb'*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM – A forma personificada lembra o crânio esquelético do deus da morte, com seu maxilar descarnado, e é facilmente confundido com o glifo do dia *Kimi*. Entretanto, entre suas características distintas está o elemento *Kawak*, ou “cacho de uvas”, gravado na parte de trás da caveira. Exemplos mais antigos de *Eb'* retratam apenas o maxilar descarnado.

DS – Dente. As primeiras representações visuais do glifo do décimo segundo dia enfatizam dentes em uma mandíbula descarnada. Os nomes maias *Eb* ou *Eh*, dependendo da língua, possivelmente derivam de palavras para “dente”, *e'* ou *eeh*. Em exemplos posteriores do glifo maia, o maxilar descarnado compunha uma forma parecida a uma caveira, mas ainda com aparência diferente da caveira genérica do sexto dia, *Kimi* ou *Chame*.

KITZE – Significa o *nawal* da medicina e da cirurgia, a obediência, o caminho, o destino, os músicos e promotores. Significa também nervos, dente, o desenvolvimento histórico, o primeiro degrau logo abaixo de sua divindade entre o céu e a terra. É o *nawal* dos quatro caminhos, do sistema circulatório e nervoso do ser humano e dos alimentos.

Seus animais são a doninha ou furão e o lince, sua comida é a erva, representam as vassouras, as escovas, os sacos e as cordas. Simboliza a escada e os degraus do caminho espiritual. Se representa nos dentes e é o guia e protetor dos comerciantes. Simboliza o caminho do destino ou desenvolvimento da vida. Representa a escada que comunica o mundo com o mundo superior e o mundo inferior. As pessoas nascidas nesse diasão engendradas no dia *K'an* e seu signo de destino é *Ajaw*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são inteligentes, corteses, amáveis, agradáveis, reservados, gozam de êxito público e popularidade, fazem favores, se sacrificam pelos demais sem pedir nada em troca, ensinam o bom caminho às outras pessoas, compartilham sua riqueza com a comunidade, têm vida longa, são obedientes, bons orientadores, humanistas e sinceros.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: são nervosos, indecisos, impacientes, frequentemente escondem sua coragem e ressentimento, são muito sensíveis psicológica e emocionalmente, tímidos, falam pouco, têm vícios ocultos, são agressivos, lentos na tomada de decisões, inquietos ou andarilhos, invejosos, desconfiados, propensos a graves enfermidades, infiéis e impacientes.

Boas profissões para os nascidos neste signo: comerciantes, administradores, matemáticos, autoridades, médicos, ginecólogos, viajantes.

NT - É representado pela planta *maguey*, da qual se extrai a matéria prima para fabricar laços, redes e sacolas. A pessoa que nasce neste *nawal* tem as qualidades de líder, conselheiro e autoridade, quando está sintonizada com seu *nawal* e passou por um processo significativo para desempenhar essas funções.

3.2.13 - B'en

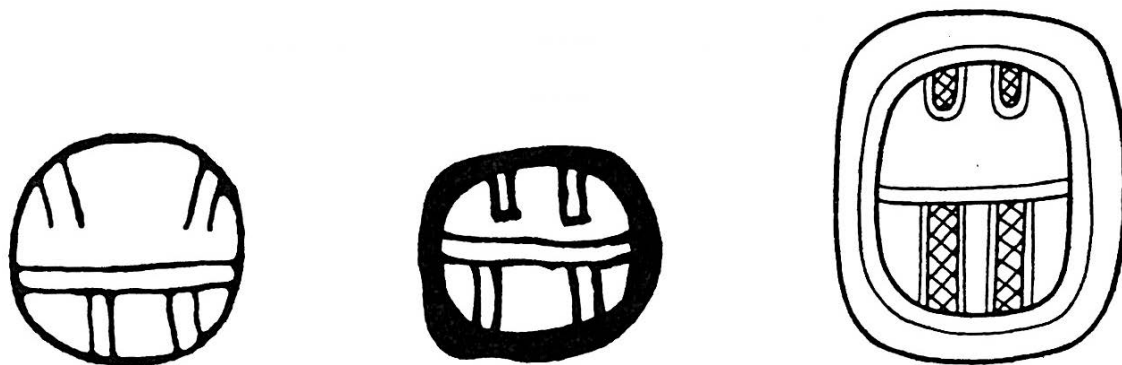


Figura 22. Variantes do glifo B'en.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM - Uma forma simbólica não identificada. Similar ao glifo do dia K'an, exceto pelo fato de que, em lugar do contorno no topo, B'en tem duas paralelas curtas arredondadas. A forma personificada traz o "suporte" observado na parte de baixo da forma simbólica sobre a linha do maxilar.

DS – Junco (Cana)? O décimo terceiro dia significa “junco” na maioria das línguas maias, e essa é possivelmente a inspiração visual do glifo. O nome *Yukateko*, *Ben* ou *Been*, tem significado desconhecido, mas nas línguas maias das terras altas seu nome é *Aj*, “junco”.

KITZE – Significa bastão de comando, seu *nawal* é o tatu, das artes da casa e da criança. Representa abundância, o broto da vida, transmissão da sabedoria, das virtudes divinas e da palavra sagrada. As sete virtudes: telepatia, clarividência, sinais no corpo, sonhos, conhecimento sobre o sexo, o poder e a instrução.

É o campo de milho, símbolo de vida que deixaram *Junajpu* e *Xbalamke*. A doçura, a ternura, triunfo sobre a maldade e o espírito maligno. São os pilares de força, as vigas sustentadoras das casas. As pessoas nascidas neste signo são engendrados no dia *Chikchan* e seu signo de destino é *Imix*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são autoridades, inteligentes, estritos, respeitados pelos amigos, têm princípios morais e éticos fortes, se interessam pela religião e o estudo filosófico, são trabalhadores, piadistas, capazes de reconhecer seus erros, responsáveis, recebem mensagens espirituais, são decididos, clarividentes, fortes e vigorosos

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: são repressores, ciumentos, nervosos, propensos à discussão e ao julgamento, fazem o que lhes convêm, são extremistas, fazem brincadeiras pesadas, são inconstantes, sofrem com frequência, adoecem na infância, são alcoólatras, destrutores, irritáveis, indecisos e de má influência.

Boas profissões para os nascidos neste signo: artistas, orientadores, pedagogos, pintores, poetas, investigadores, médicos, astrólogos, escultores, terapeutas.

NT – Está representado pelo junco. Foi a planta que *Ajpu* deixou plantada em sua casa quando partiu para *Xibalba*, dizendo que se ela morresse era sinal de sua morte, e se vivia ou brotava era sinal de sua existência.

3.2.14 – Ix



Figura 23. Variantes do glifo Ix.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Inclui uma área de franja sobre um trio de pontos que algumas vezes são tracejados. Em certos dialetos maias, *jix* significa “jaguar”, e funciona como o equivalente ao nome *K’iche’* do dia, *Balam* ou “jaguar”. Portanto, esses três círculos podem representar as marcas do jaguar, contudo alternativamente a franja pode servir como cílios com os pontos representando o cintilar de um olho.

DS – Jaguar. O dia é “jaguar” por todas as línguas mesoamericanas. A palavra comum para “jaguar” em línguas maias é *Bahlam*, mas *hiix* era evidentemente um termo variante também usado para gatos grandes com pintas.

KITZE – Simboliza o guardião das montanhas e dos morros. *Nawal* dos alteares maias, da Lua, das mulheres que morrem no parto e da fortaleza espiritual. Representa o vigor dos órgãos genitais e as sete virtudes: a humanidade, a verdade e sinceridade, a ajuda mútua, a sabedoria, o cumprimento da missão, a prática do bem e a gratidão.

É o *nawal* dos animais domésticos e das colheitas. É o jaguar. As pessoas nascidas neste signo são engendradas no dia *Kimi* e seu destino é *Ik'*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são valorosos, de força abundante, atrevidos mas cautelosos, bons planejadores e investigadores, intuitivos, atraídos pela medicina e a cura, podem ser bons advogados ou terapeutas, gostam de política, são inteligentes, gozam de boa educação, são ágeis.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: São vadios, destruidores de famílias, vaidosos, incrédulos, ríspidos, têm características agressivas, são muito dependentes, tentam impor seu ponto de vista, são carnívoros e alcoólatras, possuem as sete vergonhas: orgulho, ambição, inveja, mentira, crime, ingratidão e ignorância.

Boas profissões para os nascidos neste signo: médicos, veterinários, agrônomos, filósofos, militares.

NT – *Nawal* da natureza, representa e se compara com a vida da mulher, por isso lhe chamamos “nossa mãe”, tendo em vista que nela nascemos, crescemos e nos desenvolvemos. Sem ela não há vida.

Representa a mãe terra. Este dia é simbolizado pelo tigre. Em nossa cultura se denomina “dono” ou “chefe” dos demais animais. Também se chama *Balam* por seu aspecto físico. Seu verdadeiro nome é *Ix*.

Quando semeamos, cortamos uma árvore ou lavramos a terra, temos que pedir permissão ao *nawal Ix*, e devemos estar em sintonia com as fases da Lua (na Lua cheia) para realizar tais atividades.

3.2.15 – *Men*



Figura 24. Variantes do glifo *Men*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – A cabeça de um ser sobrenatural não identificado. Inclui um contorno quadrado abaixo do olho, um nariz ou focinho parecido com um bico e ocasionalmente um maxilar distinto.

DS – Ave. O décimo quinto dia é “águia” na maioria das línguas mesoamericanas, contudo o nome maia nas terras altas, *Tzik’in*, que significa “ave” ou “passáro”, é mais genérico. O glifo desse dia maia parece representar a cabeça de uma figura mitológica aviária conhecida como “principal deidade ave”, um importante criador que tinha quatro aspectos relacionados às direções. O nome *Men*, encontrado na língua *Yukateka*, pode relacionar-se à palavra que significa “fazer”, “criar”.

KITZE – *Nawal* do *maíz*, símbolo do amor, da força, valor, liberdade, habilidades. *Nawal* de todos os animais ovíparos, domésticos e selvagens. Representa o *Quetzal*, que foi a primeira ave que cantou quando saiu o Sol. É tudo o que existe no espaço, ar, nuvens, frio e calor, força do coração do céu.

Nawal do dinheiro, da sorte, da pobreza e da tristeza. Mediação entre o *Ajaw* e o ser humano, dono dos bosques e da terra. Satisfaz suas necessidades materiais, para conservar uma melhor qualidade de vida. Seu *nawal* é o *quetzal*, a águia, o condor e a mariposa. Os que nascem nesse dia são fecundados no dia *Manik'* e seu destino é representado pelo dia *Akb'al*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: são viajantes, bem afortunados em qualquer trabalho, amáveis e bondosos, tranquilos, pessoas queridas e populares. Pioneiros na mudança e desenvolvimento no âmbito social, inteligentes, se interessam pela filosofia ou pelas ciências, têm boa sorte, são comerciantes, alegres e intuitivos. Manejam forças invisíveis, são visionários, gozam da proteção do *Ajaw*, são incansáveis.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: alcólatras e drogados, vivem em profunda tristeza, são agressivos, rancorosos, podem ter o costume de roubar, são ambiciosos, têm tendência a esconder as coisas, são facilmente influenciáveis, são traiçoeiros e adúlteros.

Boas profissões para os nascidos neste signo: poetas, escultores, videntes, artistas, matemáticos, médicos, líderes, oradores, guias espirituais.

NT – É o *nawal* do dinheiro. Os que nascem nele devem agradecer e pedir aos avôs e avós a abundância de seu dinheiro e demais posses. Nossos avós

sempre agradeceram, pediram e trabalharam para buscar a abundância e riqueza de seu dinheiro ou pertence, não roubaram e nem mataram para ter abundância.

3.2.16 – *Kib'*



Figura 25. Variantes do glifo *Kib'*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Representa essencialmente o glifo do dia *K'an* de cabeça pra baixo, com a área circular convertida a um triângulo ou um estreito contorno com sua localização invertida. O todo pode representar a seção transversal de uma concha univalve.

DS – Em termos de significado, este é provavelmente o mais obscuro dos dias maias. Em boa parte da Mesoamérica esse dia é “abutre”, mas entre os maias seu significado é bem mais incerto. Em *Yukateko*, *Kib'* é uma palavra para “cera de abelha”, mas é difícil de relacionar com o glifo antigo. Visualmente, o glifo do dia também é difícil de decifrar.

KITZE – Significa a purificação do espírito dos mortos e vivos. *Nawal* de todos os erros e desequilíbrios. Dia para celebrar os mortos, pedir perdão pelos nossos pecados. Se refere à calvície e à vida longa, à velhice.

É erro ou culpa, cortina de fumaça que não oculta a presença do *Ajaw*. *Nawal* da coruja, abelha, insetos e urubus. Os que nascem neste dia são fecundados no signo *Lamat* e seu destino é *K'an*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: possuem sabedoria, inteligência, boa memória. São valentes, abertos ao diálogo, prudentes, discretos, bons professores e conselheiros, muito sociáveis, profundos, sérios, realistas, comunicativos, competentes, analíticos, astutos, dominam a força cósmicas e são valentes.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: pecadores, alcoólatras, destruidor de heranças, mentiroso, têm má fama, são ressentidos, ladrões, adúlteros, frios e insensíveis. Menosprezam os sentimentos alheios, são individualistas, autoritários e fatalistas.

Boas profissões para os nascidos neste signo: estrategistas, políticos, matemáticos, oradores, caçadores, médicos e guerreiros.

NT - Representa a coruja, um mensageiro enviado pelos ancestrais falecidos. Quando chega a cantar nas casas significa que traz uma informação ou notícia de precaução à família, enviada dos avós mortos.

A pessoa nascida nesse dia tem grandes qualidades, é um pensante, guia espiritual e dirigente. Dia próprio para pedir perdão aos ancestrais, avôs e avós, pelos erros cometidos.

3.2.17 - *Kab'an*

Figura 26. Variantes do glifo *Kab'an*.
(© John Montgomery/FAMSI)

JM - Simboliza a “terra”. Normalmente chamado de glifo “terra”. Tem semicírculos e uma linha cacheada que lembra um sinal de “interrogação” suspensa na parte de cima. Similar às características que identificam a deusa da terra associada ao número 11.

DS - Terremoto? Seu glifo corresponde exatamente ao glifo que significa “terra”, *kab*, e este parece ter sido seu significado básico entre os maias. Pode ter tido um sentido mais específico de “terremoto”, como sugerido pelos nomes desse dia em outras línguas mesoamericanas.

KITZE - É o dia em que se cultua o Sol através de sacrifícios. *Nawal* da inteligência e todos os tipos de ciências. Os quatro movimentos do Sol e da Lua, *nawal* da terra. Sabedoria, conselhos, bons pensamentos, cabeça, ideia, memória.

Administrador do tempo, mantém a família e a comunidade em harmonia. Os antepassados se reuniam em conselho sob a proteção desse dia. Seu *nawal* é o coioote, o pássaro carpinteiro, o leão. As pessoas que nascem nesse dia são

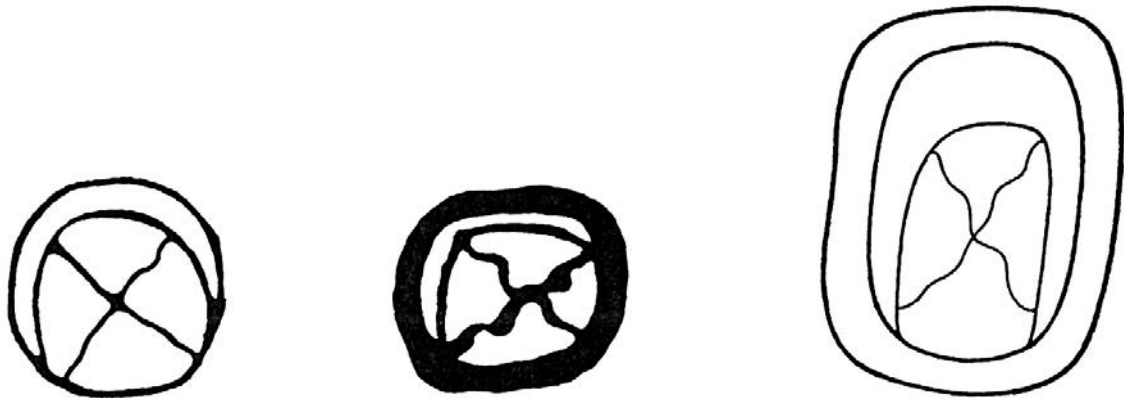
concebidas no signo *Muluk* e seu signo de destino é *Chikchan*. Representa o sábio.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: possuem boas ideias, talentos, memórias estudos e sabedoria. Cumprem com qualquer contrato, são progressistas, liberais, independentes, líderes, pontuais, extrovertidos, astutos, inteligentes, gostam de ajudar aos demais e são defensores da justiça.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: agressivos, ressentidos, incrédulos, vaidosos, insensatos, inconstantes no amor, infiel, propensos a sucessos repentinos e destrutivos, impacientes, mandões. Não suportam que lhe digam o que fazer, são estúpidos, idealistas, mentirosos.

Boas profissões para os nascidos neste signo: artistas, médicos, humanistas, guias espirituais, matemáticos, psiquiatras, cientistas, investigadores, terapeutas.

NT – É guia, pensante, autoridade, mas quando não está harmonizado com seu nawal pode ser enredado pelos seus próprios pensamentos. Este dia representa o cérebro, daí a importância em nossa forma de pensar.

3.2.18 - *Etz'nab'*Figura 27. Variantes do glifo *Etz'nab'*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Representa uma pederneira lascada ou uma lâmina de obsidiana. Essencialmente um formato de “X” com linhas ondulantes sobrepostas a um plano simples.

DS – Faca. O glifo tem origem como representação de uma faca ou lâmina de pederneira, seu significado básico nas culturas mesoamericanas. O antigo nome desse dia maia é difícil de entender; em línguas maias das terras altas seu nome é *Chinax* ou *Tijax*.

KITZE – Representa os guerreiros, caciques valentes. Casa do gelo, casa das pedras quentes, casa obscura, casa da obsidiana, casa do morcego, casa do tigre, casa da tortura onde foram castigados *Junajpu* e *Xbalamke* pelos senhores de *Xibalba*.

Significa o fio da faca, a pedra obsidiana, o sofrimento, a tristeza, a morte repentina. *Nawal* da medicina espiritual, representa os músicos, seus animais são o galo e a águia. O pedernal indicava boa fortuna, indício de honra e riqueza. *Nawal* da inteligência e dos médicos, da espada, da coruja, do tucano e

do peixe. As pessoas que nascem nesse dia são fecundadas no signo *Ok* e seu signo de destino é *Kimi*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: sonham com coisas positivas, possuem o dom da cura, têm sorte nos negócios, têm mente muito prática, são abertos ao aprendizado, são amáveis, sociáveis e valentes, se interessam pela fotografia, engenharia e alguns tipos de arte. São trabalhadores, líderes, práticos.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: muito agressivos, decididos a fazer coisas más, estéreis, podem ter tendências suicidas, são irresponsáveis, intransigentes, cortantes. Têm conflitos internos.

Boas profissões para os nascidos neste signo: médicos, cirurgiões, artistas, guerreiros, políticos, juízes, advogados, esportistas, guias espirituais.

NT – Grande médico. Pode curar, mas tem que pedir sabedoria. Os outros *nawales* que têm características médicas como *Tijax* são *Kan*, *Ajpu* e *Toj*, portanto é importante que invoquem esses *nawales* para curar uma enfermidade.

3.2.19 – *Kawak*



Figura 28. Variantes do glifo *Kawak*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – Um dos símbolos mais difundidos tanto na arte maia quanto em sua escrita hieroglífica. Sua área superior contém uma série de círculos eufemisticamente chamados de “cacho de uvas”, representando a principal característica distintiva do glifo. Os círculos agrupados possivelmente retratam nuvens de chuva, enquanto na parte inferior direita há uma série de linhas ou pequenos círculos que se estendem em um arco similar a um arco-íris. O glifo portanto está relacionado à chuva, e o conjunto pode representar um céu após uma tempestade. Contudo, o glifo *Kawak* serve como elemento distintivo em representações hieroglíficas para “pedra”, possivelmente pois a pedra mais usada entre os maias, a pederneira, era pensada como “pedra relâmpago”, por sua capacidade de criar faíscas.

DS – Raio, tempestade. O décimo nono dia significa “tempestade” ou “raio”. Seu glifo em forma animada é a representação da divindade *Chaak* ou *Chahk*, cujo nome é de fato relacionado a palavras maias para “tempestade”. O glifo *Kawak* simplificado é também usado na escrita maia como a palavra para “pedra” (*tuun*), talvez refletindo uma íntima associação entre chuva e pedras ou cavernas sagradas.

KITZE – É o *nawal* da chuva. É o fogo, o vento, a água, o relâmpago e a agricultura. *Nawal* do Sol. Associado às parteiras. Dia da vara de poder dos sacerdotes maias. Dia da mulher. Seus animais são a tartaruga, o veado, os ronronadores, vespas e formigas.

Nawal da natureza, da fertilidade. É o centro da pedra do calendário. *Nawal* do lugar, dos juízes. As pessoas que nascem nesse dia são engendradas no signo *Chuwen* e seu signo de destino é *Manik'*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: podem ver os *nawales* e os encantamentos, se interessam pelo estudo da espiritualidade. São populares, professores e instrutores. Compassivos, fazem favores, são amigos fiéis e pais dedicados. Curam e purificam, valorizam o sexo como um ritual sagrado. Nobres, imaginativos, valentes e inteligentes. Guias espirituais, defensores do povo ou comunidade. Líderes, seguros, observadores, perfeccionistas.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: gostam da bagunça, são vingativos, são nervosos e inquietos, viciados em álcool e outras drogas. Agressivos, ríspidos, mentirosos, ladrões, adúlteros, conflituosos. Sofrem enfermidade se não exercem seus trabalhos espirituais.

Boas profissões para os nascidos neste signo: estrategistas, líderes comunitários, políticos, matemáticos, escritores, filósofos, pedagogos, advogados, psiquiatras.

NT – É representado pela tartaruga, é um *nawal* forte e a pessoa que nasce nele está chamado a ser advogado, juiz ou mediador de conflitos. Tem a capacidade de desatar as mentiras e pedir perdão aos avôs e avós.

3.2.20 – *Ajaw*Figura 29. Variantes do glifo *Ajaw*.

(© John Montgomery/FAMSI)

JM – O dia do deus Sol. Nenhum outro glifo ocorre tanto nas inscrições maias quanto *Ajaw*. Frequentemente lembra uma face estilizada vista de frente, com um círculo interno e outro externo delineando a boca, um “nariz” triangular e dois pequenos círculos como olhos. A forma personificada representa um arquetípico senhor jovem de perfil usando um tecido ou lenço na cabeça – o ornamento de cabeça da ascensão ao poder usado pelos reis maias. Um abutre pode substituir ambas as versões, entretanto nessa circunstância a ave normalmente traz a forma simbólica acima da testa, um determinante semântico que muda o valor do glifo do abutre de *TI* para *AJAW*.

DS – Lorde. O último dia maia significa “lorde” ou “rei”. É de longe o mais comum dos dias maias, simplesmente pelo fato de que muitos importantes festivais calendáricos caíram em dias *Ajaw*, correspondendo aos fins de ciclos do *Choltun*. Pode ser representado como uma forma simples similar a uma face ou como a cabeça de um homem de perfil com um lenço na cabeça. Esse dia significa “rei”, portanto “governava” em determinados períodos de tempo, assim como um governante reinava sobre uma corte ou um reino.

KITZE – Significa descobridor da verdade. *Nawal* de *Junajpu* e *Xbalamke*, zarabatana, caçador, criador da sabedoria, vencedor da escuridão. Dia que nos recorda do espírito humano. Árvore da vida humana e vegetal. *Nawal* da flor, que simboliza a beleza, a música, agricultura, esporte e artes.

Umbigo do mundo no sentido de sacralidade e fecundidade. Dia especial para a cerimônia maia, *nawal* do amor aos pais, alegria ou desejo sexual. Escultor, talhador, prateiro. As pessoas que nascem nesse dia são fecundadas no signo *Eb'* e seu signo de destino é *Lamat*.

Aspectos positivos do caráter dos nascidos neste signo: possuem sabedoria e força, são valentes, têm bens, vencem todo tipo de maldade, são curandeiros que usam plantas, vencedores nos jogos, bailarinos, bons dirigentes. Agradáveis, são motivados pelos seus ideais, são artistas de êxito, românticos, gostam de joias, são seguros e futuristas, têm muita energia cósmica.

Aspectos negativos do caráter dos nascidos neste signo: agressivos, críticos, vingativos, criminosos, não são realistas. Inflexíveis, egoístas, inclinados a desvios sexuais como a prostituição, gostam da libertinagem. Díficeis de se lidar socialmente, são ressentidos, muito desconfiados.

Boas profissões para os nascidos neste signo: administradores, caçadores, esportistas, escultores, comerciantes

NT – Um dia forte para desatar, um grande pensador. *Ajpu* tem uma boa pontaria e seu nome vem do sopro. Com o sopro afasta e acaba com as

dificuldades, os males, as enfermidades, e diante do fogo sagrado é um grande médico. É representado por uma flor, outros o comparam ao Sol.

PARTE 2

CICLO DE 2012

Capítulo 4

13 *Pik*

4.1 – Os registros antigos

Como vimos anteriormente, o tão falado “ciclo de 2012” consiste, na verdade, em um ciclo de 1.872.000 dias, equivalente a 13 ciclos *pik* no *Choltun*. Antes de tratarmos a respeito das polêmicas que envolvem esse ciclo no âmbito dos maias contemporâneos e das crenças de nova era, é interessante falarmos separadamente sobre o que os antigos maias nos deixaram a respeito.

Tamanha repercussão não se justifica com base em antigos registros maias. Até o meio do ano de 2012, tínhamos de fato apenas um único registro hieroglífico conhecido para a data do fim do 13º *pik*: trata-se de uma breve passagem em um extenso texto contido no monumento 6 de Tortuguero.¹⁰⁴

Recentemente, tivemos notícia de um novo registro, em um dos blocos de uma escada em La Corona, Guatemala, que logo ficou conhecido como o “bloco 5 de La Corona” ou “bloco do (ciclo de) 2012”.¹⁰⁵ Também há rumores (agora, no fim de outubro de 2012) que um novo registro relacionado ao “ciclo de 2012” foi encontrado em Palenque, aguardamos ansiosamente pelas informações.

Sendo uma passagem parcialmente perdida, aquela do monumento 6 de Tortuguero, e tendo em vista que os glifos finais dela estão parcialmente

¹⁰⁴ Sítio arqueológico maia localizado no estado de Tabasco, México.

¹⁰⁵ Por ser uma descoberta recente, não foi possível publicar o desenho com o registro de La Corona; inicialmente, as coisas apontam semelhanças com o registro de Tortuguero no que se refere ao seu uso político; os estudos mais amplos sobre seu significado estão sendo preparados pelos descobridores. Para saber mais, acesse: <http://mari.tulane.edu/PRALC>.

quebrados, sua decifração permanece em aberto e rende esforços até hoje, às vésperas da suposta data de 2012, sem que haja nenhuma grande conclusão.

Em 1996, David Stuart e Stephen Houston, dois acadêmicos maianistas bastante conhecidos, trataram essa inscrição como um texto profético, que fala sobre a “descida” de um deus.¹⁰⁶ Essa interpretação durou por pelo menos dez anos, sendo endossada em 2002¹⁰⁷ e perdurando por pelo menos dez anos, inclusive na primeira tentativa completa de transcrição e tradução do texto hieroglífico, divulgada por Stuart em uma lista de discussão dos mesoamericanistas da *University of Texas at Austin*.¹⁰⁸

Tzuhtz-(a)j-oom u(y)-uxlajuun pik

(ta) Chan Ajaw ux(-te') Uniiw.

Uht-oom ?

Y-em(al)?? Bolon Yookte' K'uh ta ?.

"The Thirteenth 'Bak'tun" will be finished

(on) Four Ajaw, the Third of Uniiw (K'ank'in).

? will occur.

(It will be) the descent(??) of the Nine Support? God(s) to the ?."

¹⁰⁶ HOUSTON; STUART, 1996: 301.

¹⁰⁷ GRUBE; MARTIN; ZENDER, 2002: 64.

¹⁰⁸ A mensagem original pode ser vista em http://groups.google.com/group/utmesoamerica/browse_thread/thread/2ad64b039cb60983.

Em português, ficaria assim:

“O décimo terceiro B’aktun será finalizado

(em) Quatro Ajaw, Terceiro (dia) de Uniiw (K’ank’in).

? ocorrerá.

(Será) a descida(??) do(s) Deus(es) dos Nove Suportes(?) para ?.”

A divulgação dessa tradução repercutiu rapidamente, e logo adeptos da nova era já haviam se apropriado dela, ajudando a popularizá-la junto ao grande público, apesar de os epigrafistas terem dito desde 1996 (e reafirmado em 2006) que aquela era apenas uma tentativa de tradução, altamente teórica e passível de falhas.

Já em 2008, Houston postou no blog de Stuart um *mea culpa*,¹⁰⁹ voltando atrás na posição defendida em 1996 e questionando o status de “profecia” até então conferido à passagem que trata do fim do 13º *pik*. Em 2011, Stuart publicou um livro no qual pôs em cheque sua própria tradução e relatou o posicionamento de Houston.¹¹⁰

Assim, a ideia da existência de uma profecia maia para o fim do 13º *pik*, que nunca chegou a ser uma unanimidade entre os acadêmicos, passou a ser vista com ainda mais desconfiança. Mas foi sustentada por 12 anos, e é possível que o recuo e a revisão da posição anterior de Houston em 2008 tenha se dado também pelo avanço de outras pesquisas sobre o monumento 6 que se

¹⁰⁹ Ver <http://decipherment.wordpress.com/2008/12/20/what-will-not-happen-in-2012/>.

¹¹⁰ Ver STUART, 2011.

desenvolviam paralelamente, e que a essa altura talvez não possamos dar conta de listar.

Ainda que deposto o status de profecia à inscrição, a tradução de Stuart foi atualizada e continuou a ser seguida por outros pesquisadores, como Mark Van Stone, que a reproduziu em 2009¹¹¹ e a modificou ligeiramente em 2010, em seu livro intitulado 2012 – *Science & Prophecy of the Ancient Maya*, onde o trecho aparece da seguinte maneira:¹¹²

(Tzuhtz-(a)j -oomu(y)-uxlajuunpik [ta])

Chan Ajaw ux (-te') Uniiw.

Uht-oom Ik' (¿or i-li?)-?? Y-em(al)

Bolon (Yo) okte'

(K'uh) ta-chak-ma?-??.

“(The Thirteenth B’ak’tun will end [on]) 4

Ajaw, the 3rd of Uniiw (a.k.a. 3 K’ank’in). **Black**

(or “**seeing**”?) - ?? will occur. (It will be) the

descent(?) of **Bolon Yok-te’/Many-Strides?***

to the **great?** (or **red?**) –ma?-??.”

“(O Décimo terceiro B’ak’tun terminará [em]) 4

¹¹¹ <http://www.famsi.org/research/vanstone/2012/index.html>

¹¹² VAN STONE, 2010: 59.

Ajaw, terceiro (dia) de *Uniiw* (também conhecido como 3 *K'ank'in*). Preto

(ou “**avistamento**”?) - ?? ocorrerá. (Isto será) a

descida(??) de *Bolon Yok-te'*/Muitos-Avanços?

Para o/a **grande?** (ou **vermelho?**) -**ma?**-??.”

Ainda em 2010, uma outra dupla surge e, além de romper definitivamente com a responsabilidade de tratar de uma profecia, apresenta também uma transcrição completa do texto contido no monumento e novas possibilidades de tradução. Trata-se de Barbara MacLeod, linguista e epigrafista estadunidense, e Sven Gronemeyer, antropólogo e epigrafista alemão, que publicam *What could happen in 2012: a re-analysis of the 13-Bak'tun prophecy on Tortuguero Monument 6* no periódico da associação europeia de maianistas.

Ao abrir um leque de possibilidades e expor os desencontros dos pesquisadores ao longo dos anos, tal publicação torna-se referência obrigatória para uma melhor compreensão sobre os estudos que envolvem não apenas o monumento 6 como Tortuguero de uma maneira geral. Além disso, rompe também com a leitura de uma descida ou queda. A leitura que se faz nesse caso é a seguinte:

zuhtzjo:m uyu:xlaju:n pik

Chan Ajaw, U:x Uni:w.

uhto:m il

ye:n Bolon Yokte'

ta chak joyaj.

it will be completed the thirteenth Bak'tun;

it will be 4 Ajaw, 3 K'ank'in.

it will happen; the witnessing of

the adornments of Bolon Yokte'

in the great investiture.

Será completado o décimo terceiro *Bak'tun*;

Será 4 *Ajaw*, 3 *K'ank'in*.

Isto acontecerá; o testemunho dos

Adornos de *Bolon Yokte'*

Na grande investidura.

Finalmente, já no ano de 2012, MacLeod publica o mais recente artigo conhecido por nós: *Holding the Balance – The Role of a Warrior King in the Reciprocity Between War and Lineage Abundance on Tortuguero Monument 6*. Neste artigo, ela sugere a existência de uma continuidade cultural, traçando paralelos entre o monumento 6 de Tortuguero, mais especificamente a figura de *B'olon Yokte'*, e as cerimônias maias contemporâneas nas terras altas da Guatemala. Além disso, nos proporciona uma tradução ligeiramente diferente daquela de 2010:

tzuhtzjo:m uyu:xlaju:n pik Chan Ajaw, U:x Uni:w.

uhto:m ili ye:n Bolon Yookte' ta chak joyaj.

'it will be completed the thirteenth Pik; it will be 4 Ajaw, 3 K'ank'in.

it will happen, this display of Bolon Yookte' in the great investiture/return.'

"Será completado o décimo terceiro Pik; será 4 Ajaw, 3 K'ank'in.

Acontecerá esta exibição de Bolon Yookte' na(o) grande investidura/retorno."

Para além de tudo que envolve Tortuguero e especificamente o monumento 6 daquele sítio, é importante ressaltar que a passagem final das inscrições, que cita diretamente o final do 13º Pik e é composta pelos últimos oito blocos, está parcial e irremediavelmente perdida, tendo em vista que especialmente os dois últimos blocos, que encontram-se verticalmente alinhados à direita (figura 30), são considerados de muito difícil decifração, uma vez que a pedra está literalmente quebrada naquela região, revelando a menor parte daqueles hieróglifos.

Dessa maneira sua decifração permanece em aberto e rende esforços até hoje, às vésperas da suposta data de 2012, sem que haja nenhuma grande conclusão que justifique tamanha repercussão popular normalmente causada por místicos nos dias de hoje.

Seguindo as pistas mais recentes eu estava com a legítima impressão de que o evento envolvendo *Bolon Yokte'* é uma espécie de "empossamento espiritual", uma dedicação de um templo ou de uma casa, de um lugar, um rito de passagem em que a força de fato se empossa do lugar, a força espiritual de *B'olon Yokte'*, por assim dizer; e é um rito de dedicação do lugar, é como se ele tivesse "descido" do céu (ou subido de *Xibalba*, ou só vindo de outro lugar) e

"sacralizado" o lugar. É de fato exatamente essa a conclusão do pesquisador maia *Kaqchikel*, Lolmay Pedro García.¹¹³ Como veremos agora, isso está de fato muito próximo à função ritual do *Ri Laj Mam/Maximón* nos dias de hoje nas terras altas da Guatemala.

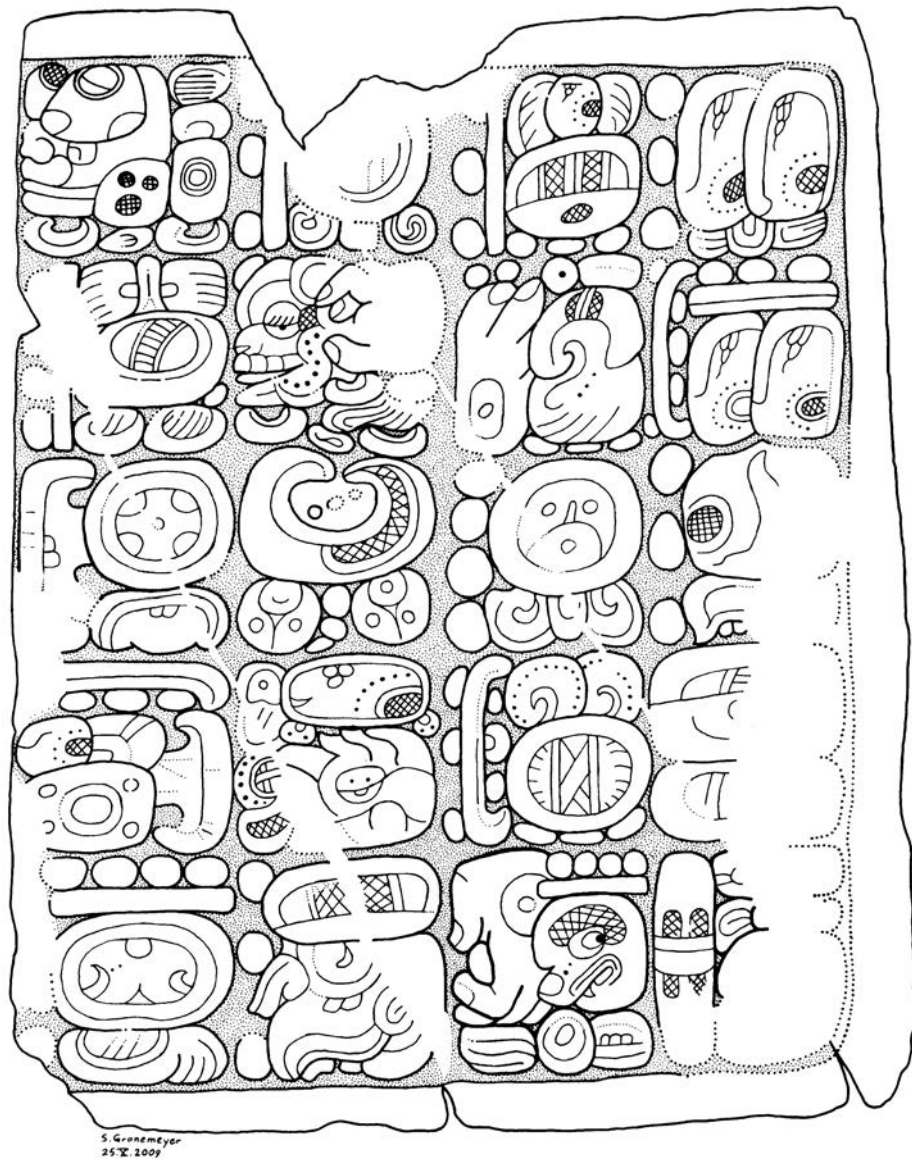


Figura 30. Passagem final do monumento 6 de Tortuguero, contendo a data 4 *Ajaw* 3 *K'ank'in*.

(© Sven Gronemeyer)

¹¹³ GARCÍA, 2012.

4.2 – Os ritos de passagem calendáricos e *B'olon Yokte' Kuh*

A presença dessa divindade no trecho do monumento 6 de Tortuguero que trata o fim do 13º *pik* não parece, de fato, por acaso. O ciclo de 13 *pik* simboliza o reencontro entre o ciclo de 260 e o ciclo de 144.000 dias. Apenas a cada 1.872.000 dias, o marco do ciclo *pik* coincide com uma mesma data.

O marco ou o ponto de partida do ciclo o 13º *pik* encerra é a data de 4 *Ajaw* 8 *Kumk'u*, que na correlação mais aceita,¹¹⁴ "GMT1" (JDN 584283)¹¹⁵ equivale a 11/08/3114 AEC marcando o reinício da conta longa. A conta recomeça do zero e volta a coincidir com o *pik* e o dia 4 *Ajaw* em 21/12/2012 EC.¹¹⁶

Essa correlação é a mais usada por seu apelo etnohistórico e etnográfico: ela está em acordo tanto com registros *mexicas* quanto maias do período pós-invasão. Dezenas de comunidades maias mantiveram a contagem do ciclo de 260 dias, e para os maias *K'iche'*, por exemplo, dia 21 de dezembro de 2012 será justamente 4 *Junajpu*, equivalente ao 4 *Ajaw*.

Entretanto, a conta longa não foi mantida pelos maias de hoje. Justamente o que é mais importante para a fama dos maias, também bom argumento para explicar o fato de que a maioria das pessoas pensa que os maias estão no passado, mortos, sumidos: o preconceito e a categoria analítica de aculturação faz com que a própria identidade maia não seja tão vista quanto deveria sob o

¹¹⁴ Mais aceita, mas nunca unânime. É preciso expor o debate: não há consenso no que se refere à maneira de contar os calendários, e a conta longa é um calendário resgatado por acadêmicos, e não mantido pelos maias de hoje. Por isso, o fim do 13º *pik* ter se tornado o ciclo de 2012 é uma escolha acadêmica e política, não permitindo portanto a afirmação absoluta de que o ciclo termina em 2012, sob o ponto de vista científico e maia.

¹¹⁵ JDN significa *Julian Day Number*. Esse número posiciona, nesse sistema calendárico linear, o dia equivalente a 4 *Ajaw* 8 *Kumk'u*, dentro da teoria mais aceita. A partir desse número, há um outro cálculo para converter ao calendário gregoriano, e assim o JDN 584283 (isto é, 584283 dias depois do marco zero do JDN) marca para o dia 21 de dezembro de 2012 o dia do fim do 13º *pik*.

viés da continuidade cultural, que equilibra a balança com eventuais aspectos de aculturação e nos leva ao estudo do sincretismo, da antropologia da mudança.

Não por acaso *B'olon Yokte'* é uma divindade associada a *Ri Laj Mam* ("O Grande Avô") por MacLeod: trata-se de um ancestral muito antigo, que remete ao tempo da (re)criação. *B'olon Yokte'* esteve em 4 *Ajaw* 8 *Kumk'u* e estará no rito de passagem calendárico principal, em 4 *Ajaw* 3 *K'ank'in*, 13 *pik* após aquela data de mais de cinco mil anos atrás, relatada por exemplo no "vaso das sete divindades" e na estela C de Quiriguá.¹¹⁷

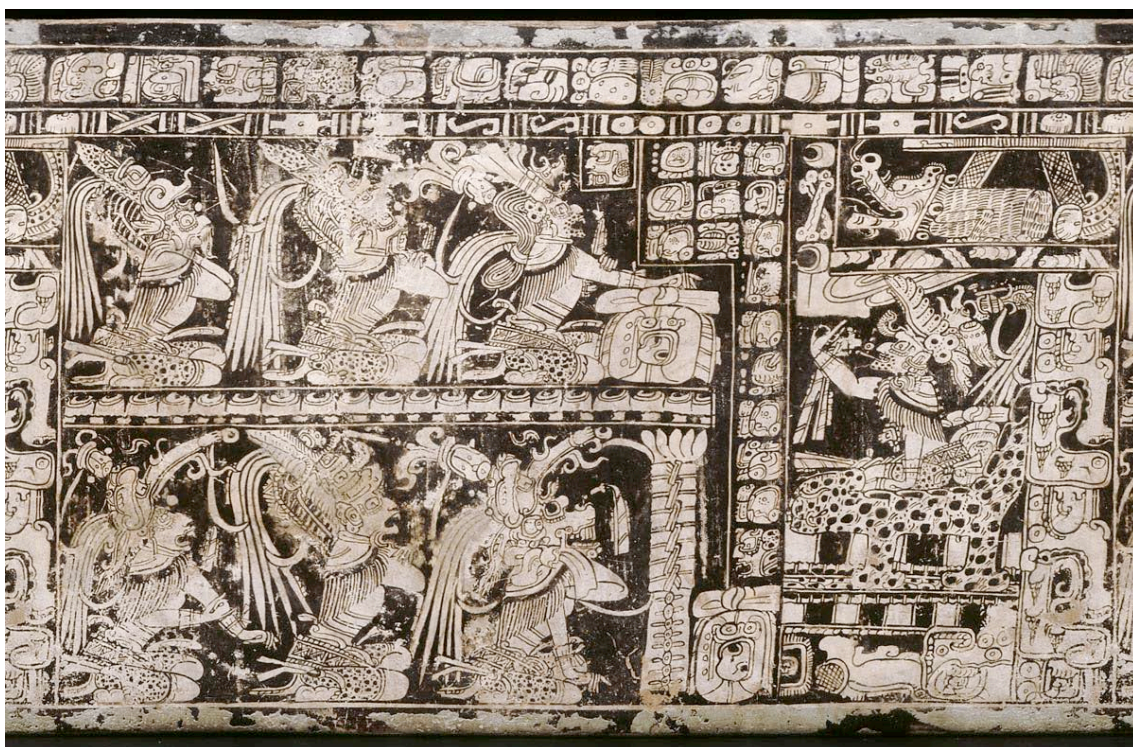


Figura 31. Vaso das sete divindades.

(© Justin Kerr/Maya Vase)

¹¹⁶ Datas que vão além do *pik* normalmente tratam de passados mitológicos ou eventos futuros.

¹¹⁷ Sítio arqueológico guatemalteco conhecido por suas estelas muito altas.

A mesma data 4 *Ajaw* 8 *Kumk'u* está também na estela C de Quiriguá (fig. X), onde uma data incrivelmente longa é registrada para mostrar quão importante é o ciclo em que 4 *Ajaw* e 8 *Kumk'u* se encontram para fechar um *pik*.

Segundo Markus Eberl e Christian Prager, *B'olon Yokte* "tem consistente associação ao submundo, ao conflito e à guerra"¹¹⁸ desde o período clássico até o período pós-invasão. Além disso, sua identificação no "vaso das sete divindades" (K2796) ilustra sua importância como uma das divindades que estiveram presentes durante a criação do mundo atual.

Ri Laj Mam, por sua vez, está também no sincretismo com o catolicismo, como *Maximón* ou *San Simón*, cujo dia é comemorado em 28 de outubro - dia em que isto é escrito.¹¹⁹

Um detalhe interessante, contudo, resiste ao sincretismo de uma data católica: o *uwach q'ij* de *Ri Laj Mam* é 13 *Ok*.¹²⁰ Por outro lado, o *uwach q'ij* de *B'olon Yokte'* aponta para *B'olon Ok*, isto é, 9 *Ok*. Vale mencionar também uma terceira força cósmica, de *Jun Raqan*, 1 *Ok*, literalmente "1-Pé" ou "1-Perna", o furacão¹²¹ que no *Popol Wuj* equivale *Uk'u'x Kaj*, o "Coração do Céu".

É interessante lembrar que *B'olon Yokte'* pode ser desmembrado como *B'olon* (nove) *y-ok* (pés) *te'* (árvore): "árvore dos nove pés". De fato, isto permitiu que *B'olon Yokte'* fosse associado aos nove senhores da noite, às árvores e raízes,

¹¹⁸ EBERL; PRAGER, 2005.

¹¹⁹ *Ajq'ij* Julio David Menchú nos dá mais pistas: "Hoy 28 de octubre recordamos al Abuelo Francisco Sojwel, Rilaj Mam, Maximón o Gran Abuelo del Pueblo Maya. Gracias Tat por haber entregado su vida por sus hijos y nietos" (28/10/2012).

¹²⁰ Comunicação pessoal, Belejeb Chumil Tzi.

¹²¹ *Jun Raqan* é considerada uma divindade que originou a palavra *huracán*, furacão. Trata-se da antiga divindade maia do vento.

e aos pés, aos passos, aos *ritos de paso*, ritos de passagem.¹²² Ele é quem parece de fato presidir os grandes ritos de passagem, seja personificado em sua identidade mítica e de origem (como no vaso dos sete deuses) ou personificada em sua identidade ritual e política evocada no monumento 6 de Tortuguero.

A relação de *B'olon Yokte'* com o nome calendárico 9 *Ok* é mencionada por Michael Grofe,¹²³ que associa *B'olon Yokte'* ao "deus L".¹²⁴ Tal divindade é justamente aquela que preside o evento de criação de 4 *Ajaw* 8 *Kumk'u*, o que reforça o lugar dessas divindades como intimamente associadas à própria natureza dos ritos de passagem, da ciência calendárica mesoamericana. A mesma divindade que presidiu um fim de *pik* que significou um rito de passagem de criação do mundo na cosmovisão antiga volta para presidir um novo fim do 13º *pik*, o primeiro *pik* regido pelo mesmo *uwach q'ij*: 4 *Ajaw*. O "deus L" é identificado como a figura à direita no vaso das sete divindades.

Ainda segundo Grofe, *B'olon Yokte'* pode estar relacionado ao comércio, e nesse caso *Yokte' Kuh* teria relação com o nome da divindade comerciante mexica, *Yacatecutli*, associado ao dia 4 *Itzcuintli* (4 *Ok*). Se pensarmos o comércio enquanto algo que provoca mudanças, talvez estejamos chegando cada vez mais perto de compreender melhor essa espécie de cadeia sincrética de divindades que vemos na Mesoamérica, intimamente associada aos 260 dias do ciclo ritual e que coloca em cena muitas identidades multifacetadas.

Nos caminhos que as pesquisas apontam, *B'olon Yokte'* pode ser o símbolo máximo de reverência aos ancestrais, assim como hoje é *Ri Laj Mam*.

¹²² Basicamente, o processo de trânsito entre diferentes identidades sociais, e entre ciclos.

¹²³ GROFE, 2009.

Considerando que tudo, especialmente no caso maia, remete à ancestralidade, à tradição familiar de cada *ajq'ij*, podemos estar diante da própria divindade que inaugurou o tempo, inaugurou as tradições e deu rumos aos povos.

No período pós-invasão, as tradições se resguardaram cada vez mais no seio mais familiar, mas *Ri Laj Mam* pode, sim, ser considerado uma divindade que sustenta hoje mais uma continuidade cultural na Mesoamérica, desde tempos imemoriais, ainda que tenha sido adaptado, sincretizado e resignificado. Resumindo: em 2012, os maias resistem culturalmente, sem qualquer tipo de previsão sobre o final do 13º *pik*.

¹²⁴ Paul Schellas catalogou divindades maias recorrentes, associando cada divindade a uma letra. Ver <http://www.mesoweb.com/publications/schellhas/schellhas.pdf>.

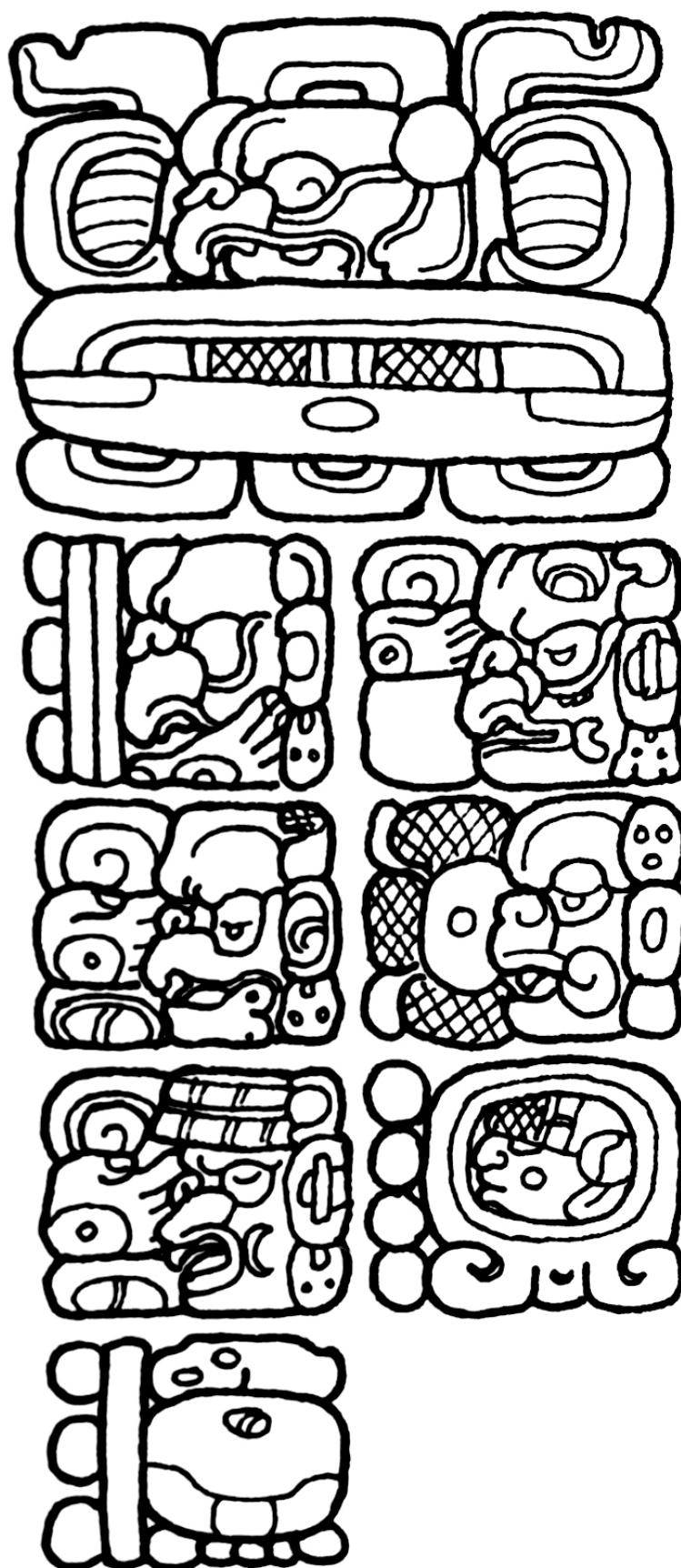


Figura 32. Estela C de Quiriguá; a mesma data do vaso das sete divindades: 4 Ajaw 8 Kumk'u.
(© Linda Schele/FAMSI)

PARTE 3

NOVA ERA

Capítulo 5

Maianismo – os “maias” da nova era

5.1 – O maianismo – uma ideologia “maia” no mundo globalizado¹²⁵

É a origem do tipo de material com o qual a internet tende a nos aproximar mais em pesquisas como “calendário maia” até os dias de hoje. Resumindo, a literatura oriunda do maianismo é a origem de todo falatório sobre os maias e 2012. Cadê Google pra divulgar?

Aquilo que se entende por maianismo pode ser definido, a grosso modo, como uma mistura entre elementos maias e também o que se convencionou chamar de “nova era” ou “outras culturas”. O sufixo -ismo denota sua inserção enquanto ideologia político-religiosa supostamente maia. A cultura maia é usada, sincretizada e resignificada livremente, e graças à ideologia mais calvinista, que estabelece a doutrina da predestinação pessoal entre os protestantes, o mundo globalizado passou a propiciar ainda mais os imaginários das fés subjetivas e das ideologias político-religiosas.

Observamos, dessa maneira, que o maianismo é uma ideologia política em que aspectos da cultura maia são usados, sincretizados, resignificados ou deturpados em nome de um mundo melhor e mais consciente. Por trás do maianismo, o desejo político por poder e autoridade intelectual, o mesmo que motivou no passado a elite que, no auge da cultura maia, usava os calendários e especialmente a escrita para legitimar sua liderança.

¹²⁵ Ensaio reflexivo oriundo de anos de experiência etnográfica e conversas com uma série de colegas, como mais recentemente, mas jamais limitado a, John Hoopes e o pessoal do NEOM/UFF.

Eis que, em 1987, surge oficialmente a maior corrente do maianismo, influenciada por (e inserida em) inúmeras outras correntes *new age* mais tradicionais: trata-se do *dreamspell*, que no Brasil era chamado de calendário da paz, com a mudança de liderança nacional, passou a se chamar oficialmente também de sincronário da paz. Baseado numa extrema subjetivação do calendário maia, José Argüelles publica o livro *The mayan factor (O fator maia)*,¹²⁶ em que diz¹²⁷ que sua ordem dos dias é o dia “no calendário maia”, sem maiores esclarecimentos.

A ordem dos dias ali contida nunca havia sido vista ou apresentada como maia, até onde consta. Este foi o embrião do *dreamspell*, “encantamento do sonho”, o nome que o calendário *new age* de Argüelles tomaria internacionalmente, mantendo a ordem dos dias apresentada no livro. Tal calendário mescla as estruturas dos calendários maias de 260, 364¹²⁸ e 365 dias, cuja contagem era aplicada de uma maneira demasiado eurocêntrica que deixa de contar a sequência de dias a cada dia 29 de fevereiro, de forma a submeter sua contagem ao calendário gregoriano.

O encantamento do sonho do qual se fala está justamente nos sonhos do próprio Argüelles, que através da construção de uma literatura espiritualmente aberta em que narra seus grandes sonhos tentou legitimar a si mesmo como uma espécie de senhor do calendário mesoamericano, com uma autoridade aos

¹²⁶ Para ver a série de críticas que o Projeto CMAIA já fazia a esse livro desde 2006, acesse <http://www.scribd.com/doc/9665068/Erros-de-calculo-no-livro-O-Fator-Maia>.

¹²⁷ ARGÜELLES, 2002: 140.

¹²⁸ Divididos em 13 “luas” de 28 dias, com mais um “dia fora do tempo” fixo ao calendário gregoriano (25 de julho), dia extra que amarra o ciclo de 364 ao de 365 dias. Oriundo do ciclo de 13 constelações, que ainda não se sabe a forma adequada de contar, o ciclo de 364 dias são as “luas” que embasam o calendário da paz, que é também chamado de “calendário das 13 luas de 28 dias”.

moldes daquela de K'inich Janaab' Pakal, o mais conhecido governante de Palenque.

É de fato a esta identidade antiga que Argüelles apela para legitimar seu conhecimento e poder enquanto coisas de origem “maia galáctica”, identidade disseminada entre as lideranças do movimento e que remete à ideia de que os maias do período clássico (os julgados como mais geniais) eram seres interplanetários que abandonaram a América. Ao construir tal identidade, o movimento de Argüelles rompeu com a identidade maia nativa remanescente, aquela que se vê na etnologia, tendo em vista que as cobranças acadêmicas em cima dele já estavam pesadas por conta de sua invenção “maia”. A identidade “galáctica”, portanto, foi uma solução inteligente, e que atraiu pessoas de outra linha ou grupo *new age*: os seguidores de Ashtar Sheran.

Argüelles mostrou-se capaz de construir espaços para dialogar com as burguesias e grandes lideranças do mundo, como ONU e Vaticano. A ideia de Argüelles era legitimar seu poder mundialmente, estabelecendo um “calendário da paz” (nome que tomou no Brasil) para substituir o calendário gregoriano. Para Argüelles, o calendário gregoriano nos foi imposto, e devemos retornar a um calendário mais “orgânico”, por assim dizer: ao calendário natural, ao tempo natural, à frequência natural. Entretanto, seu sistema prossegue submetendo a contagem dos dias do calendário maia de maneira diferente daquela que as tradições maias fazem e que ajudaram a legitimar – politicamente – o ciclo de 2012 nos dias de hoje.

Portanto, Argüelles está absolutamente fora do maianismo que está mais diretamente ligado à ideia nativa de *Oxla'uj B'aktun*, mais popularmente

conhecida como “ciclo de 2012”, ideia esta fabricada pelo resgate acadêmico e político da conta longa, calendário perdido com o qual Argüelles nunca parece conciliar-se e, por tal razão, não pode ser aceito como maia, mas encontra seu nicho justamente nos leitores de ideologia *new age*.

Ao mesmo tempo, Argüelles é, aos olhos do *dreamspell*, o "encerrador do ciclo" (de 2012). Contudo, ele fez sua passagem para o mundo dos mortos antes do fim do ciclo. Claro que sua morte haveria de ser, por seus seguidores, explicada como um rito de passagem do "enlaçador de mundos", necessário para que ele possa acolher melhor a todos na mudança energética do planeta estando do outro lado, espiritual e não material, e guiando quem está preso à materialidade.

Por outro lado, o contexto do tal ciclo de 2012 maia, onde Argüelles nunca foi autoridade, foi legitimado entre os maias contemporâneos graças ao apelo que todo o maianismo teve, à oportunidade política e econômica que isto significa para a Guatemala. E aqui temos outras figuras importantes no maianismo, mais decisivas junto aos Estados que Argüelles almejou: a burguesia indígena.

Capazes de transitar entre os dois mundos (dos invasores nacional-capitalistas e dos indígenas), esta foi capaz de institucionalizar e vender o conhecimento maia, deturpando-o e mesclando-o a diversos outros elementos, tal qual Argüelles fez. No *dreamspell* podemos encontrar uma mescla com culturas asiáticas, islâmicas e, principalmente, com os seguidores de Ashtar Sheran, liderança interplanetária da chamada "confederação intergaláctica".

Todas essas influências aparecem tanto em Argüelles quanto nas burguesias indígenas, que se valem de sua posição junto ao Estado para legitimar o maianismo como se este fora maia. Isto significa usurpar, deturpar e vender os patrimônios culturais maias, materiais e imateriais, tanto antigos quanto contemporâneos.

Argüelles passa por um profundo rito de passagem pessoal, após o qual assume a identidade de “Valum Votan” e atribui a identidade de “Bolon Ik” à sua esposa, coloca-se como reencarnação/continuação de Pakal, de Palenque, atribuindo a este o nome de “Pacal Votan”, quando o antigo governante nunca carregou o nome Votan.

Argüelles coloca-se sob vários outros títulos, além de “encerrador do ciclo” (de 2012), que também remetem à sua suposta origem extraterrestre. Dentro do estudo espiritual do *dreamspell*, a escritura sagrada que o legitima e rege é o chamado *Telektonon*, por Argüelles publicado e onde torna-se clara a mescla entre política e religião. Este aparece, em larga escala, como o movimento oriundo do maianismo mais influente religiosa e politicamente falando, entretanto seu líder acabou transformando-a mais em uma espécie de seita *new age* que, aparentemente em nome da paz e em favor de sua própria empreitada por poder espiritual, negligenciou uma série de questões etnológicas e indigenistas, fazendo uma nova construção que não honra as tradições de Pakal e tantos outros da antiga elite maia, que dominavam a escrita hieroglífica.

Portanto, o *dreamspell* é uma construção totalmente fora do que se entende e se estuda enquanto maia, porém pertence ao maianismo, que é uma

conturbada e conflituosa corrente de pensamento, que tenta inserir forçosamente a ciência calendárica (ou de outro tipo) maia e mesoamericana ao pensamento eurocêntrico, o que demanda uma série de analogias e sincretismos duvidosos, feitos tanto por “homens brancos” quanto por “burgueses indígenas” e “livres pensadores”.

Outros teóricos do maianismo podem ser mencionados. Temos, por exemplo, John Carl Calleman, cuja identidade calendárica e autoridade junto ao público é construída de maneira próxima simbolicamente ao que significa o termo *Chilam Balam*, de um jaguar, uma espécie de instinto que lê as entrelinhas. Entretanto, construiu ele próprio, tal qual Argüelles, uma cosmovisão bastante sincrética, interpretando os ciclos ao seu modo.

Para Calleman, por exemplo, o fim do famoso ciclo de 2012 foi em Outubro de 2011. Argüelles não quis romper com o ciclo de 2012, que foi instituído academicamente e junto aos Estados e burguesias indígenas, posteriormente alcançando quase toda a base da resistência maia, por ser algo que fortalece a identidade maia e o resgate cultural que muitos maias hoje buscam.

Fernando Malkún é outro que tem merecido outros fortes ataques por parte dos estudiosos maianistas, cujo documentário sobre supostas sete profecias maias não pode ser considerado de fato uma boa referência.

O ciclo de 2012 é, em boa parte, fruto de consenso acadêmico, isto é, de forte influência daqueles que construíram teoricamente essa correlação,¹²⁹ Goodman, Martinez e Thompson, cujas três iniciais dão nome à correlação,

“GMT”. Não há, até onde se sabe, referência etnográfica que indique a manutenção da conta longa. Conforme os indígenas da elite ligada ao Estado e do meio intelectual se aproximaram a essa teoria praticamente hegemônica, passaram a legitimá-la cada vez mais junto aos maias contemporâneos, resgatando o uso da conta longa.¹³⁰

Sempre é bom lembrar que isso significa que o próprio ciclo de 2012 não foi mantido pelos maias contemporâneos, e portanto tal ciclo pode ter se encerrado centenas de anos atrás ou demorar o mesmo tempo para ocorrer. Muitos pesquisadores sabem disso, mas poucos se atrevem a dizer.

As influências do maianismo também estão no meio da música eletrônica, que tornou-se um veículo de sincretismo *new age* e *neo-hippie*. Estes espaços se tornaram lugares onde o *dreamspell* se propaga até hoje. As ideias de que os maias tinham origem de outros planetas (e aqui a relação com Ashtar Sheran, cuja linha de pensamento remonta às fantasias de Eric Von Däniken, permeiam o *dreamspell* e também boa parte da ideia de cultura sincrética da música eletrônica, principalmente o *trance* e suas origens em Goa, na Índia, que trazem novas propostas aos jovens e novas identidades que rompem com este mundo, alteridades de outras estrelas.

5.2 - O maianismo e os maianistas – problemas categóricos

Conceituado o maianismo, é preciso conceituar "maianista". Por incrível que pareça, "maianista" é o nome dado ao especialista em estudos maias ou, em espanhol, *mayista*. O problema é que, em inglês e outras línguas, *mayista*

¹²⁹ O que chama-se de correlação (ou constante da correlação) refere-se à conta para calcular o dia equivalente, na conta longa, aos dias do calendário juliano e gregoriano.

equivale a *mayanist*, e em português muitos pesquisadores de América usam a palavra maianista como sinônimo para *mayista* e *mayanist*.

Isto significa que um maianista é justamente aquele que não é adepto ao maianismo, e parece que assim ficou criado um problema linguístico. De qualquer maneira, o adepto ao maianismo pode ser chamado de "maia *new age*" ou "maia galáctico" sem maiores problemas para a compreensão, demarcando de que identidade maia falamos: a tratada pelos maianistas, preocupados com a etnologia, ou a de movimentos *new age* que se apropriam de conhecimento maia. Particularmente, este livro é maianista, portanto não segue o maianismo.

¹³⁰ O renascimento simbólico do fim do 13º *pik* será celebrado até pelos maias como manutenção da luta pelo resgate cultural mesmo sabendo que a conta longa foi perdida por suas tradições.

PARTE 4
APÊNDICES

Apêndice 1

História do Projeto CMAIA

Por Maristela Zancan¹³¹

A1.1 – O início

A história do Projeto CMAIA confunde-se com a de Thiago Cavalcanti, sendo este projeto sua iniciativa pessoal e muitas vezes de manutenção solitária, quase servindo como um pseudônimo em vários momentos.

No ano de 2001, então com 15 anos, Thiago aproximou-se voluntariamente da arqueoastronomia pré-colombiana; as pesquisas levaram às bases da etnomatemática maia e consequentemente ao funcionamento da hoje tão comentada “conta longa”. Retomando os estudos com um interesse particular no sistema de calendários, já em 2005, uma incômoda situação: o absoluto domínio do calendário da paz no Brasil quando o assunto era “calendário maia”. Aquilo era incômodo por fortes razões: a inconsistência do conteúdo, que além disso tem um aparente caráter de seita religiosa *new age* em muitos momentos, e o desacordo com seu conhecimento etnomatemático.

Movido por um idealismo, uma vontade de compartilhar os conhecimentos oriundos do calendário nativo e lutar pelo esclarecimento acerca do calendário da paz no Brasil, Thiago idealizou, no primeiro semestre de 2006, junto com Renata Machado, um espaço virtual (comunidade do Orkut) para

¹³¹ Colaboradora do Projeto CMAIA e provedora das viagens à Guatemala.

que as diferenças entre calendário maia e calendário da paz pudessem ser discutidas pela primeira vez em um âmbito mais amplo no Brasil.

Observando a proporção que aquilo estava tomando, foi criado o Projeto CMAIA, cuja sigla então significava “Calendário Maia Independente e Aberto”, numa demonstração de seu espírito oposto não apenas ao calendário da paz mas também a líderes místicos, pesquisadores “dependentes” e academicistas, ainda que o projeto dialogue constantemente com todos os tipos de autores.

Posteriormente, o significado da sigla CMAIA foi modificado para “Calendário MesoAmericano Independente e Aberto”, explicitando seu escopo mais abrangente e interessado em todas as culturas mesoamericanas.

Sendo um projeto criado e mantido informalmente até hoje, considera-se sua “fundação” no dia 24 de Outubro de 2006, quando foi publicado um arquivo eletrônico contendo o ano 8 *Manik’* do calendário maia (2006/2007) de acordo com a correlação GMT1 e um vasto conteúdo introdutório produzido por Thiago, Lara Moler e *Alektryon*. Foi seguramente a primeira grande iniciativa junto ao grande público brasileiro no sentido de levar o conhecimento do calendário maia como algo independente do calendário da paz.

A1.2 – Saindo do mundo virtual

Ainda em 2006, Thiago foi convidado a produzir um CD-ROM para a nova edição do livro de Alberto Frederico Beuttenmüller, “2012 – A Profecia Maia”. Este livro foi lançado de fato em 2008.

Também graças a Alberto, que repassou um convite do amigo Guilherme Lopes, de Santos/SP, o Projeto CMAIA entrou no circuito dos grandes festivais

de música eletrônica, no Samsara Festival de 2007. Este circuito era e continua sendo reduto do calendário da paz e muitos de seus seguidores, sendo marcante a presença de Thiago em tais eventos entre 2007 e 2010 para o esclarecimento de muitos jovens, entre palestras ministradas e comunicações pessoais.

Antes disso, a primeira palestra de Thiago havia sido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mais especificamente na “Semana de Arte e Cultura” da Associação Erva Doce, graças ao amigo “Guto do Mato”, onde palestrou em 2007 e 2008. Outro espaço importante naquele momento foi o Encontro Social Pagão, organizado por Helenna Fryggah Leão.

Desde então o avanço para fora da internet tem sido pontual mas significativo. Especialmente a partir do momento em que Thiago tornou-se um estudante universitário, oficialmente pesquisador em antropologia, o conteúdo do Projeto CMAIA caminhou cada vez mais numa direção de levantar discussões dentro da academia, dialogando com a teoria e mantendo uma leitura crítica em relação à própria academia.

A1.3 – O sítio virtual Calendário Sagrado . ORG

Em 2008, boa parte do conteúdo do Projeto CMAIA, que circulava em arquivos e dependia de sítios virtuais de compartilhamento de arquivos, passa a incorporar a página www.calendariosagrado.org, criada por Thiago para facilitar o acesso à informação e hospedar o pioneiro conversor de datas em português, que convertia datas do calendário gregoriano para os calendários maias, com informações sobre diferentes ciclos.

Já em 2010, o sítio sofre uma reformulação importante e que o torna mais profissional, quando os colaboradores do Projeto CMAIA, Gabriel Paladino e Pedro Henrique Jotta, foram muito importantes. O maior avanço foi a atualização do conversor, que ganhou diferentes versões para contemplar desde o público leigo até acadêmicos mais exigentes. O Calendário Sagrado tem como ambições futuras abrir seu horizonte para outros calendários sagrados do mundo, além de divulgar estudos dos mais amplos acerca do Tempo.

A1.4 - O futuro do Projeto CMAIA

Com a publicação deste livro, o Projeto CMAIA se estabelece no cenário brasileiro como uma iniciativa no sentido de apresentar ao público uma série de questões até então não conhecidas em português e/ou altamente restritas às discussões acadêmicas, compartilhando de uma bibliografia especializada e trazendo as importantes discussões que muitas vezes são preteridas pelos próprios acadêmicos.

Nossa ideia é prosseguir o trabalho do Projeto CMAIA no sentido de produzir e divulgar conteúdo academicamente reconhecido e servir como um ponto de apoio para que o público possa conhecer cada vez mais acerca de Mesoamérica, especialmente seus calendários, dentro e fora do âmbito acadêmico.

Nosso propósito é criar uma rede de interessados, estudiosos e colaboradores. Os interessados em participar de qualquer maneira podem enviar um e-mail para projetocmaia@gmail.com.

Apêndice 2

Os maias no Brasil e breves resenhas tardias

Por Thiago Cavalcanti

A2.1 – O brasileiro pioneiro e Mesoamérica na academia

Franz Joseph Hochleitner, austríaco radicado em Juiz de Fora desde 1948, merece o reconhecimento como brasileiro pioneiro em estudos maianistas. Interessado, assim como nós, na arqueoastronomia pré-colombiana, inaugurou esta área de pesquisa na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sendo principal responsável pela criação do Setor de Arqueoastronomia e Etnologia Americana (SAEA) e posteriormente do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA) naquela instituição.¹³²

Dentre suas obras, podemos destacar “Cronologia e astronomia maia” (1977) e “Chuen – o novo calendário maia” (1994); nenhuma delas, entretanto, parece ter alcançado o grande público, e seu trabalho acabou mais restrito aos acadêmicos. Hochleitner é internacionalmente conhecido entre os pesquisadores, seja por seu brilhante trabalho sobre os maias ou pelo curioso fato de aparentemente ser quem mais propôs possíveis correlações diferentes para o calendário maia.

O panorama acadêmico brasileiro ainda é muito restrito, seja na área maianista ou mesoamericanista; no século 21, destacamos o trabalho do Prof.

¹³² Para mais, ver http://sabnet.com.br/revista/artigos/RAS_20/1686-2043-1-PB.pdf.

Dr. Alexandre Guida Navarro da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que fez um bom papel como único maianista a esclarecer algo na grande mídia.

A2.2 – O panorama brasileiro mais amplo em breves resenhas

Até 2006, quando foi criado o Projeto CMAIA, o grande público brasileiro não tinha acesso, sobretudo na internet, a conteúdo em português a respeito do calendário maia, apenas a respeito do calendário da paz. Antes de 2006, e mais ainda depois disso, outros autores publicando obras que ganharam popularidade, mas que também ajudaram a disseminar ideias que consideramos equivocadas. Analisaremos duas obras populares dos anos 1990.

A2.2.1 – “Calendário maia”, de Diana de Assis

– Editora Nova Era, 1998.

Seguidora do calendário da paz, a autora possivelmente foi a pioneira no Brasil a tentar um esclarecimento acerca das diferenças entre calendário da paz e calendário maia. Entretanto, para diferenciar a contagem do calendário da nova era do calendário maia, Diana aparentemente baseou-se apenas em Humbatz Men e Aluna Joy, que mantêm a contagem do ciclo de 260 dias na mesma ordem proposta por Argüelles, modificando apenas a data de início do *Ja'ab'*, igualmente fixando o ano novo em uma data do Calendário Gregoriano, nesse caso 21 de março.

Entretanto, segundo John Major Jenkins, Humbatz Men, que supostamente pertence à tradição *Itza'* do Yucatán, teria perdido sua contagem em grande medida, e por isso acabou optando por apoiar Argüelles. Jenkins parece julgá-lo como "aculturado". Isso definitivamente é polêmica grande o

suficiente para não adentrarmos agora, mas ilustra o quanto, mesmo inconscientemente, a tentativa de esclarecimento de Diana acabou sendo falha, parcial.

Ao falar do calendário maia como algo necessariamente preso ao calendário gregoriano, Diana ignorou todo o contexto mesoamericano antigo e contemporâneo, servindo como uma referência para o calendário como é usado no escopo *new age*, mas não como uma obra aconselhável para reais interessados no calendário maia. Apesar disso, ao relativizar a data de ano novo, este livro possivelmente abriu um novo horizonte de contestação para alguns enredados no maianismo.

A2.2.2 - “2012 - A Profecia Maya”, de Alberto F. Beuttenmüller

- Editora Ground, 1996

O autor, jornalista e crítico de arte reconhecido, foi, como tantas outras pessoas menos conhecidas, ludibriado pelo calendário da paz. Tomando-o como referência, Alberto involuntariamente contribuiu para a disseminação de várias ideias que condizem ao pensamento argüelliano como se estas constituíssem um imaginário maia, o que nos permite colocar este livro, ao lado daquele de Diana, no rol do maianismo.

Apresentada como um romance ou uma obra de ficção, é eventualmente considerada como uma obra fortemente influenciada pelo famoso livro intitulado “Profecia Celestina”. Entretanto, a fronteira entre ficção e realidade é tênue ou mesmo inexistente para muitos leitores que tomaram o livro como uma boa referência sobre os maias, acreditando na autoridade do autor

enquanto pesquisador maianista, que foi também veiculada e reforçada na divulgação do livro.

O autor, que ganhou alguns bons seguidores na era das redes sociais virtuais, aliou-se ao Projeto CMAIA ainda em 2006, graças ao surgimento deste com a publicação independente do calendário maia, que foi então incorporada numa versão expandida veiculada em CD-ROM de minha autoria junto à segunda edição do livro (2007), que na prática tornou-se um novo livro, substituindo “maya” por “maia” no título e supostamente calendário da paz por calendário maia no conteúdo.

Entendemos, contudo, que a revisão do conteúdo não foi satisfatória no sentido de remover as influências argüellianas do livro. O discurso do calendário da paz contra o calendário gregoriano, por exemplo, que havia sido publicado na primeira edição, foi mantido na segunda de uma maneira no mínimo estranha. Sendo a estrutura do discurso a mesma, passou a se referir a (ou se parecer com) uma crítica dos nativos em relação ao calendário da paz: “Temos de entrar em sintonia com o Tzolkin, através dos treze números e dos vinte signos sagrados, ou seja, na frequência 13:20, abandonando os falsos calendários maias que andam por aí, além do gregoriano”.¹³³ Observamos que mesmo o preconceito ao calendário gregoriano, típico do calendário da paz, foi mantido.

Para além disso, o chamado “Códice K”, que era o centro da trama de ficção na primeira edição, foi mantido. O problema com isto é que tal códice não é conhecimento dos maianistas, mas existe junto aos adeptos do calendário da

paz. Para todos os efeitos, trata-se de um texto moderno que contém uma mensagem galáctica assinada por Pacal Votan e que nitidamente carrega linguajar argüelliano.¹³⁴

Poderíamos nos alongar mais no sentido de estabelecer um estudo mais profundo do livro, mas acreditamos que os exemplos citados são suficientes para embasar nossa opinião nesta breve resenha. O livro, mesmo após suas recentes revisões, não conseguiu desvencilhar-se das influências do calendário da paz, sendo considerada ainda hoje uma referência no que condiz ao maianismo.

Contudo, Alberto sempre apoiou o Projeto CMAIA e continuou divulgando o site www.calendariosagrado.org na terceira edição de seu livro, que já não contava com o CD-ROM, e por isso merece reconhecimento por seus esforços em compartilhar os esclarecimentos e os conhecimentos.

¹³³ BEUTTENMÜLLER, 2008: 102.

¹³⁴ Ver <http://www.caminhosdeluz.org/a-226.htm>.

Apêndice 3

Calendário da paz e música eletrônica no Brasil

Por Thiago Cavalcanti

A3.1 – Do caráter espacial e da origem da relação

O calendário da paz também se faz presente na chamada “cena” da música eletrônica, especialmente nos eventos que são conhecidos como festivais, que costumam durar dias e, além da música, oferecem também atividades voltadas para aspectos culturais e espirituais. Normalmente realizados em lugares isolados e paradisíacos, alinham-se a propostas neo-hippies que vão numa direção oposta ao caos urbano, atraindo também muitos seguidores do calendário da paz.

Para além disso, vale destacar que diversos *DJs* de música eletrônica, no Brasil e no exterior, são inspirados pelo maianismo, especialmente argüelliano, na maioria das vezes graças aos próprios eventos de música eletrônica. Tais artistas por vezes acabam nomeando a si próprios, a seus *cds* e suas músicas com nomes motivados pela influência argüelliana e seu uso das categorias nativas fora de contexto.¹³⁵

Isto não se dá por acaso, especialmente se considerarmos que Argüelles tratou as *raves*, e especificamente o festival *Earthdance*, como espaços que servem para a expansão de seu movimento pela mudança do calendário,

¹³⁵ Nem todos, claro, são necessariamente influenciados pelo calendário da paz, mas parece ser o caso da maioria.

implantando a identidade¹³⁶ oriunda do calendário da paz na vida daqueles jovens.¹³⁷

Não sendo nosso interesse imediato aprofundar a relação de Argüelles com o mundo da música eletrônica, que certamente foi próxima, convém um breve relato acerca da nossa experiência enquanto pesquisadores inseridos no meio dos festivais de música eletrônica brasileiros.

A3.2 – Festivais de música eletrônica no Brasil

Nossa entrada neste campo se deu em 2007, quando fomos convidados a participar do Samsara Festival, e desde então temos frequentado esse tipo de evento para esclarecer a respeito do calendário da paz e assim diminuir a desinformação propagada por esse meio.

O maior expoente da relação entre o calendário da paz e a música eletrônica no Brasil é o Festival Fora do Tempo, um dos festivais brasileiros mais importantes e que, ao final da década passada, despontou como o festival *mainstream* mais próximo aos ideais de boas vibrações. Até 2008, este festival propagava a ideia de que festejava o “ano novo maia”; foi neste ano que entramos em cena para alertar parte da comissão organizadora sobre a importância de desfazer esse engano e esclarecer a respeito da desinformação. Segundo um dos organizadores, a falta de informação os havia levado para calendário da paz, e que na verdade a intenção inicial era fazer um festival para honrar a cultura maia.

¹³⁶ Neste caso, a identidade é atribuída pelo dia em que cada um nasceu ou, nos termos do calendário da paz, a “assinatura galáctica”.

¹³⁷ ARGÜELLES, 2002: 147.

Em acordo com esse discurso, nos deram espaço, financiamento e respaldo para a realização de palestras e alertas de que o calendário da paz não é o calendário maia e que por isso o dia 26 de Julho não corresponde ao “ano novo maia”; feito isto em 2008, o ano seguinte reservou mais uma importante conquista: em breves textos publicados na fanzine oficial do Festival Fora do Tempo, pudemos esclarecer um pouco sobre as diferenças entre calendário da paz e calendário maia, alcançando um público maior do que a reduzida audiência que palestras e eventos afins costumam ter em festivais. Até onde temos notícia, 2009 foi a última edição do Festival Fora do Tempo.

A falta de informação nesse meio ainda é um problema, e muitas pessoas que fazem parte da cena da música eletrônica acreditam, até hoje, que calendário da paz e calendário maia são a mesma coisa. Já em 2010, tomamos conhecimento de um outro festival, chamado “Ano Novo Maia Festival”, que, assim como o Fora do Tempo, prometia comemorar o “ano novo maia”. Após entrarmos em contato com um dos organizadores, este nos recebeu bem e, assim como havia feito o Festival Fora do Tempo anteriormente, reconheceu seu erro e deixou as portas abertas para mim, me convidando a participar do esclarecimento e auxiliar na própria concepção do festival.

Ele prometeu, para 2012, um festival que realmente honra o nome escolhido. Entretanto, e de maneira oposta ao Festival Fora do Tempo, tudo isto parece ter ficado na promessa. Sem termos recebido qualquer convite formal ou mesmo divulgação, desconhecemos o destino que tal festival teve.

Nossa presença nesses e em outros festivais sempre foi vista com desconfiança, pelo fato de o calendário da paz estar enraizado nesse universo e

muitos de seus seguidores serem frequentadores assíduos das *raves* e festivais de música eletrônica. A abordagem acadêmica e crítica da questão em um ambiente historicamente propenso ao misticismo gerou tensões e insatisfações para conosco e para com nossos colaboradores que frequentam os mesmos eventos, por parte de organizadores inclusive. Somos vistos como uma ameaça à hegemonia do calendário da paz naquele espaço que, como Argüelles já havia observado há 10 anos, serve para cooptar mais seguidores para o calendário da paz.

Até escrevermos este apêndice, trabalhamos, identificados e (mal) financiados oficialmente como “artistas”, em sete festivais de música eletrônica brasileiros, todos do grande circuito e de caráter internacional. Apesar disso, na maioria das vezes tivemos de oferecer nossos serviços, diferente da primeira vez, no Samsara Festival.

Isto demonstra o amadorismo dos produtores de festival, que não valorizam tanto a cultura quanto o discurso tende a dizer e, no nosso caso específico, simplesmente ignoram as questões do calendário maia e tratam-na como menos importante, preterindo o esclarecimento de maneira que tais eventos continuam propensos a acolher seguidores do calendário da paz que se voluntariam a falar sobre calendário maia, quando na verdade estão tratando o calendário da paz como se fosse maia.

Entre 27 de Dezembro de 2012 e 3 de Janeiro de 2013, estarei no Aho Festival dando minha contribuição mais madura até hoje em um festival,

esclarecendo uma série de coisas contidas neste livro e também as tantas que não entraram a tempo.¹³⁸

Esperemos que as críticas aqui expostas possam servir para as discussões acerca de um reinício, um novo caminho para os festivais no Brasil no que se refere à sua relação com os maias, que historicamente é de deturpação em nome da propagação calendário da paz.

A3.3 – Da experiência etnográfica

Permito-me aqui compartilhar com os interessados um pouco da minha experiência em campo sobre *raves*, especialmente sobre música eletrônica e deturpação da cultura maia... Eu já trabalhei em vários festivais de música eletrônica, portanto "etnografei" bem muitas coisas - foram sete dos maiores festivais do Brasil, de 2007 até hoje. Parece que a antropóloga cuja tese foi apresentada com um discurso crítico de um conhecido ao uso da identidade indígena nesses eventos traçou muitos caminhos parecidos com os meus, espero que tenha acessado esses bastidores da organização também.¹³⁹ Ela fala, ainda que pouco, sobre o calendário da paz.

A maioria não sabe nem diferenciar festival de *rave*. Festival dura vários dias, em lugares paradisíacos e isolados dos centros urbanos, e há espaço pra cultura, sincretismos, vivências paralelas (um eterno rito de passagem enquanto dura, de fato!). Por isso eu trabalhei com cultura maia nesses eventos, sendo contratado - graças às redes - pela organização. A deturpação do calendário maia e do ciclo de 2012 que vemos hoje generalizada TEM raízes na música

¹³⁸ Mais informações sobre o evento em www.ahofestival.art.br.

¹³⁹ Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-20082012-102051>.

eletrônica TAMBÉM - e isso está diretamente relacionado aos enteógenos e ao LSD.

Esse imaginário muito vulgar sobre maias e 2012 é reproduzido em eventos de música eletrônica livremente... O problema é que, hoje, muito mais gente das *raves* vai pros festivais - e muitas *raves* se vendem como festivais. E aí fica difícil de diferenciar tanto; o pessoal da *rave* faz o que quer, suja tudo mesmo. Lindas praias virgens que vocês nunca conhecerão foram estupradas por esse furor da fuga através das drogas da qual já falava Hobsbawm...¹⁴⁰

Mas não é possível falar apenas de imaginário: tem grandes festivais que sim trazem indígenas locais, como foi no interior da Bahia, numa praia magistral em Caraíva (região de Trancoso). Só que percentualmente pouca parte do público chega a ver isso, conversar com os indígenas menos ainda. É possível uma relação de alteridade de qualquer tipo naquele espaço; muitos e universais espelhos da diferença. Claro que, no fundo, esses eventos tendem a ser uma enorme exploração do capital (ninguém que não seja um "pop" da música eletrônica vai ganhar mais do que alguns trocados pra ser "artista", meu caso e de mais 95% dos contratados daquele espaço), então os interesses por trás da presença indígena a princípio seriam necessariamente escrotos, algo usado como discurso pra tentar manter a fachada de abertura espiritual que os eventos tentam vender, mas que se distanciou da realidade do público, como destaquei no parágrafo anterior.

¹⁴⁰ Em "Os trabalhadores pobres", Hobsbawm analisa como o alcoolismo (as drogas) e as ideologias religiosas e apocalípticas se tornam fugas da realidade opressora do trabalhador.

Se formos analisar a música, muitos dos músicos (*DJs*/produtores) que tocam nesses eventos têm, reconhecidamente, influência indígena, e chegam a usar trechos de músicas indígenas, tambores e tudo mais nas suas mixagens. Apenas para resumir o que é esse campo pra um especialista em calendário maia como eu: lá proliferou a interpretação de um calendário *new age*, que deturpou a ordem do calendário maia e se tornou uma seita que se apropriou da identidade maia.

Eu acompanho a sequência dos dias cuja base é etnológica e arqueológica, por isso desde cedo ocupei esse espaço pra denunciar, com base na matemática calendárica, esse calendário que ainda hoje muitos das *raves* chamam de maia, se aproximando do sincretismo com uma série de outras coisas em detrimento das categorias nativas de pensamento do calendário, com as quais eu estou tão familiarizado quanto com aquelas do imaginário do chamado maianismo *new age*, onde estrangeiros e brasileiros mágica ou ritualmente mente se transformam em "maias galácticos".

Apêndice 4

Oxlajuj B'aq'tun, Perspectiva de una construcción antigua con los cimientos intactos

Por *Ajq'ij Apab'yan Tew*¹⁴¹

Una construcción antigua con los cimientos intactos y la fachada colapsada. Pienso, ahora que uso esta analogía, en un arqueólogo que, haciendo exploraciones, ha encontrado algunas piedras sueltas y algunas otras piedras, debajo de las primeras, con cierto orden y un posible, quizá predispuesto, sentido. Ese arqueólogo -casi cualquier arqueólogo-, entrará en profunda curiosidad. Quizá, de buenas a primeras, quizá, a la brava, intentará hacer el primer estudio, el primer trazo, el primer reporte. Subirá a la red el primer video. ¿Qué estará pensando él o ella, cuando descubre que, efectivamente, bajo los escombros hay un orden primordial?

Salto entre posibilidades. ¿Qué sucede si, en el hipotético caso antes descrito, ese arqueólogo o arqueóloga, también 'descubre' que los descendientes de los primeros constructores 'aún' viven en los alrededores? ¿Sabrán ellas, ellos, algo del propósito original? ¿Convendrá preguntarles? ¿Qué o cómo se les ha de preguntar? ¿Se les debe preguntar del todo?

¹⁴¹ Guardião de uma tradição familiar de *ajq'ijab'* de Nawalja', de cuja herança pude desfrutar por alguns momentos quando estive na Guatemala com seu bravo aprendiz, Ajkaj Warchaj, neto de seu mestre e a quem hoje Apab'yan Tew devolve seu conhecimento científico. Fui acolhido e abrigado no seio daquela família, à qual sou grato por ter me recebido na Guatemala e me deixado tanto para refletir sobre a ciência da alteridade maia contemporânea.

No, no se puede saber qué piensa o asevera el 'primer' descubridor. Podría ser cualquier cosa, mejor no lo preguntemos de nuevo. No es nuestro caso.

¿Qué pensamos, qué sabemos, nosotros *Mayaib' winaq*, del legado de nuestros abuelos?

¿Sabemos quiénes somos o sólo nos reconocemos a partir de lo que se nos ha dicho que somos?

¿Sabemos colectivamente, de verdad, el sentido de los actos y pensamientos de nuestros abuelos?

No, no lo creo, estamos muy divididos. Quizá algunos puedan dar algunas respuestas, quizá también, algunos sepan muchas respuestas pero no quieran hablar. Quizá, otros tantos, ni siquiera estén interesados en todo tipo de legado de la antigüedad profunda. Quizá, ¿por qué no?, unos pocos lo sepan todo.

No, no se necesita un punto hito para fundar o fundamentar nuevos significados, constantes significados o retransmitidos, antiguos sentires, de un propósito consecuente. ¿No acaso, ya somos *Mayaib' winaq*? Siempre lo hemos sido. ¿De verdad necesitamos al *Oxlajuj B'aq'tun* para encender una nueva flama de identidad? También nosotros, fraccionados, podríamos pensar y aseverar o pensar y mentir sobre cualquier cosa, ¿no es así?

Ya, muchas preguntas.

Otra constante, una no nuestra. Los investigadores del orbe occidental han considerado, sobre la base de sus indagaciones, de diverso tipo y metodología, que el uso de la cuenta larga es una medición muerta hace siglos; ellos, ellas,

dicen que, por virtud del desciframiento de las inscripciones, es que sabemos algo de ella. Opino que están en lo correcto. Ciertamente. Su trabajo no es lo de menos, no es poca cosa, no se debe ignorar. Tiene su propia tradición.

La fachada está caída, se puede, se querrá rehacer. Unos siguen ciertos procesos de reconstrucción, si acaso el punto es, quererlo así. Otros, en otra perspectiva, tal vez quisieran que se deje tal como esta. Unos y otros, unas y otras argumentarán posibilidades. Al final, una decisión o una serie de decisiones, se tomarán en virtud de ciertas necesidades de exposición. En un caso, los cimientos ya no serán visibles, aquellos cimientos que resistieron, quizá no se vean más y ahora, sólo se admire una fachada de artificio y, entonces, se tome la foto inaugural. En el otro caso, sólo tal vez, se determinará qué tanto es constante y qué tanto, piedra sobre piedra, podrá resistir nuevos retos, capacidades y posibilidades.

Me retraigo en consideración a tanta pregunta. ¿Nosotros, *Mayaib' winaq*, qué exposición queremos de nosotros?, ¿queremos un artificio?, ¿sabremos cómo reconstruir nuestro cimiento?, ¿qué decidiremos ya?

La Palabra de nuestras abuelas y abuelos es una cimentación que ha resistido muchas pruebas y, debe ahora, resistir el empuje de consideraciones, intereses y utilidades ajenas a nosotros. La 'cuenta larga', el *Oxla'uj B'aq'tun*, no es la excepción.

Todo *Ajq'ij*, todo guía espiritual Maya, puede entender que aquellos conteos, rescatados de la resistencia de la piedra al olvido, son como letra muerta, pero también, todo *Ajq'ij* sabe que los conteos no son sólo conteos y

que el discurrir del tiempo puede volver a tener sentido. Eso es ciencia Maya, nuestra fortaleza. Somos los herederos.

Quizá, abusando de un entonces, un tal vez, nosotros desde acá, en la piedra sobre piedra que resistió, podríamos ahora decir, que sólo es la lectura y la locura occidental lo que nos ha empujado a pensar que el *Oxla'uj B'aq'tun* está ya sin contexto y sin utilidad. Se nos ha empujado a pensar distinto y, algunos entre nosotros, fragmentos de un presente pasivo, han contribuido a aceptarlo y, aún a escribirlo. Afirmino aparte:

Todo *Ajq'ij*, elemento de resistencia y persistencia, así sea ella o él un pequeño nodo en una interrelación de posibilidades, sabe, más allá de todo cuánto se diga, que el sentido del tiempo continuó entre nosotros. Queda en nosotros la reconstrucción. Somos los herederos de otra ciencia, nuestra ciencia, nuestra tradición.

Somos los herederos.

Nada, nadie nos puede arrebatar lo que queremos ser desde un orden primordial.

Apêndice 5

Oxlajuj B'aq'tun, Perspective of an ancient construction with the foundation intact

By *Ajq'ij Apab'yan Tew* (translation by Ak'el Weddle)

Consider an ancient construction with an intact foundation and collapsed facade. Continuing with this analogy, consider an archaeologist who, exploring, has found some loose and scattered stones and other stones, beneath the first, with some order to them, and, possibly, a planned purpose. That archaeologist, and indeed any archaeologist viewing those stones, will enter a deep curiosity. Perhaps with a stroke of insight, perhaps with slow hard effort, they will try to make an initial study, a first report. What is he or she thinking when it is discovered that indeed there, under rubble, there is an underlying order?

Different possibilities come to mind. What if, in the hypothetical case described above, the archaeologist also 'discovers' that the descendants of the original builders are still living nearby? Might they know something of the original purpose? Will we ask them? What or how should we ask? Should we be asking at all?

No, it cannot be know what the 'original' discoverer thinks. It could be anything. It is better to not ask again. It is not our case.

What do we think, what do we know, we Mayan people, of the legacy of our ancestors?

Do we know who we are or do we only recognize what we have been told we are?

Do we know collectively, truly, the meaning of the acts and thoughts of our ancestors?

No, I believe not. We are divided. Perhaps some may provide some answers, and perhaps also, some know things but do not wish to talk. Perhaps many others are not even interested in every legacy from the depths of antiquity. Perhaps, why not? A few know it all.

No, a great turning point or milestone is not needed to establish or justify new meanings, truths constant and retold, and the ancient sense of things. In any case, are we not Mayan people already? We have always been. Do we really need an *Oxlajuj B'aq'tun* to ignite a new identity? Also we, divided as we are, could think and affirm or think and mislead about anything, is that not so?

There are many questions.

There is another factor which is not ours. Researchers from the Western world have considered, on the basis of their research, and different methodologies, that the use of the 'Long Count' is a measure dead for centuries. They say that, by virtue of the decipherment of the inscriptions, we know something of the count. I think they are right. Certainly, their work is not unimportant, is no small thing, and cannot be ignored. It has its own tradition.

The facade has fallen, and it can be desired to rethink things. Some follow certain processes of reconstruction. Others, with another perspective, maybe want things to be left as they are. The two groups will argue with each other about the possibilities. In the end, a decision or series of decisions will be made in accordance with their needs. In one case, the foundations already will not be visible, those foundations that endured, and perhaps they will not be seen

anymore now, only an artificial facade to admire and take a picture of. In the other case, just maybe, it will be determined that much is constant and steady, and that so much, the stone on stone, will be able to resist new challenges and new possibilities.

I again bring into consideration so many questions. For us, the Mayan people, what exposure do we desire from ourselves? Do we want that which is artificial? Will we know how to reconstruct our foundation? What will we decide?

The Word of our ancestors, grandmothers and grandfathers, is a foundation that has withstood many tests and must now resist the pull of considerations, interests, and profits beyond our control. The 'Long Count', the Oxlajuj B'aq'tun, is no exception.

Every *Ajq'ij*, all Maya Spiritual Guides, can understand that those counts, rescued from oblivion by the enduring stone, are like dead writing, but also, every *Ajq'ij* knows that the counts are not only counts, and that with the passage of time they can regain their meaning. That is Mayan science, a strength we share. We are the heirs.

But perhaps, we from here, within the enduring foundation of stone upon stone, could now say that it is only western lectures and this western craze that has prompted us to think that the *Oxlajuj B'aq'tun* is already without context and without meaning. They pushed us to think differently and, some among us, themselves passive fragments in the present time, have contributed to accepting it and have even written as much. However, I affirm:

Every *Ajq'ij*, as an element of endurance and persistence, whether she or he is working from a single point or as a not known interrelationship of possibilities, knows, beyond all that has been said, that the sense of time is continuous among and between us. Its reconstruction remains in us. We are the heirs of another science, our science, and our tradition.

We are the heirs.

No one, and nothing, can snatch from us that which we want to be from the ancient and foundational order.

Apêndice 6

Os 13 números entre os *K'iche'* hoje

Por *Ajq'ij Apab'yan Tew* e Iván Canek Estrada Peña¹⁴²

Jun (1): El significado de este número dentro del contexto calendárico está englobado en el concepto de *majb'al re*, es decir, el inicio o comienzo, el primer paso, algo que brota.

Kieb' (2): Los conceptos que engloba este numeral es el de *yanalik*, *tanalik*: lo que va en retroceso, lo que se suspende temporalmente.

Oxib' (3): *Kak'iyarik uwach*; lo que se multiplica, lo que se ramifica, la divergencia.

Kajib' (4): *Chakalik*; algo que está parado en cuatro sostenes, lo que está firme, fijo, estable, o bien, falta de dinámica.

Job' (5): *Ya Xnimarik*; lo que se hace grande al grado de desbordarse, lo que también remite a la idea de rudeza.

Waqib' (6): *Pajab'al*, algo que se coloca en una balanza; *le nima'*, *le chuti'*; lo grande, lo pequeño; *u k'ux*: su corazón de algo; *wa'lij saxij*, levantar, erigir.

Wuqub' (7): *ya xmiq'ik*; algo que se ha calentado al punto en que hierve. Efervescencia. Lo latente de 'algo'.

Wajxaqib' (8): *ya xpe' chik*; lo que retorna, algo que llega de vuelta por su propia cuenta.

B'elejeb' (9): *ya Xtewarik*, *ri tewal*, *tyojlab'em*; algo que se enfría, o que pierde su ánimo momentáneamente... o bien que se silencia a gestar.

Lajuj (10): *K'ulik*, *K'ulb'al*; juntar, encontrarse, unirse, o punto en donde convergen las cosas.

Ju'lajuj (11): *Jarem*, *joronem*: disolverse, diluirse, dispersión.

Kab'lajuj (12): *sipanik*: regalo, dádiva, adición., balance oculto de las cosas.

Oxlajuj (13): *le nima'q taq*: lo más grande, lo más acumulado.¹⁴³

¹⁴² Trecho do trabalho de Peña premiado na Mesa de Palenque 2011, *Ideas del tiempo cíclico en la cuenta de 260 días entre los k'iche's contemporáneos*, revisado por Apab'yan Tew.

(1) *Jun*: inicio, manantial

Wajxaqib': reinicio, retorno (8)

(2) *Keb*: retracción, cálculo

B'elejeb: enfriamiento, gestación (9)

(3) *Oxib*: divergencia, abrir camino

Lajuj: convergencia, enfoque (10)

(4) *Kajib'*: lo estable, lo firme

Ju'lajuj: dispersión, esparcir. (11)

(5) *Job'*: desborde, rudeza

Kab'lajuj: dádiva, balance oculto (12)

(6) *Wakib'*: corazón, balanza

Oxlajuj: lo grande o acumulado, como los años en la vejez. (13)

(7) *Wuqub'*: lo efervescente, lo que ha hervido, lo latente...

¹⁴³ Nota de Estrada: Este modelo es una recopilación de ideas existentes en la cultura *k'iche'*, el *ajq'ij* que lo proporciona lo acomodó y diseñó a manera de modelo.

Apêndice 7

Por uma antropologia maianista (e indigenista) ao lado dos povos originários

Por Thiago Cavalcanti¹⁴⁴

Este post marca o início de uma empreitada de preocupação antropológica e indigenista mais efetiva neste espaço virtual, sempre em busca de desfazer nós que prendem o entendimento.

Um salve pra todos os amigos nesse dia 13 *B'atz* (13-Macaco) do calendário ritual maia, equivalente a 13/10/2012 e que representa o fio de ideias que há de nos (re)unir e desatar os velhos nós da (in)diferença e dos conflitos egoístas.

Como alguns dos leitores sabem, minhas pesquisas vão tanto pro lado arqueológico quanto antropológico e etnológico mesoamericano, especialmente maia, já há alguns anos. Combati nos últimos anos as correntes *new age* no Brasil, que representam uma mercantilização e uma deturpação do patrimônio cultural maia em favor de ideologias políticas e religiosas, como é o caso do *dreamspell* (sincronário da paz no Brasil). Hoje, dentro da academia, me posiciono politicamente dentro da área de antropologia, rompendo com a tradição colonialista, de centro-direita desta disciplina ainda hoje marcadamente eurocêntrica chamada antropologia.

¹⁴⁴ Adaptado de <http://calendariosagrado.org/blog/antropologia-maianista-indigenista-povos-maias-mesoamericanos>.

Por conta dos problemas que enfrentamos no mundo de hoje, deixo pra vocês uma semente pra quem quiser refletir um pouco acerca da história social da Guatemala e da forte e combativa inserção indígena, nesse caso guatemalteco essencialmente Maia (22 etnias), além de Xinka e Garífuna.

Recentemente, aliás, os Garífunas sofrem com uma tentativa de golpe: o Estado de Honduras quer literalmente privatizar três cidades, impactando o direito à autonomia Garífuna!¹⁴⁵

A questão que motivou o breve texto, contudo, é mesmo Guatemala, pois é onde podemos entender melhor o fragmentado e diverso movimento maia, que sobreviveu culturalmente de maneira mais efetiva lá. Abaixo faço alguns comentários que ajudam um pouco a complementar a entrevista.¹⁴⁶

Especialmente o século passado marcou uma série de massacres aos maias por parte do Estado guatemalteco e do capital, assim como ocorreu com as diferentes formas de resistência em tantos outros lugares na América Latina (incluindo o Brasil).

A famigerada Monsanto, por exemplo, comete o crime ecológico e cultural de (im)plantar milho transgênico lá. Milho moído e água são, na cosmovisão maia (vide *Popol Wuj*), os ingredientes com os quais os primeiros corpos humanos foram moldados em sua origem. Simbolicamente, num sentido de valor ritual, milho transgênico pode ser encarado também como uma espécie de “clonagem humana”, o que até hoje é imenso tabu no mundo globalizado. Mas quase ninguém gosta de falar disso no mundo, e no Brasil os petistas que

¹⁴⁵ Ver www.guardian.co.uk/world/2012/sep/06/honduras-new-city-laws-investors.

querem se pintar de esquerda dizem que precisamos combater a Monsanto enquanto entregam esse “combate” à ideia gradual de “processo histórico”, que no fundo depende da mobilização da base para pressionar cada vez mais em meio à alienação do capital.

Para além disso, e aqui voltando à Guatemala, existe a “burguesia indígena” que, constituindo uma suposta “elite” indígena de influência eurocêntrica, acaba por ser ideologicamente cooptada tanto pela “onda” *new age* quanto pelo capital que chega de mãos dadas com o desejo de apropriação do patrimônio maia por parte do Estado com os óbvios fins mercantis e turísticos da pior espécie. Não por acaso o que mundo tem é uma série de informações desencontradas sobre o que é maia (a começar pela gafe mais repetida, a “pedra do sol” *mexica* descrita como “calendário maia”), e ocorrem muitas misturas ideológicas que deturpam a identidade maia em nome de inserção política e econômica da burguesia e do Estado com suas identidades nacionais fabricadas que são estabelecidas como “maia” junto à diplomacia e às relações internacionais que abrem o caminho para a manipulação da mídia vendida ao redor do globo reproduzir os clichês.

Breve adendo: isso lembra que a própria mídia do clichê brasileira, ironicamente conhecida como “globo”, não fez de fato nenhum grande esforço de esclarecimento acerca dos maias e 2012 até hoje. Por outro lado, criou um programa sensacionalista: “Como aproveitar o fim do mundo”. Nada poderia ser mais patético do que isso. Quer dizer, há: a mídia dizer que “a data 21 de

¹⁴⁶ Entrevista disponível em <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=62887>.

dezembro de 2012 está no monumento 6 de Tortuguero", como se os maias do período clássico soubessem o que é "21 de dezembro".

Esta situação política entre Estado da Guatemala e movimento maia chegou – pasmem – à concessão de um “título” ao ex-presidente da Guatemala (Alvaro Colom), oficialmente uma espécie de “reconhecimento ancestral maia” ao governante do Estado opressor. Esta “benção” foi dada por um líder, o “maia” mais próximo ao governo da Guatemala, o que gera muita polêmica até hoje. A entrevista no sítio Rebellion.ORG é dessa época. O logotipo do governo federal levava sempre o nome de Alvaro Colom nas publicações do calendário maia que o governo ajudava a financiar e que não necessariamente foram sempre referências confiáveis.

Há um destaque maior tanto no caso de continuidade cultural dos calendários quanto de influência política por parte de duas etnias maias, a *K'iche'* e a *Kaqchikel*, que ocuparam mais os espaços urbanos e se instituíram mais; por isso alguns indivíduos dessas etnias tiveram maior capacidade para construir a burguesia indígena em torno do capital, vendendo consultas maias a qualquer turista que aparecer. Há uma tentativa de imposição de determinados usos e rituais do calendário que são de uma ou poucas etnias para que seja “MAIA” num sentido de unidade étnica que nunca existiu na história maia, desde a antiguidade. Conseguiram implantar em outras etnias seu desejo de unificação da identidade maia, que perigosamente se aproxima do Estado e pode desmobilizar ainda mais a resistência maia.

O ciclo de 2012 é uma teoria, e portanto sua tomada enquanto “fato” é uma falácia que essa burguesia e o Estado compraram de acadêmicos e conseguiram embutir na base do movimento indígena e indigenista pois, entre o proletariado e os camponeses, há algumas décadas o sentimento de “renascença maia” existe e é forte. Isto rompe com o sincretismo católico que vigora desde a invasão espanhola e passa pela época da ditadura militar e da guerra civil onde a maioria dos mortos foi maia. Por outro lado, essa resistência cultural da base é sufocada. Não é fim do mundo, nem do calendário maia, apenas de um ciclo que foi resgatado por um grupo de acadêmicos (e existem grupos de influência *new age* também) e, por essa razão, não é uma contagem (como dizemos, correlação de calendários) unânime – existem dezenas de teorias acadêmicas diferentes para marcar o ciclo de “2012” quatrocentos anos pra trás ou pra frente.

Estamos diante de um ciclo que é escolha e imposição política. E da invenção de novas tradições por parte de uma religião institucionalizada e apoiada pelo Estado, que tenta tornar homogêneas as cerimônias das diversas etnias maias. Isto é oposto ao caminho livre do que chamam de espiritualidade maia (que não é definida por eles como religião) que se afasta do catolicismo e ajuda a manter vários rituais e seus idiomas, preservando as tantas ricas categorias do pensamento ritual e político nativo.

As políticas neoliberais vendem a ideia de que os maias nunca foram tão livres e tão bem providos de políticas de educação intercultural, mas os maias não acreditam mais nesses discursos. A verdade é que a educação maia e

intercultural na Guatemala, como em quase todos os países, depende da vontade da comunidade, pois não se materializará de fato com apoio do Estado.

Há poucos dias as forças repressivas da Guatemala mataram sete maias numa grande manifestação...¹⁴⁷ Acho que cientistas sociais combativos do Brasil gostariam de saber desses informes pela autonomia indígena pra ver se passamos a discutir um pouco disso por aqui também, a situação indígena no Brasil e na América Latina! Todo apoio às demandas Guarani-Kaiowá¹⁴⁸ e de todas as outras etnias!

Neste livro estão apenas algumas das graves questões que não costumam chegar até nós e que são imprescindíveis para entender os próprios maias (e muitos outros indígenas) nos dias de hoje. Como tenho feito campo lá, essas são denúncias importantes até para apresentar o campo e “fatos” e “problemas” dos maias nos dias de hoje ao maior número de pessoas.

Espero que vocês possam levar esse debate mais adiante pra galera interessada, repassando essa mensagem.

Voltando ao calendário maia, me despeço deixando lembranças a todos nesse dia *Oxla'uj B'atz* (13-Macacos/13-Fios) do ciclo ritual, o fio de ideias que há de nos (re)unir e desatar os velhos nós da (in)diferença, dos conflitos egoístas e das hierarquias de poder forjadas (desde o âmbito familiar até os Estados opressores) para que possamos aproveitar bem a trezena do novo Caminho, que começa amanhã, em nome de uma construção autônoma, consciente e coletiva, cujas ideias estão sempre numa relação de democracia direta efetiva,

¹⁴⁷ Ver <http://globalvoicesonline.org/2012/10/05/guatemala-7-indigenous-protesters-killed-in-totonicapan/>.

¹⁴⁸ Para se inserir em debates sobre essa luta no Brasil, acesse www.cimi.org.br.

em debates que não buscam enredar os fios em nós que apenas prendem. Os nós se embolaram da política internacional aos menores municípios, não precisamos embolá-los nas nossas vidas.

Dia para os livres pensadores, artistas da produção, resistência racional que não se impõe aos macacos e à natureza como quer o capital; ao contrário, os macacos são símbolos da origem da cultura, como vemos no *Popol Wuj* com *Jun B'atz* e *Jun Chuwen* (ambos 1-Macaco), mas estes acabaram se enredando junto a seus irmãos mais novos e, por isso, perdendo seus lugares sociais na cultura humana.

Abraços,

Thiago Cavalcanti

tcavalcanti@id.uff.br

Apêndice 8

Tabela para converter datas para o *Tzolk'in*

Por Luís "Alektryon" Gonçalves (adaptado por Thiago Cavalcanti)

PROCEDIMENTO MATEMÁTICO PARA CONVERSÃO:

Somar os números equivalentes ao século, ano e mês da data gregoriana que se pretende converter para o *Tzolk'in*, usando as tabelas I, II e III. Depois, somar o dia. Se o mês for janeiro ou fevereiro, deve-se levar em conta se o ano é bissexto. Um ano é bissexto se for divisível por 4, e quando termina com dois zeros deve ser também divisível por 400. Exemplo: 1600 é bissexto, 1800 não. No caso de ser bissexto e o mês desejado for janeiro ou fevereiro, o valor calculado deve ser aquele marcado com o sinal (B) na tabela III.

Caso o número seja maior que 260, subtraia este valor até obter um valor entre 1 e 260 e consulte qual dos 260 dias equivale à data na tabela com os 260 dias do *Tzolk'in*.

TABELA I

SÉCULO	VALOR
1600 (1600-1699)	148
1700 (1700-1799)	12
1800 (1800-1899)	136
1900 (1900-1999)	0
2000 (2000-2099)	125
2100 (2100-2199)	249
2200 (2200-2299)	113

TABELA II

ANO	VALOR	ANO	VALOR	ANO	VALOR	ANO	VALOR
00	237	25	8	50	39	75	70
01	82	26	113	51	144	76	176
02	187	27	218	52	250	77	21
03	32	28	64	53	95	78	126
04	138	29	169	54	200	79	231
05	243	30	14	55	45	80	77
06	88	31	119	56	151	81	182
07	193	32	225	57	256	82	27
08	39	33	70	58	101	83	132
09	144	34	175	59	206	84	238
10	249	35	20	60	52	85	83
11	94	36	126	61	157	86	188
12	200	37	231	62	2	87	33
13	45	38	76	63	107	88	139
14	150	39	181	64	213	89	244
15	255	40	27	65	58	90	89
16	101	41	132	66	163	91	194
17	206	42	237	67	8	92	40
18	51	43	82	68	114	93	145
19	156	44	188	69	219	94	250
20	2	45	33	70	64	95	95
21	46	46	138	71	169	96	201
22	107	47	243	72	15	97	46
23	212	48	89	73	120	98	151
24	163	49	194	74	225	99	256

TABELA III

MÊS	VALOR	MÊS	VALOR	MÊS	VALOR
01 - Janeiro	0 (A) -1 (B)	05 - Maio	120	09 - Setembro	243
02 - Fevereiro	31 (A) 30 (B)	06 - Junho	151	10 - Outubro	13
03 - Março	59	07 - Julho	181	11 - Novembro	44

Os 260 dias do *Tzolk'in*

Dia 1 1 Imix	Dia 27 1 Manik'	Dia 53 1 B'en	Dia 79 1 Kawak	Dia 105 1 Chikchan	Dia 131 1 Chwen	Dia 157 1 Kab'an	Dia 183 1 Akb'al	Dia 209 1 Muluk	Dia 235 1 Men
Dia 2 2 Ik'	Dia 28 2 Lamat	Dia 54 2 Ix	Dia 80 2 Ajaw	Dia 106 2 Kimi	Dia 132 2 Eb'	Dia 158 2 Etz'nab'	Dia 184 2 K'an	Dia 210 2 Ok	Dia 236 2 Kib'
Dia 3 3 Akb'al	Dia 29 3 Muluk	Dia 55 3 Men	Dia 81 3 Imix	Dia 107 3 Manik'	Dia 133 3 B'en	Dia 159 3 Kawak	Dia 185 3 Chikchan	Dia 211 3 Chwen	Dia 237 3 Kab'an
Dia 4 4 K'an	Dia 30 4 Ok	Dia 56 4 Kib'	Dia 82 4 Ik'	Dia 108 4 Lamat	Dia 134 4 Ix	Dia 160 4 Ajaw	Dia 186 4 Kimi	Dia 212 4 Eb'	Dia 238 4 Etz'nab'
Dia 5 5 Chikchan	Dia 31 5 Chwen	Dia 57 5 Kab'an	Dia 83 5 Akb'al	Dia 109 5 Muluk	Dia 135 5 Men	Dia 161 5 Imix	Dia 187 5 Manik'	Dia 213 5 B'en	Dia 239 5 Kawak
Dia 6 6 Kimi	Dia 32 6 Eb'	Dia 58 6 Etz'nab'	Dia 84 6 K'an	Dia 110 6 Ok	Dia 136 6 Kib'	Dia 162 6 Ik'	Dia 188 6 Lamat	Dia 214 6 Ix	Dia 240 6 Ajaw
Dia 7 7 Manik'	Dia 33 7 B'en	Dia 59 7 Kawak	Dia 85 7 Chikchan	Dia 111 7 Chwen	Dia 137 7 Kab'an	Dia 163 7 Akb'al	Dia 189 7 Muluk	Dia 215 7 Men	Dia 241 7 Imix
Dia 8 8 Lamat	Dia 34 8 Ix	Dia 60 8 Ajaw	Dia 86 8 Kimi	Dia 112 8 Eb'	Dia 138 8 Etz'nab'	Dia 164 8 K'an	Dia 190 8 Ok	Dia 216 8 Kib'	Dia 242 8 Ik'
Dia 9 9 Muluk	Dia 35 9 Men	Dia 61 9 Imix	Dia 87 9 Manik'	Dia 113 9 B'en	Dia 139 9 Kawak	Dia 165 9 Chikchan	Dia 191 9 Chwen	Dia 217 9 Kab'an	Dia 243 9 Akb'al
Dia 10 10 Ok	Dia 36 10 Kib'	Dia 62 10 Ik'	Dia 88 10 Lamat	Dia 114 10 Ix	Dia 140 10 Ajaw	Dia 166 10 Kimi	Dia 192 10 Eb'	Dia 218 10 Etz'nab'	Dia 244 10 K'an
Dia 11 11 Chwen	Dia 37 11 Kab'an	Dia 63 11 Akb'al	Dia 89 11 Muluk	Dia 115 11 Men	Dia 141 11 Imix	Dia 167 11 Manik'	Dia 193 11 B'en	Dia 219 11 Kawak	Dia 245 11 Chikchan
Dia 12 12 Eb'	Dia 38 12 Etz'nab'	Dia 64 12 K'an	Dia 90 12 Ok	Dia 116 12 Kib'	Dia 142 12 Ik'	Dia 168 12 Lamat	Dia 194 12 Ix	Dia 220 12 Ajaw	Dia 246 12 Kimi
Dia 13 13 B'en	Dia 39 13 Kawak	Dia 65 13 Chikchan	Dia 91 13 Chwen	Dia 117 13 Kab'an	Dia 143 13 Akb'al	Dia 169 13 Muluk	Dia 195 13 Men	Dia 221 13 Imix	Dia 247 13 Manik'
Dia 14 1 Ix	Dia 40 1 Ajaw	Dia 66 1 Kimi	Dia 92 1 Eb'	Dia 118 1 Etz'nab'	Dia 144 1 K'an	Dia 170 1 Ok	Dia 196 1 Kib'	Dia 222 1 Ik'	Dia 248 1 Lamat
Dia 15 2 Men	Dia 41 2 Imix	Dia 67 2 Manik'	Dia 93 2 B'en	Dia 119 2 Kawak	Dia 145 2 Chikchan	Dia 171 2 Chwen	Dia 197 2 Kab'an	Dia 223 2 Akb'al	Dia 249 2 Muluk
Dia 16 3 Kib'	Dia 42 3 Ik'	Dia 68 3 Lamat	Dia 94 3 Ix	Dia 120 3 Ajaw	Dia 146 3 Kimi	Dia 172 3 Eb'	Dia 198 3 Etz'nab'	Dia 224 3 K'an	Dia 250 3 Ok
Dia 17 4 Kab'an	Dia 43 4 Akb'al	Dia 69 4 Muluk	Dia 95 4 Men	Dia 121 4 Imix	Dia 147 4 Manik'	Dia 173 4 B'en	Dia 199 4 Kawak	Dia 225 4 Chikchan	Dia 251 4 Chwen
Dia 18 5 Etz'nab'	Dia 44 5 K'an	Dia 70 5 Ok	Dia 96 5 Kib'	Dia 122 5 Ik'	Dia 148 5 Lamat	Dia 174 5 Ix	Dia 200 5 Ajaw	Dia 226 5 Kimi	Dia 252 5 Eb'
Dia 19 6 Kawak	Dia 45 6 Chikchan	Dia 71 6 Chwen	Dia 97 6 Kab'an	Dia 123 6 Akb'al	Dia 149 6 Muluk	Dia 175 6 Men	Dia 201 6 Imix	Dia 227 6 Manik'	Dia 253 6 B'en
Dia 20 7 Ajaw	Dia 46 7 Kimi	Dia 72 7 Eb'	Dia 98 7 Etz'nab'	Dia 124 7 K'an	Dia 150 7 Ok	Dia 176 7 Kib'	Dia 202 7 Ik'	Dia 228 7 Lamat	Dia 254 7 Ix
Dia 21 8 Imix	Dia 47 8 Manik'	Dia 73 8 B'en	Dia 99 8 Kawak	Dia 125 8 Chikchan	Dia 151 8 Chwen	Dia 177 8 Kab'an	Dia 203 8 Akb'al	Dia 229 8 Muluk	Dia 255 8 Men
Dia 22 9 Ik'	Dia 48 9 Lamat	Dia 74 9 Ix	Dia 100 9 Ajaw	Dia 126 9 Kimi	Dia 152 9 Eb'	Dia 178 9 Etz'nab'	Dia 204 9 K'an	Dia 230 9 Ok	Dia 256 9 Kib'
Dia 23 10 Akb'al	Dia 49 10 Muluk	Dia 75 10 Men	Dia 101 10 Imix	Dia 127 10 Manik'	Dia 153 10 B'en	Dia 179 10 Kawak	Dia 205 10 Chikchan	Dia 231 10 Chwen	Dia 257 10 Kab'an
Dia 24 11 K'an	Dia 50 11 Ok	Dia 76 11 Kib'	Dia 102 11 Ik'	Dia 128 11 Lamat	Dia 154 11 Ix	Dia 180 11 Ajaw	Dia 206 11 Kimi	Dia 232 11 Eb'	Dia 258 11 Etz'nab'
Dia 25 12 Chikchan	Dia 51 12 Chwen	Dia 77 12 Kab'an	Dia 103 12 Akb'al	Dia 129 12 Muluk	Dia 155 12 Men	Dia 181 12 Imix	Dia 207 12 Manik'	Dia 233 12 B'en	Dia 259 12 Kawak
Dia 26 13 Kimi	Dia 52 13 Eb'	Dia 78 13 Etz'nab'	Dia 104 13 K'an	Dia 130 13 Ok	Dia 156 13 Kib'	Dia 182 13 Ik'	Dia 208 13 Lamat	Dia 234 13 Ix	Dia 260 13 Ajaw

Referências bibliográficas

ALVARADO, Walburga Rupflin. *El tzolkin es más que un calendario*. Guatemala: CEDIM, 1995.

ARGÜELLES, José. *Time & the technosphere - The law of time in human affairs*. Rochester: Bear & Company, 2002.

ARGÜELLES, José. *O fator maia*. São Paulo: Cultrix, 2002.

BEUTTENMÜLLER, Alberto. *2012 - A Profecia Maia*. São Paulo: Ground, 2008.

CAUTY, André. Como nascem e se desenvolvem as tradições escritas matemáticas. Exemplos mesoamericanos. In: FANTINATO, Maria Cecília de Castello Branco (org.). *Etnomatemática - novos desafios teóricos e pedagógicos*. Niterói: Editora da UFF, 2009.

DAVOUST, Michel, *L'Écriture Maya et son Déchiffrement*. Paris: CNRS Éditions, 1995.

EBERL, Markus; PRAGER, Christian. B'olon Yokte' K'uh: Maya conceptions of war, conflict and the underworld. In EECKHOUT, Peter; LE FORT, Geneviève Le Fort (eds.). *Wars and conflicts in prehispanic Mesoamerica and the Andes. British Archaeological Reports International Series*, no. 1385. Oxford, UK: John and Erika Hedges Ltd, 2005.

EDMONSON, Munro. *The book of the year: middle american calendrical systems*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1988.

GARCÍA, Lolmay Pedro. *13 B'aqtun*. Guatemala: Comunidad Lingüística Kaqchikel, 2012. Disponível em www.kaqchikel.almg.org.gt/es/documentos/libros.html.

GERDES, Paulus. *Etnomatemática: reflexões sobre Matemática e diversidade cultural*. Famicão: Húmus, 2007.

GROFE, Michael J. The name of God L: B'olon Yokte' K'uh?. *Wayeb Notes* No. 30. 2009. Disponível em http://www.wayeb.org/notes/wayeb_notes0030.pdf.

GRONEMEYER, Sven. Glyphs G and F: identified as aspects of the maize god. *Wayeb Notes* No. 22. 2006. Disponível em http://www.wayeb.org/notes/wayeb_notes0022.pdf.

GRONEMEYER, Sven. MACLEOD, Barbara. What could happen in 2012: a re-analysis of the 13-Bak'tun prophecy on Tortuguero Monument 6. *Wayeb Notes* No. 34. 2010. Disponível em

http://www.wayeb.org/notes/wayeb_notes0034.pdf.

GRUBE, Nikolai; MARTIN, Simon; ZENDER, Marc. *The Proceedings of the Maya Hieroglyphic Workshop, March 9-10, 2002, University of Texas at Austin: Palenque and Its Neighbors*. Austin: University of Texas, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOUSTON, Stephen; STUART, David. Of gods, glyphs and kings: divinity and rulership among the Classic Maya. *Antiquity* 70. Cambridge: Antiquity Publications, 1996.

KELLEY, David H. & KERR, K. Ann. Mayan Astronomy and Astronomical Glyphs. Mesoamerican writing systems: a conference at Dumbarton Oaks, October 30th and 31st, 1971. Washington: Harvard University, 1973.

LOUNSBURY, Floyd G. Maya Numeration, Computation, and Calendrical Astronomy. *Dictionary Of Scientific Biography*. Volume 15, Supplement 1. New York: Charles Scribner's Sons, 1978.

MACLEOD, Barbara. Holding the Balance – The Role of a Warrior King in the Reciprocity Between War and Lineage Abundance on Tortuguero Monument 6. *Archaeoastronomy* 24. Austin: University of Texas Press, 2011 (2012).

MARCUS, Joyce. *Mesoamerican Writing Systems: Propaganda, Myth, and History in Four Ancient Civilizations*. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1992.

MILLER, Mary; TAUBE, Karl. *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Mexico and the Maya*. New York: Thames and Hudson, 1997.

MONTGOMERY, John. *Dictionary of Maya Hieroglyphs*. New York: Hippocrene Books, 2002.

MONTGOMERY, John. *Cycles in Time: The Maya Calendar*. Guatemala: Editorial Laura Lee, 2003.

PHARO, Lars Kirkhusmo. The Spatio-Temporal Ritual Practice of the Fifty-Two-Year Calendar in Mesoamerica. *Journal of Religious History*. Sydney, V.34(4), 2010. Disponível em:

<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9809.2010.00906.x/full>.

RICE, Prudence M. *Maya Political Science: Time, Astronomy, and the Cosmos*. Austin: University of Texas Press, 2004.

SCHELE, Linda; FREIDEL, David. *A forest of kings: the untold story of the ancient Maya*. New York: Morrow, 1990.

SCHELE, Linda; MATHEWS, Peter. *The Code of Kings: The Language of Seven Sacred Maya Temples and Tombs*. New York: Scribner, 1998.

SITLER, Robert. *The Living Maya: Ancient Wisdom in the Era of 2012*. Berkeley, California: North Atlantic Books, 2010.

SPINDEN, Herbert J. *Ancient civilizations of Mexico and Central America*. New York: American Museum Press, 1922.

STUART, David. *The Order of Days: The Maya World and the Truth About 2012*. New York: Harmony Books, 2011.

TAUBE, Karl A. A Prehispanic Maya Katun Wheel. *Journal of Anthropological Research* 44. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988.

TEDLOCK, Barbara. *Time and the Highland Maya*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1992.

THOMPSON, J. Eric S. *Maya Hieroglyphic Writing: Introduction*. Washington: Carnegie Institution of Washington, 1950.

TICUN, Nicolas Lucas; *Keb' Oxib' Nutzij*. Guatemala: Oxlajuj Ajpop, 2010.

VAN STONE, MARK. *2012 – Science & Prophecy of the Ancient Maya*. San Diego: Tlacaélel Press, 2010.

YASUGI, Yoshiho; SAITO, Kenji. Glyph Y of the Maya Supplementary Series. *Research Reports on Ancient Maya Writing* 34. Washington: Center for Maya Research, 1991.

SOBRE O AUTOR



Thiago no centro do campo do jogo de bola em Mixco Viejo, Guatemala.

Thiago José Bezerra Cavalcanti é natural de Niterói/RJ, a cidade de Araribóia, cuja identidade indígena ainda fala alto em seu nome. Desde o começo de 2011 é estudante de graduação em Ciências Sociais e Antropologia na Universidade Federal Fluminense, com a qual já tinha profunda relação. Thiago vem fazendo um trabalho ainda desconhecido pela maioria de seus colegas desde 2001, o que por escolha própria não é alardeado, já que considera-se à parte na medida em que tenta novos caminhos de autonomia desde antes da graduação, pesquisando a fundo questões ainda não observadas em sua instituição ou no Brasil. Nos últimos dois anos, esteve em pelo menos uma dezena de eventos acadêmicos no Brasil apresentando suas pesquisas sobre os maias, escrevendo ensaios e artigos que, infelizmente, estão longe de ter o espaço de diálogo que tais questões mereceriam às vésperas de 2012. Assim como diz-se de Linda Schele, Thiago tem um espírito de *edgewalker*, aquele que faz seus caminhos entre as bordas, rompendo as supostas fronteiras acadêmicas das disciplinas em nome de entendimentos mais profundos sobre aquilo que se escolhe estudar. Thiago está em campo por uma antropologia pautada em educação etnocientífica até para muitos professores que relativizam em defesa do cientificismo eurocêntrico.

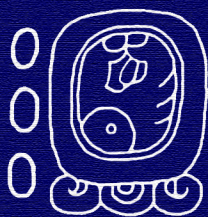
PROJETO



CMAIA

**PRODUÇÃO
INDEPENDENTE
E ABERTA**

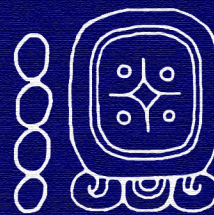
Brasil, 2012.



12.19.19.15.7



www.calendariosagrado.org



12.19.19.15.8

Do Brasil para Iximulew

«Ha sido una difícil y larga espera la que hemos tenido que enfrentar los Maya. La noche no tarda en terminar y nosotros hemos estado despiertos, por turnos, esperando la claridad. En esta larga noche, los Maya hemos vuelto a gestar posibilidades y capacidades. Por turnos, abuelas y abuelos y nietas y nietos hemos estado dialogando.

En toda esta espera, los nietos hemos escuchado mucho ruido alrededor de nuestras comunidades, cerca de nuestras casas, en lo profundo de nuestra tierra. Los abuelos nos han dicho que debemos estar en silencio hasta que la bruma nueva del amanecer nos cubija para volver a hablar. La bruma del mundo, la respiración del mundo hemos estado esperando y, aún la oscuridad restante nos mantenga en reserva, Palabra nueva ha de llegar.»

Ajq'ij Apab'yan Tew

«El 13 B'ak'tuun es la culminación de un período de 5200 años cortos importantísimos. Tiempo de reflexión, tiempo de hacer cambios estructurales desde la visión de los pueblos indígenas y la exigencia del cumplimiento de nuestros derechos individuales y colectivos. No estamos esperando milagros sino cambios sustanciales al comienzo del 14 B'ak'tuun para la reivindicación de nuestro pueblo colonizado desde el 11 B'ak'tuun y 13 K'atuun donde el colonizador nos impuso su cultura, su religión y su idioma sin embargo estamos vivos y en pie de lucha. Tiqamolo' qi' richin niqach'a'ojij ri qichin; man jun xtikanäj kan, qonojel kojyakatäj.»



Lolmay Pedro García

ISBN 978-85-914051-0-7



9 788591 405107